As Cartas Não Mentem

CD-ROM Folha 99

A respeito da resenha sobre o CD-ROM Folha – Edição 99, publicada na Macmania 67, informamos que a segunda edição da obra, atualmente à venda no mercado, corrigiu o problema citado no artigo, relacionado à acentuação na plataforma Macintosh. Os usuários Mac que adquiriram a primeira edição podem obter via Internet, a partir da página www.uol.com.br/publifolha/folha99.htm, um programa que elimina o bug. A obra foi dividida em dois CD-ROMs porque, pela primeira vez, foram reunidos cinco anos de edições da Folha de S. Paulo, o que corresponde a mais de 600 mil artigos e reportagens com acesso imediato. O leitor saiu ganhando com a mudança.

Carlos Kauffmann
Gerente do Banco de Dados
Folha de S.Paulo

Folgamos em saber que a referida resenha serviu para chamar a atenção sobre os problemas de uma das principais obras de referência em CD-ROM disponíveis no país (que conta inclusive com algumas centenas de artigos escritos pelo editor desta humilde revista).

Coelhada virtual

Somos assinantes da revista e gostamos muito dela; parabéns!
Nós trabalhamos na Grow Jogos e Brinquedos, no Departamento de Comunicação Visual, e seria desnecessário dizer que usamos Macintosh e estamos sempre atrás de novidades e informações confiáveis nessa área.
Como em outras empresas, aqui também temos dificuldade de convencer a diretoria da necessidade de comprar máquinas novas (se 32 MB de memória são suficientes para deixar um PC bala, por que precisamos de, no mínimo, 256 MB?). Pois bem, um aliado apareceu de surpresa após eu ter encomendado para o estúdio da Mauricio de Sousa Produções (que também só usa Macintosh) algumas imagens para a linha de quebra-cabeças deste ano. Repare na ilustração anexa, chamada "Coelhada Virtual", que até a Mônica e o Cebolinha têm iMacs! E com tablet! É a tecnologia a serviço dos cartoons!

Renato C. Cracco
growmkt@dialdata.com.br

Hostilidade

Por que vocês tratam alguns emails com tanta hostilidade? Eu mandei um email dizendo que falar dos clones do iMac é uma publicidade gratuita para eles, e vocês me responderam como se eu estivesse xingado a mãe de vocês. Me desculpem se eu ofendi. Essa não era a minha intenção. Por mais que vocês falem que os ePower, eMachine ou e-One são sem imaginação e que os caras são caras-de-pau, vocês estão divulgando a imagem do produto. E se, por exemplo, um cara gostou do iMac, mas não quer ter um Macintosh, comprou a Macmania para ler mais sobre o Mac (que eu considero melhor que o Windows, tanto que tenho um), e descobre que existe um computador parecido com o iMac, mas usa o Windows? Pronto, ele resolve comprar um eMachine. O cara pode ser um idiota, mas vocês divulgaram. Ele comprou um eMachine por causa da revista. Tudo bem que essa é uma hipótese que pode nunca acontecer, e que a Apple não permitiu que eles (as cópias) fossem vendidos, mas vocês falando do produto (seja bem ou mal), o estão divulgando. Do mesmo jeito que vocês falam que os caras são cínicos e sem imaginação, tem gente falando que iMac é coisa de afeminado e que as cores são exageradas, embora os macmaníacos adorem. Por favor, não levem isso como ofensa, é só uma coisa que veio na minha cabeça e quis comentar com vocês. E para a minha sorte, eu não vou fazer Publicidade...

Daniel Ribeiro
danielrs@mandic.com.br

A idéia não era ser hostil, por isso desculpe-nos se o linguajar foi um tanto rude para você. As respostas desta seção são meio esculachadas, a fim de estimular a leitura. Porém, vamos deixar bem clara a nossa posição em relação ao assunto. Nosso dever como meio de comunicação é informar e bem ou mal, esses clones são notícias que podem interessar aos macmaníacos. Do mesmo modo que você acha que estamos fazendo propaganda desses caras-de-pau e que isso pode levar alguém a comprar tais máquinas aqui no Brasil (mesmo sabendo que elas nunca vão aparecer por aqui), tem gente que pode ficar agradecida por ter sido informada sobre o assunto e não ter corrido o risco de comprar a máquina por engano. É uma possibilidade tão remota quanto a sua. De qualquer maneira, acreditamos que um dia todos os computadores serão compactos, coloridinhos e boiolas. E se o cara leu a revista e mesmo assim resolveu comprar um clone, deve exigir junto seu Atestado de Mané.

PDF Writer?

Na Macmania 67, o suplemento MacPRO informa que o PDF Writer tem distribuição livre. Pergunto aos colegas da revista:
1) Seria shareware ou freeware?
2) Onde é que eu encontro o PDF Writer para Mac com distribuição livre?
Já fui no site da Adobe e não achei. No Version Tracker também não. Agradeço antecipadamente, pois pretendo criar arquivos PDF para mais facilmente os compartilhar com pecezistas que tenham o Acrobat Reader.

Renato Pereira de Figueiredo
Vitória da Conquista/BA
renato@uesb.br

Pelo que se depreende do site da Adobe, o PDFWriter para Windows é freeware; para Mac só é disponível como parte do Acrobat. No site www.adobe.com/support/downloads/main.html *só tem o link para Windows. Triste.*

Índice

Get Info

Editor: *Heinar Maracy*
Editores de Arte: *Tony de Marco e Mario AV*
Conselho Editorial: *Caio Barra Costa, Carlos Freitas, Jean Boëchat, Luciano Ramalho, Marco Fadiga, Marcos Smirkoff, Muti Randolph, Oswaldo Bueno, Rainer Brockerhoff, Ricardo Tannus*
Gerência de Produção: *Egly Dejulio*
Gerência Comercial: *Francisco Zito*
Contato: *Kátia Regina Machado*
Assinaturas: *S&A Marketing Direto e Editorial, Fone: 11-3641-1400*
Gerência Administrativa: *Clécia de Paula*
Fotógrafos: *Andréx, Clicio, J.C.França, Marcos Bianchi, Ricardo Teles*
Capa: *Foto: Andréx Photoshop: Mario AV*
Redator: *Márcio Nigro*
Assistentes de Arte: *Bruno Doiche, Felipe Fatarelli, Marcio Shimabukuru*
Revisor: *Alessandro Lima*
Colaboradores: *Alberto Alerigi Jr., Ale Moraes, Bruno Mortara, Carlos Eduardo Witte, Carlos Ximenes, Cláudia Tenório, Céllus, Daniel de Oliveira, David Drew Zingg, Dimitri Lee, Douglas Fernandes, Fabiana Caso, Fargas, Gian Andrea Zelada, Gil Barbara, J.C.França, João Velho, Luis Carlos Zardo, Luiz F. Dias, Marcello Gaú, Mario Jorge Passos, Maurício L. Sadicoff, Néria Dejulio, Renata Aquino, Ricardo Cavallini, Ricardo Serpa, Roberta Zouain, Roberto Conti, Rodrigo Martin, Tom B.*
Fotolitos: *Postscript*
Impressão: *Copy Service Ind. Gráfica*
Distribuição exclusiva para o Brasil: *Fernando Chinaglia Distribuidora S.A. – Rua Teodoro da Silva, 577 – CEP 20560-000 – Rio de Janeiro – RJ – Fone 21-575-7766*

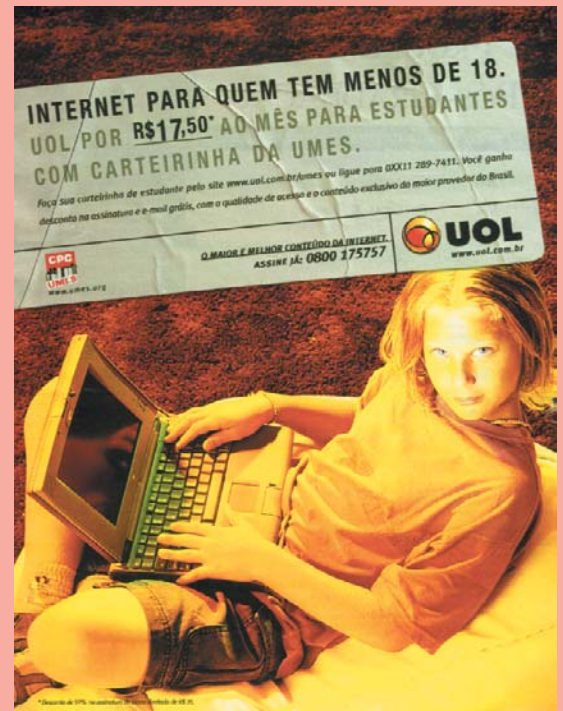
Find...

***Macmania** é uma publicação mensal da Editora Bookmakers Ltda. Rua Itatins, 95 – Aclimação CEP 01533-040 – São Paulo/SP Fone/fax: 11-253-0665*

Mande suas cartas, sugestões, dicas, dúvidas e reclamações para os nossos emails:
editor@macmania.com.br
marketing@macmania.com.br
assinatura@macmania.com.br

Macmania na Web:
www.macmania.com.br

O Mac na mídia

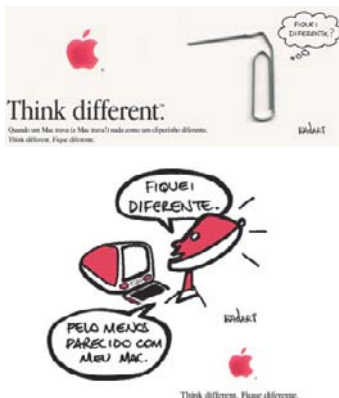
BUMBA DIFERENTE
Quem der a sorte de estar num ponto de ônibus da Av. Paulista, em São Paulo, bem na hora que essa belezinha passar, vai se sentir em San Francisco.

BONITA, GOSTOSA, MODERNA E SEM GRANA
Essa menina (ou esse menino, vai saber) precisa economizar para poder comprar um iBook rapidinho. Ela (ele?) ainda surfa com um PowerBook 520. Mas minha dúvida é: como ela acessa a Internet com a tela desligada?

Tony de Marco

PERFORMA A JATO
Não tinha um modelo mais novinho para colocar na home de um provedor de alta velocidade?

Macartunista

Gostaria de parabenizá-los pela revista, que está sempre recheada, saborosa como uma maçã.
Estou trabalhando como desenhista freelancer e hoje de manhã fiz dois cartuns, brincando com o slogan da Apple.

Marcelo Badari
BAdARI
cartoon/mbadari@uol.com.br

Conexão Mac-PC

Estou um bocado chateado. Tenho um G3 266 MHz com Mac OS 8.6 e um PC com Windows 98. Tentei fazer a rede ponto a ponto, como explicado na Macmania 59, e nada! No PC, tudo OK! No Mac, segui todas as instruções, pesquisei na Internet etc. Criei uma nova configuração de TCP/IP chamada LocalNet via Ethernet, com IP 192.168.0.1 e Subnet Mask 255.255.255.0. Habilitei o File Sharing e o AppleTalk; mas, quando habilito o Web Sharing, vem a terrível mensagem de que o TCP/IP não está configurado corretamente ou não está instalado. Por favor, me ajudem! Por que o File Sharing só funciona se o AppleTalk estiver ligado, se vou utilizá-lo via TCP/IP?
O que quer dizer 802.3 no menu de configuração do TCP/IP ?
Por que a Apple não faz um Help decente, explicando todas as opções que há em suas caixas de diálogo?
No entanto, o Web Sharing, o File Sharing e o TCP/IP funcionam corretamente via Internet. Afinal, suas dicas de conexão baratinha entre um pecezinho e um Mac são para valer ou não?

Wilson J. B. Maciel
wjbm@iname.com

O File Sharing e o AppleTalk só funcionam sobre o TCP/IP no Mac OS 9. No 8.6 não vai rolar mesmo. A dica da Macmania 59 serve para transformar o Mac em um servidor de Web, que pode ser usado para compartilhar arquivos. Quanto à documentação da Apple, dê uma busca em Web Sharing no site http://til.info.apple.com. *Você vai encontrar informação suficiente para uma boa semana de estudos sobre o assunto.*

Voodoo no iMac

Queria saber se meu iMac 233 é compatível com o acelerador gráfico Voodoo. Tem espaço para eu plugar a placa no meu iMaczinho? Ah, se eu instalar o Mac OS 9 no meu iMac, ele vai ficar mais lento ou não vai diminuir a performance?

Marcelo Gilano
megacelo@hotmail.com

Os iMacs originais (bondi-blue) possuem o slot Mezzanine, que foi eliminado nas revisões posteriores. É tecnicamente possível instalar uma placa Voodoo nele, resultando em um bom ganho de desempenho. Porém, isso não é recomendado pela Apple. Provavelmente porque, como todo dono de iMac sabe, esses Maczinhos coloridos esquentam um bocado. A placa Voodoo também é um forninho. Junte os dois e você pode chegar em casa um dia e encontrar uma poça de plástico azul-esverdeado sobre a mesa. Mas temos um leitor destemido que já fez esse upgrade e promete contar tudo a respeito em uma próxima edição.
Quanto ao Mac OS 9, pode instalar que ele não irá afetar o desempenho do seu iMac, mas é bom que você tenha pelo menos uns 64 MB de RAM.

Regiões de DVD

Como um “quase” proprietário de um iMac DV SE, gostaria de saber com qual região (0,1,4, por exemplo) o drive de DVD deste computador é compatível.

Edenilson Roberto
reality@sti.com.br

O iMac pergunta qual região você quer usar quando abre o DVD Player pela primeira vez. Depois disso, você ainda pode mudar de região cinco vezes. A última escolhida fica definitiva. O DVD-RAM dos G4 não tem essa limitacão, permitindo tocar DVDs de várias regiões.

iMac com pau!

Comprei um iMac 333 azul não faz nem um mês, e estou tendo os seguintes problemas:

Ao instalar novas fontes – o ATM 4 – ou mesmo ao inicializar o computador, aparece uma mensagem. “Error type 10 - Restart” e diz para restartar com o Shift, a fim de desabilitar as extensões. Faço isso, e aparece outra mensagem: “Address error - Restart”. Restarto, e aparece uma nova mensagem: “Illegal instruction - Restart”.

O problema se resolve da seguinte forma: restarto pelo CD e restauro o sistema. Mas aí eu perco todas as configurações e tenho que fazer tudo de novo. Só para me certificar e fazer tudo do “zero”, já inicializei o disco uma vez.

Meu maior medo é que, muito provavelmente, isso irá acontecer hoje de novo quando eu for ligá-lo à noite.

Marcello Correia
marcello@elektra.com.br

O seu ATM provavelmente não é compatível com sua versão de sistema. Baixe o último update do site da Adobe.

Internet bloqueada

Tenho um Powerbook G3 “bronze” e um iMac Revision A. Acesso a Internet pelos dois, mas em ambos não consigo utilizar o Explorer nem o Outlook. Quando tento abrir qualquer site, como por exemplo o da Macmania, aparece a seguinte mensagem: “The attempt to load www.macmania.com.br failed”. Já pelo Outlook, dá erro na autenticação do login e da senha. O que pode estar acontecendo?

Luis Eduardo P. Machado
lemach@uol.com.br

Cheque o número do DNS do seu provedor, que está no painel TCP/IP. É provável que ele esteja errado.

Tabela zoada

a nova família do imac. destrinchada

Veja o que os três modelos atuais têm em comum e o que os diferencia

Ops!!

	iMac DV SE	iMac DV	iMac (básico)
Preço	R$ 3.390	R$ 4.090	R$ 4.390
Cores		Tangerine, Lime, Grape	
Disco rígido	13 GB	10 GB	6 GB
Cache nível 2	512 K		
Bus do sistema	100 MHz		
Interface USB	Duas portas independentes, cada uma de 12 Mb/s		
Memória RAM máxima	512 MB		

Oba!!!! Vamos comprar logo o iMac DV SE, antes que o preço volte ao normal!!!

Fabio Luiz Piscochi
fabio@moderna.com.br

Porque você acha que eles sumiram da praça? E, antes que alguém fale, há outro erro nessa tabela. Os iMacs DV coloridos também têm saída para um segundo monitor.

Drive Que!

Comprei um drive Que! USB, mas com ele somente vem o Toast 3.8, que não suporta esse drive. O que posso fazer para utilizá-lo em meu Mac?

Hulk
ronyvp@zaz.com.br

A versão do programa que vem com o Que! se chama Toast USB 3.8, portanto, é totalmente compatível. Quem não é compatível com o Que! é o Toast 4.0. Se você tem essa versão, escolha Web CheckUp no menu Internet do Toast 4 para baixar o patch que o compatibiliza com o Que! Drive.

Modem a cabo

Entrei em contato com o Virtua para instalação de um modem a cabo. Eles responderam que não seria possível, porque “o Macintosh lê com muita rapidez o pacote que eles mandam e não podem aceitar o IP” (isso são palavras deles, não minhas). Também disseram que estão tendo o mesmo problema com o Win NT; portanto, suporte só para Win 9x. Estão trabalhando com “a Macintosh” (segundo o supervisor técnico, a “antiga Apple”) para resolver o problema, que está sem previsão de solução. Pelo comentário genial, não acredito que irão resolver rápido. Vocês têm alguma idéia do que pode estar acontecendo? O modem que eles usam, o Terapro, da Terayon, deveria funcionar em Macs sem problemas...

Jonathan Lake
jlake@uol.com.br

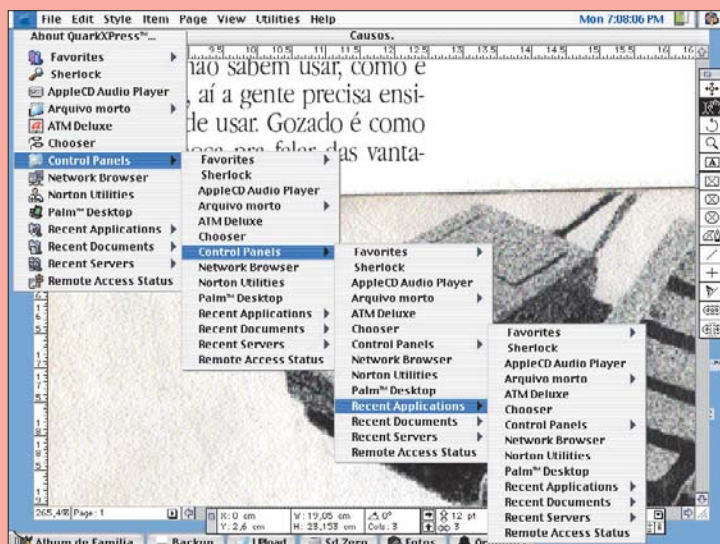
Veja matéria nesta edição. Parece que o pessoal “da Macintosh” já resolveu o problema

Cabo ideal

Tenho um PC em casa, e ganhei um scanner Agfa 1212u. Gostaria de saber qual o melhor cabo para ligá-lo, já que, tanto nas lojas quanto na matéria por vocês publicada, fiquei com um pouco de dúvidas.

Célia Hanashiro
celiahana@yahoo.com

Um cabo USB. Se o seu PC não tem placa USB, vale a pena comprar uma (custam cerca de R$ 100). A instalação do scanner, (depois que você entra na configuração de periféricos da BIOS para habilitar a placa e reinstala os drivers USB do CD original do Windows) é totalmente Plug & Play.

Bomba do leitor

Aconteceu usando o QuarkXPress com um dos temas do Aqua espalhados pela rede.

André B. Rodrigues
powerbook@uol.com.br

Apple Brasil vende Macs por

AppleDirect vende direto ao consumidor iMacs, iBooks,

Seguindo o exemplo da matriz americana, a Apple Brasil resolveu vender Macs e afins pessoalmente, ou melhor, por telefone. O **AppleDirect** é uma linha 0800 exclusiva para adquirir iMacs, iBooks, periféricos como impressoras Epson e HP e games como Unreal, Quake e SimCity. Os produtos são entregues em casa em até 48 horas. Você pode pagar à vista com qualquer cartão de crédito, ou financiar a compra pelo banco ABN. Infelizmente, quem tentou comprar um iMac DV logo nos primeiros dias de lançamento do AppleDirect, não conseguiu. A previsão de chegada dos novos modelos é para o início de março.

Revendas não gostaram

A notícia, obviamente, é muito boa para os usuários, principalmente aqueles que moram em regiões mal atendidas pelo canal de vendas da Apple. As revendas Apple, porém, não gostaram da novidade. Muitas nem estavam sabendo da decisão ou souberam por fontes extra-oficiais. “A Apple foi muito deselegante em tomar essa decisão sem comunicar oficialmente as revendas”, disse Fernando Perfeito, responsável pela divisão Mac da SED Magna, principal distribuidora Apple. “Isso com certeza deverá desmotivar empresas que estavam pensando em distribuir produtos Apple em regiões que não são atendidas pelas revendas hoje”. Perfeito, no entanto, não acredita que o serviço irá alavancar um número expressivo de vendas. “O brasileiro gosta de ver o que está comprando. Se a Dell não conseguiu implantar esse modelo aqui, por que a Apple iria conseguir?” Ele concorda, no entanto, que essa é uma tendência no mercado mundial de computadores. “A saída para as revendas é apresentar um diferencial em termos de serviços e atendimento ao consumidor, coisa que o serviço da Apple não terá”. Segundo o gerente geral da Apple Brasil, Luciano Kubrusly, o objetivo do AppleDirect é ampliar as vendas da Apple onde seu canal de vendas é fraco: fora de São Paulo. “Estamos deixando de vender por não possuirmos um meio de fazer chegar o nosso produto ao consumidor”. Kubrusly acha que a venda direta não vai atrapalhar significativamente as revendas estabelecidas. “Muita gente prefere comprar em loja a fazer compras por telefone”. Kubrusly disse ainda que várias revendas já estavam sabendo que a Apple Brasil iria começar a vender diretamente ao consumidor. Segundo ele, a empresa está estudando também a venda pela Internet, nos moldes da AppleStore americana, mas ainda não sabe se também irá vender direto ao consumidor a linha profissional, os Macs G4.

Brasil é caso à parte

É certo que a Apple faz a mesma coisa nos Estados Unidos, mas lá o mercado é muito maior. Aqui, a Apple nunca conseguiu ampliar significativamente seu canal de vendas, e é comum a reclamação de revendas devido às margens de lucro apertadas. Ano passado, a maior revenda Apple, a AppleStore, pediu concordata. “Não sou contra a venda direta”, diz Valdete

Novos Macs arrasam Tóquio

iBook SE, PowerBook com FireWire e novos G4 fazem a festa dos japoneses

Mais de 100 mil visitantes fizeram da **Macworld Tóquio** o maior evento de Mac do mundo, superando a feira de São Francisco. Como novidades, o iBook ganhou uma versão na cor grafite, finalmente saiu o PowerBook com portas FireWire e os G4 voltaram a ter a velocidade prometida no seu lançamento.

iBook Special Edition

A Apple decidiu melhorar o iBook e criou uma edição especial. Os atuais laptops tangerina e blueberry de 300 MHz passam a vir com 64 MB de RAM e um HD de 6 GB – sem aumento de preço (US$ 1.599 nos EUA, R$ 4.999 no Brasil). Já o novo iBook Special Edition sairá nos EUA por US$ 1.799 e terá o visual grafite do iMac DV SE, processador G3 de 366 MHz, 64 MB de RAM e HD de 6 GB. O novo e melhorado iBook já está disponível nos Estados Unidos e logo deverá estar desembarcando no Brasil.

Ilha portátil

Depois de quase um ano, os PowerBooks G3 ganham finalmente uma nova linha. Steve Jobs revelou a versão 2000 do “laptop mais rápido do mundo” em sua apresentação de abertura da feira. A nova linha foi conhecida durante muito tempo pelo seu codinome: *Pismo*. Oficialmente, o novo modelo continua sendo chamado de PowerBook G3 – ou, para distinguir dos modelos anteriores, “PowerBook FireWire”. Ele mantém o visual das versões anteriores (codinomeadas Wall Street e Lombard), só que agora traz um chip G3 de 500 MHz e duas portas FireWire no lugar da SCSI.

A foto oficial de imprensa do iBook SE é a mesma do iBook original, recolorida pela Apple. Pode?

Com esse lançamento, todas as máquinas da Apple agora podem ser conectadas à rede sem fio. Antenas e slot para a placa AirPort já vêm dentro dos novos PowerBooks. Com o acréscimo do FireWire, combinado com o software de edição de vídeo Final Cut Pro e uma câmera de vídeo DV, o PowerBook se transforma em “uma ilha de edição portátil com potência suficiente para acelerar qualquer projeto de vídeo digital”, segundo Jobs.
Os novos PowerBooks já estão disponíveis nos EUA, por US$ 2.499 (400 MHz, 64 MB SDRAM,, HD de 6 GB, DVD-ROM) e US$ 3.499 (500 MHz, 128 MB SDRAM, HD de 12 GB e DVD-ROM).
Quem está pensando em trocar de PowerBook poderá aproveitar drives de Zip, disquete ou CD-ROM compatíveis com as baias do Bronze, mas não vai poder aproveitar a memória RAM, que é diferente.

telefone

impressoras e games

Sena, diretora da AppleStore e da revenda MacWorld. "Mas ela deveria ter sido feita com bom senso, não desorganizadamente e sem respeito pelas revendas, como foi feito. Se o objetivo é ampliar as vendas para o interior, o AppleDirect deveria indicar as revendas locais para quem está ligando de uma cidade onde existem revendas Apple, como São Paulo, e não vender diretamente".

Para Marcia Pantaleão, da MacMouse, uma loja dirigida ao usuário final em São Paulo, o AppleDirect deverá afetar principalmente as pequenas revendas. "A Apple deveria se preocupar mais em abrir novos mercados, passar a mensagem do que é o Mac, em vez de competir com suas próprias revendas".

AppleDirect: 0800-120202

O novo PowerBook G3 ("Pismo") tem a mesma aparência do Bronze, duas portas FireWire e AirPort

G4 volta aos 500 MHz

Steve Jobs anunciou também que os Power Macs G4 finalmente estão sendo vendidos nas velocidades de 400, 450 e 500 MHz, sem alteração nos preços. Ou seja, voltaram às velocidades originalmente anunciadas em agosto do ano passado.

Rapster dá samba

Versão Mac de software para buscar MP3 é brasileira

Para quem sai à caça de MP3 na Internet, já existe mais um software além do Macster *(ver a edição passada)* para ajudá-lo a encontrar o que deseja. Desenvolvido pelos programadores brasileiros da Overcaster, o **Rapster** é uma versão para Mac do Napster, polêmico software de PC que é alvo de uma ação judicial movida pela indústria fonográfica norte-americana, que quer proibi-lo. Além de ter uma interface bem mais simpática que a do Macster e oferecer um conveniente sistema de busca de músicas por artista e nome, o Rapster, que tem versões em português e inglês, inclui recursos não encontrados no "concorrente", como chat, mensagens privadas e lista de canais, além de vários outros detalhes interessantes. O resultado é que, na primeira semana, foram feitos mais de 5 mil downloads do programa. Nada mau para um software beta! Entramos em contato com o criador do Rapster, **Eduardo Foster**, para uma entrevista.

Macmania - Quem desenvolveu o Rapster? Quais são os outros projetos de vocês?

Foster - O Rapster foi desenvolvido por mim, com ajuda da Roberta Zouain *(colaboradora da Macmania)*. Entre outros projetos, temos o Do It Yourself (um editor de HTML pra Mac totalmente em português, que será lançado em breve) e o TicTacToe, um jogo-da-velha para jogar via TCP/IP (Internet ou rede local). Estamos trabalhando também em um gerenciador de arquivos e em um programa de mensagens instantâneas que usa a rede IRC como servidor.

Macmania - Como surgiu a Overcaster?

Foster - Surgiu de um grupo de amigos que decidiu se juntar para fazer programas para Mac e Windows. Eu e a Roberta cuidamos da parte Mac da "família".

Macmania - Por que vocês escolheram o Napster para clonar?

Foster - Um dia recebi um email da Roberta sobre a liberação do protocolo do Napster. Na verdade não foi bem uma liberação; foi mais uma "engenharia reversa" feita por alguns desenvolvedores que "espiaram" a porta de comunicação do Napster, conseguiram o protocolo e criaram uma lista chamada NapDev, com programadores de várias plataformas clonando o Napster (de Mac, acho que só eu faço parte da lista). Baixei um texto sobre o protocolo (que é bem complicado e muito chatinho) e o Macster, para ver como funcionava essa tal de rede do Napster. Depois de uma hora e meia, já tinha conseguido fazer a primeira versão, com tudo o que o Macster tinha. Mas o importante era fazer algo mais; então, fiz a parte de chats, Private Messages e Channel List. Estava pronto o beta 1, que foi lançado e fez bastante sucesso. Só não fez mais sucesso graças à nossa querida Embratel. Teve um cara usando uma T3 em Nova York que só conseguiu baixar a 91 bytes por segundo!

Rapster é mais avançado que o Macster e também mais bonito

Macmania - É muito complicado programar para Mac?

Foster - Depende. Hoje há programas ótimos, como o REALbasic, que é muito simples. Ele agora tem opções de acesso à ToolBox (API do Mac OS) e ficou bastante poderoso. O AppleScript também ganhou grandes "poderes" com o Mac OS 9. Daí para cima, as linguagens (mais poderosas e mais difíceis) são as mesmas do mundo Windows: C, C++, Pascal etc.

Macmania - E dá dinheiro?

Foster - Não sei, é melhor você perguntar pro Rainer *(Brockerhoff, outro colaborador da Macmania, responsável pela versão Mac do dicionário Aurélio)*. Todos nossos programas são freewares. Mas as oportunidades são grandes: a plataforma está crescendo cada vez mais no Brasil.

Macmania - Por onde deve começar alguém que queira aprender a programar para Mac?

Foster - Do mesmo jeito que alguém de qualquer plataforma: estudando programação a sério. Não adianta baixar o CodeWarrior ou o REALbasic e tentar fazer alguma coisa, se você nunca viu nada a respeito de programação na sua vida e não tem nenhuma noção da lógica das linguagens de programação. Tem que estudar um pouquinho antes. Com um mínimo de noção, o cara vai pra frente. O que não falta é auxílio, principalmente para Mac, como a lista MacDev-BR e o próprio DRC (Developers Resource Center) da Apple, que é muito prestativo.

Macmania - Qual foi a reação de vocês ao ver estourar o número de downloads do Rapster?

Foster - Ficamos muito felizes. É legal ver o seu trabalho reconhecido, ainda mais com 5 mil downloads em menos de uma semana. Agora estamos trabalhando para atender à demanda. Os usuários requisitaram muito poder continuar os downloads interrompidos. Isso já é possível no beta 2.

Rapster: www.macnews.com.br/overcaster/rapster.html

G4 Brasil importa “arma letal” da Apple

por Carlos Eduardo Witte e Mario AV
fotos Andréx • ilustrações Tom B

durante duas semanas (que passaram muito rápido), tivemos a oportunidade de testar o que a Apple chama de “primeiro supercomputador pessoal desktop”: um dos primeiros exemplares do modelo topo-de-linha dos Macs baseados no chip PowerPC G4 a chegar ao Brasil, o Power Mac G4 de 450 MHz.

Separando o hype do trigo

Em primeiro lugar, por que chamam essa máquina de “supercomputador”? Bem, é evidente que o que caracteriza um supercomputador é a performance superior à dos computadores normais (ou “não-super”).
A performance de uma CPU pode ser medida pelo número de “flops” – abreviação de *floating point operations per second* (operações matemáticas de ponto flutuante por segundo). E pelas marcas atuais (ou melhor, recentes, já que o governo americano reviu seus conceitos em relação à restrição de exportação de supercomputadores), um computador é “super” quando supera a marca de 1 *gigaflop*, ou seja, um bilhão de operações de ponto flutuante por segundo. Poxa, o G4 faz tudo isso? Um gigaflop?!?
Há controvérsias. O modelo de referência de 500 MHz tem performance sustentada de um 1 gigaflop, pico de 4 gigaflops e média de 2 gigaflops, segundo o material de marketing da Apple.
Essa performance toda se dá graças ao Velocity Engine (também conhecido como AltiVec), um “turbo” de 128 bits embutido no processador. Ele consegue realizar o cálculo de quatro operações de 32 bits em cada ciclo de CPU, aumentando fantasticamente a performance para tarefas de computação intensiva. Essa característica por si só é especialmente interessante para os usuários profissionais de Mac, para quem não existe máquina rápida demais.
Mas, antes, pés no chão. É preciso varrer um pouco do marketing da Apple para baixo do tapete. A verdade é que, assim como os computadores pessoais evoluíram muito, também evoluíram os supercomputadores.
O supercomputador mais rápido do mundo chama-se ASCI Red e atinge a performance de 3 *teraflops* (1 teraflop = mil gigaflops). *Três mil* vezes mais rápido que um G4!
Mas não desanime: a comparação é injusta, já que o ASCI possui 9536 processadores Pentium Xeon, 606 GB de memória RAM, conexões de fibra óptica para tudo quanto é lado, e ocupa um galpão inteiro. A IBM está iniciando a construção de um supercomputador de 1 *petaflop* (1 petaflop = mil teraflops = 1 milhão de gigaflops), que deve ficar pronto dentro de cinco anos.

Uma máquina sob medida para os profissionais que precisam de cada fração de segundo a mais

Rápido o bastante?

Entre nós, os não-afortunados, existe um consenso geral de que o G4 já é um computador extremamente rápido, mais do que qualquer PC da mesma classe e mais do que suficiente para executar qualquer trabalho complexo de DTP ou rodar os jogos mais alucinantes. Para o “resto de nós” há o G3, mas há também essa turma que trabalha com Macintosh e ganha por minuto, que precisa de cada centelhésimo de performance, que somente um supercomputador pode dar.
Essa turma são os profissionais que usam o Macintosh para a produção de trabalhos *realmente* complexos. São filtros de Photoshop em imagens gigantescas, encriptação de dados em massa, *desktop video*, computação gráfica 3D, “ripagem” de arquivos... Enfim, a lista vai longe. Muita gente faz isso hoje em dia e, acredite, apesar de não parecer, para executar estas operações em tempo real é preciso de um “supercomputador”, ou performance acima de 1,5 gigaflops.
O que esses profissionais têm feito até agora é comprar placas de aceleração caríssimas e úteis somente para esta ou aquela função. Ou então, simplesmente ir tomar um café enquanto esperam. Em alguns casos, até almoçar. O G4 vem para dar um fim a tudo isso – ou pelo menos, encurtar o seu tempo de almoço.

Números superlativos

A enorme potência do G4 não poderia vir sozinha. Para dar vazão ao poder de processamento do chip, é necessário que o resto do hardware seja capaz de acompanhar a sua velocidade.
O G4 vem com um disco rígido grande e potente: 27 GB num poderoso Ultra-ATA/66, um novo padrão muito usado nos PCs, que se assemelha à performance do Ultra SCSI. Ele pode chegar a taxas de gravação de 40 MB/s. E você pode plugar na máquina mais de 100 GB, entre discos internos e externos.
O *bus* (barramento) do sistema é de 100 MHz. A placa de vídeo ATI RAGE 128 vem ▶

Ele não foi feito para jogar Quake, mas o vídeo ATI e o slot AGP garantem o espetáculo

plugada em um slot AGP 2x (outro padrão nos atuais PCs mais parrudos), que oferece excelente performance gráfica e aceleração 3D.
Esse modelo do G4 vem com 256 MB de memória PC-100 SDRAM, de alto desempenho e barata. A capacidade total de memória é de incríveis 1,5 GB.
Ele também tem 1 MB de backside cache, o mesmo que os G3 azuis atuais. Três slots PCI extras, três portas FireWire (uma interna e duas externas) e uma porta Ethernet 10/100 Base-T. As duas portas USB de 12 Mbps são independentes – ao contrário dos G3, nos quais ambas saíam do mesmo controlador. Só que o G4 atual não tem mais a porta ADB para mouse e teclado. É de supor que já tenha havido tempo suficiente para a adoção generalizada dos periféricos USB.
Também há um slot para instalar o cartão (opcional) do AirPort, o sistema de comunicação sem fio da Apple (a antena já vem embutida).

CD-R ou DVD-RAM?

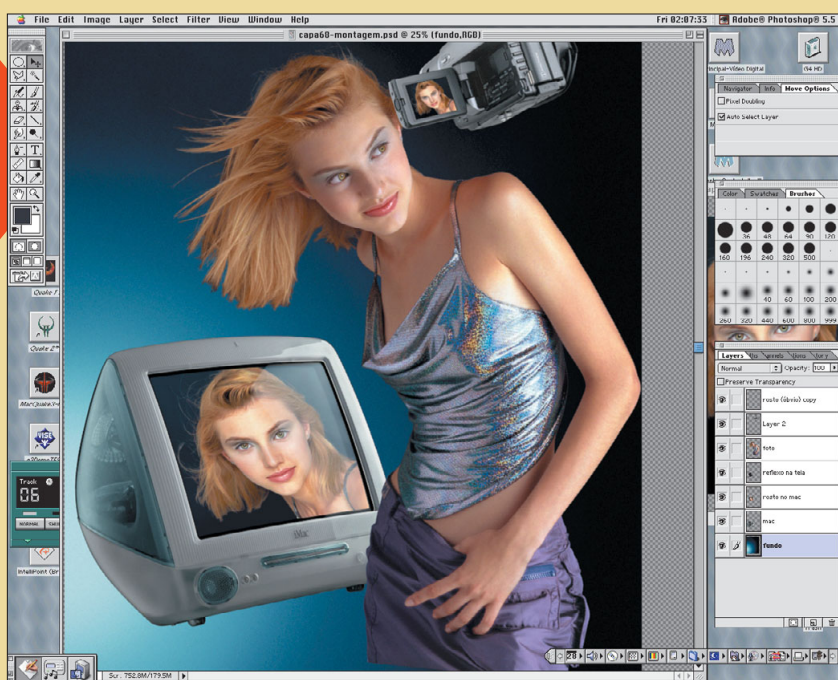
Para armazenamento, ele vem com um drive Zip interno de 100 MB e uma total novidade: o DVD-RAM, que permite ler e gravar dados em mídias DVD. E o melhor: sem necessidade de software adicional. É tudo na base do *drag and drop*: selecione os arquivos que deseja gravar no DVD e arraste para o ícone do disco. Só isso. E cada DVD pode armazenar 5,2 GB de dados. Tão simples, fácil e poderoso que Steve Jobs até ironizou, em sua apresentação: "Então, quem quer o drive de disquete de volta?"
Mas o DVD-RAM não é para todo mundo. Mesmo para muitos profissionais, ele ainda está um pouco à frente demais. Talvez fosse mais útil um CD-RW, opção que não existe em nenhuma das configurações do G4. Quantos clientes para quem você tem que entregar um serviço têm leitor de DVD, e quantos têm leitor de CD? Por outro lado, o uso do DVD-RAM para simples becapes é uma ótima idéia, dado o baixo custo por megabyte (um cartucho custa em redor de R$ 150).
O ideal mesmo seria ter um gravador de CD e outro de DVD. Mas espere aí – um deles teria que ser externo, pois só há duas baias frontais, e a outra contém o Zip. Numa máquina com todo esse tamanho? Tsc, tsc…
O drive de DVD-RAM é feito pela Matsushita (Panasonic), assim como os drives de CD usados pela Apple. Em vez de bandeja, ele tem uma gaveta dupla que desliza para fora a fim de receber tanto cartuchos de DVD quanto CDs "pelados". Reparamos em duas pequenas desvantagens no drive. Em primeiro lugar, a parte do mecanismo que puxa o CD funciona da mesma forma que os elegantes drives *slot-loaded* que equipam os novos iMacs DV, mas nada indica que alguém na Apple tenha pensado em implementá-lo da mesma forma no gabinete torre do G4. Em segundo lugar, o drive é bege (afinal de contas, é o mesmo modelo usado em PCs) e horrível de fechar quando vazio (é preciso empurrar com a mão, mas falta um ponto de apoio decente).
Curiosamente, o G4 não inclui modem. Ainda que quem tenha calibre para investir num G4 provavelmente também tenha acesso a uma conexão dedicada com a Internet, o fato de uma máquina tão completa excluir um simples modem denota um certo pão-durismo por parte da Apple.

Hot Function Keys
Function Key Mappings
Click a button to choose an item for the key to open or drag the item into the box.
F1 Nothing Assigned — F7 Nothing Assigned
F2 Nothing Assigned — F8 Nothing Assigned
F3 Nothing Assigned — F9 Nothing Assigned
F4 Nothing Assigned — F10 Nothing Assigned
F5 Nothing Assigned — F11 Nothing Assigned
F6 Nothing Assigned — F12 Nothing Assigned
Clear
Function Key Settings
Use F1 through F12 as Function Keys
(When this is selected, hold down the Option Key to use Hot Keys.)
Cancel OK

O G4 vem com a função Hot Function Keys ativada. Se você usa programas que precisam das teclas de função – e, se está comprando um G4, quase certamente usa – desligue logo esse feature, para não ativá-lo sem querer até morrer louco

Mac OS 9 é show

Os G4 vêm com um CD exclusivo de boot com o Mac OS 9 (os da primeira leva vinham com o Mac OS 8.6). O CD de instalação tem o sistema operacional completo, com a capacidade de restaurar a configuração original com um duplo clique. Além disso, o CD de instalação já

Ter um G4 com o monitor Studio Display se traduz em trabalhar a velocidades vertiginosas, em milhões de cores, com resoluções de tela estúpidas

traz os plug-ins da Adobe que otimizam o desempenho do Photoshop para o Velocity Engine. No caso de você não ter o Photoshop, os plug-ins de aceleração ficam "escondidos" no System Folder, de forma tal que, quando você instala a versão 5.5 do programa, eles são automaticamente incluídos na instalação. Mais profissional, impossível.

Estranho, talvez, é o fato de alguns G4 não terem vindo já com o Mac OS 9. Se você tem uma dessas máquinas, o upgrade para o Mac OS 9 é um imperativo para resolver uma certa lentidão que ocorre no 8.6 ao abrir programas e no acesso ao HD.

Ao ligar a máquina pela primeira vez, abre-se um vídeo de propaganda e em seguida um programinha para registrar o computador... via Internet! Só que, do jeito que a máquina vem configurada, o programa de registro fica tentando se conectar à Internet pelo modem, sem se dar conta da sua inexistência. Esquisito...

Força-multitarefa

Uma grande melhora foi sentida na multitarefa. O G4 consegue executar várias tarefas ao mesmo tempo sem perda de performance de aplicativos rodando tanto "na frente" (*foreground*) quanto "atrás" (*background*). É possível deixar um filme QuickTime do tamanho da tela rodando em *background* enquanto se abre janelas no Finder. Em um iMac, nem pense em tal coisa.

Para quem "boiou" agora, aí vai uma explicação. O processador divide o seu tempo em "fatias" para os vários programas que estão rodando juntos; ele faz um rodízio, rodando um pouco de cada programa a cada vez. Isso ocorre muito rapidamente, e a sensação é de que tudo roda simultaneamente. Essa é, resumindo muito, a tal da multitarefa.

No Mac OS até a versão 9, os programas "decidem" quanto tempo irão usar do processador, mesmo que fiquem ociosos durante uma boa parcela desse tempo. O resultado é que os programas "na frente" atrapalham os que estão "atrás".

Em um esquema mais moderno, chamado multitarefa *preemptiva*, o sistema operacional é que define a distribuição de tempo, o que resulta em maior eficiência. É assim que funciona o Windows NT e, futuramente, o Mac OS X.

O que acontece no G4 é que o processador tem performance de sobra, que permite alternar entre as funções tão rapidamente que dá a impressão de que a multitarefa é muito superior ao que realmente é.

Para não atrasar o lançamento do G4, a Apple equipou os primeiros exemplares com uma motherboard que é uma simples adaptação do G3 azul. Os G4 atuais já vêm com o slot gráfico AGP. Ambos têm exatamente a mesma aparência, exceto por uma coisa: os plugs de áudio do G4 AGP são alinhados verticalmente (nos G4 originais, eles ficam na horizontal)

DVD bugado

Curioso é o DVD Player da Apple e seu controlador redondo, meio confuso, com aparência de aço escovado similar à do Player do QuickTime 4. A versão que vem com o Mac OS 8.6 funciona, mas tem problemas de sincronismo. Lá pelas tantas, assistindo a "Notting Hill", notamos que a Julia Roberts estava falando como nos filmes dublados de kung-fu: primeiro os lábios se moviam, depois vinha o som.

Instalado o OS 9, outra surpresa. Ele não só *não* instala o DVD Player como, se você o instala manualmente, ele não funciona. Foi preciso ir ao site da Apple e pegar a versão nova (Apple DVD Software 2.0, só para o Power Mac G4 com AGP) para que conseguíssemos ver filmes em DVD. O problema de sincronismo melhorou um pouco, mas continua.

Estranhamente, não tivemos problemas para tocar DVDs de zonas variadas no G4. Muitos DVD players só reproduzem filmes liberados para venda no Brasil (Zona 4). Isso acontece até nos iMacs DV. So que no G4, tocamos filmes Zona 1 e Zona 4, sem problemas. Não há documentação da Apple falando se isso é um "feature" do drive de DVD-RAM ou se foi um bug causado pela reinstalação intensiva do software. De qualquer forma, foi muito bem-vindo.

Um conselho: mesmo o monitor de 17" é muito pequeno para reproduzir DVDs. Se você for louco ou rico o suficiente para comprar um G4 só para assistir DVDs, considere usar um monitor maior, ou plugá-lo na sua TV de alta definição!

Outro tipo de software que mostra o poder do G4 são os browsers. O MS Internet Explorer 4.5 para Mac é bastante lento para exibir páginas HTML, em especial se comparado com o IE 5 para Windows. No G4, o Explorer constrói as páginas na tela com velocidade impressionante.

Evolucionário, não revolucionário

OK, mas no mundo real o G4 será usado mesmo é com softwares profissionais. E como fica a performance, nesses casos?

O drive de DVD-RAM é uma novidade bem-vinda, mas apresenta uma série de bugs

Programas considerados "pesados" para a maioria dos outros Macs, como o Adobe InDesign e o Photoshop, rodam tranquilamente. Para um cozinheiro de pixels, é comum trabalhar com arquivos em *layers* de 300 MB, que facilmente geram discos de rascunho (*scratch disks*) acima de 1,5 GB. Arquivos de 30 ou 60 MB, que já podem dar algum trabalho ao G3, são cafezinho para o G4. Com o Photoshop 5.5 otimizado, é possível "fotoxopar" tranquilamente em imagens de 200 MB para cima. São necessários documentos realmente *muito* pesados para dar algum trabalho ao G4.

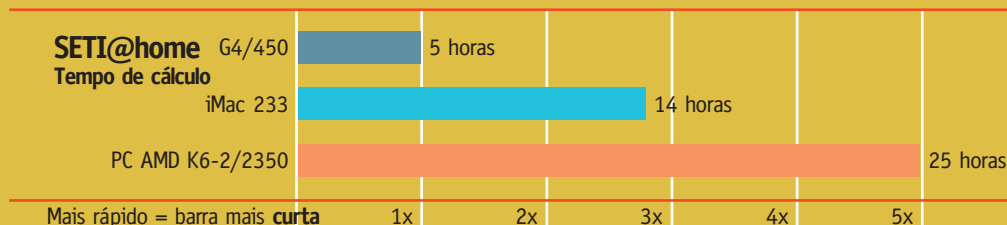
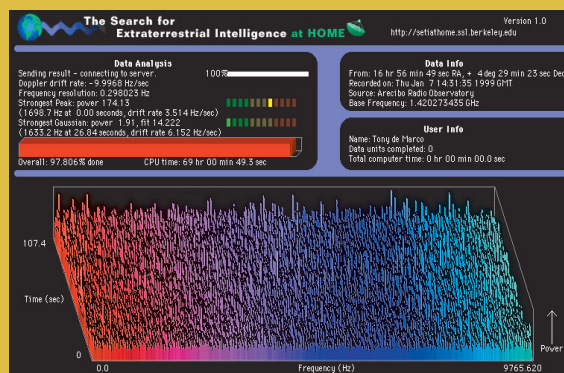
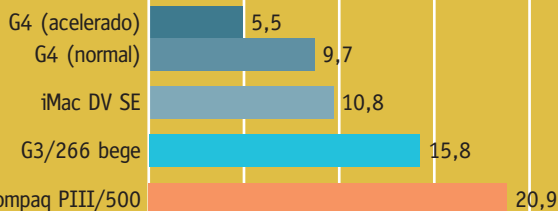
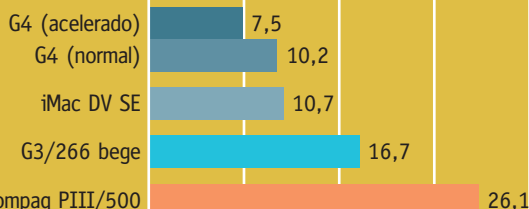
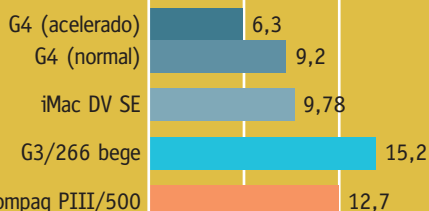
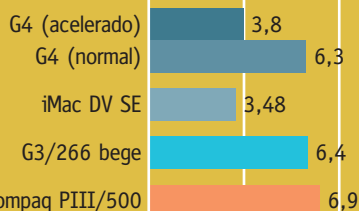
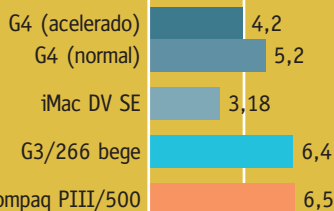
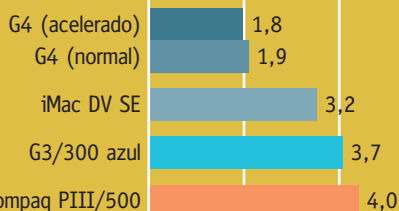
Mas isso não é o mínimo que se pode esperar? Chega a ser tedioso dizer, pela enésima vez, que "o Photoshop roda um pouco mais rápido no novo Mac"... É certo que o G4 economiza minutos preciosos na edição profissional de imagens, mas a sensação de uso não é a de algo *revolucionário* – apenas *evolucionário*.

Por exemplo, a capa da nossa edição passada ("Vídeo Digital") foi feita no G4 de teste em oito horas. No G3/266, é provável que levasse de dez a doze horas – não o dobro do tempo, como seria de esperar a partir dos benchmarks, mas talvez uns 30% a mais. Porque uma grande parcela do trabalho – selecionar contornos, recortar, aplicar brushes, borrachas e curvas – já é feita em tempo real no G3.

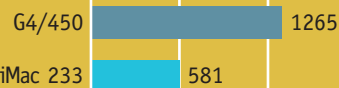
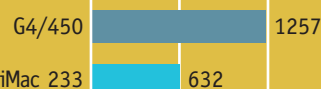
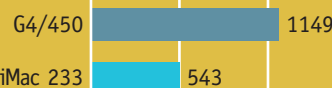
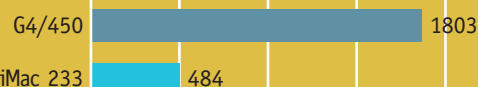
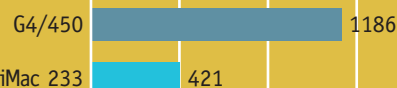
É certo que os filtros no G4 rodam na metade do tempo, e abrir e salvar os documentos é absurdamente rápido. Ter à mão um gravador de DVD-RAM é espantoso. Mas, e aí? Qual tecnologia surpreendente o G4 tem a oferecer? Nenhuma. Lá está o velho Mac OS de sempre, com suas ineficiências e bombas esparsas – mais algumas novidades desagradáveis.

Em nossos testes, o G4 bombou uma vez, sem qualquer motivo detectável, no meio de uma operação de filtro Median com o rascunho a 1,8 GB. O Photoshop 5.5 era o único aplicativo aberto. Muito estranho, já que o Photoshop é completamente imbombável no G3. Os filtros de distorção (Wave, Spherize etc.) criaram estranhas faixas coloridas horizontais na imagem, com ou sem o plug-in de aceleração. O Quake III travou a máquina em uma mudança de tamanho de tela. E o drive de DVD dá umas interrompidas no playback de CDs de música.

Em busca de vida inteligente no G4

Se você anda atrás de números para impressionar um pecezista, há um software que dá uma boa medida do que é capaz o chip G4. Existe um projeto na Internet, chamado **SETI@home**, do grupo de pesquisas SETI (Search for Extraterrestrial Intelligence). Um software colhe na Internet e examina trechos de sinais de rádio obtidos por gigantescas antenas de recepção, em busca de algum sinal de vida inteligente extraterrestre. Para isso são utilizados cálculos complexos, que exigem muito do processador. Por esse software estar disponível para todas as plataformas importantes, acabou virando uma espécie de benchmark informal e motivo de disputas entre equipes de empresas como Compaq/Digital, SGI e Sun. O próprio Steve Jobs o utilizou para demonstrar publicamente a performance do G4. Nos testes, um PC com K6-2 de 350 MHz levou cerca de 25 horas para executar o cálculo; um iMac de 233 Mhz, mais de 14 horas; o G4, pouco mais de 5 horas. O recorde de performance é de 2 horas por cálculo, obtido por computadores Compaq/Digital equipados com os chips Alpha RISC, utilizando sistema operacional Unix de 64 bits... Ou seja: o G4, mesmo utilizando o velho e remendado Mac OS e sem a otimização AltiVec, chega muito perto dos computadores mais poderosos do planeta.

Testes de Photoshop

Teste	Máquina	Tempo
Rotate 45° CW	G4 (acelerado)	5,5
	G4 (normal)	9,7
	iMac DV SE	10,8
	G3/266 bege	15,8
	PC Compaq PIII/500	20,9
Distort Twirl 50,100%	G4 (acelerado)	7,5
	G4 (normal)	10,2
	iMac DV SE	10,7
	G3/266 bege	16,7
	PC Compaq PIII/500	26,1
Distort Spherize 100%	G4 (acelerado)	6,3
	G4 (normal)	9,2
	iMac DV SE	9,78
	G3/266 bege	15,2
	PC Compaq PIII/500	12,7
Render Lens Flare 100% 50-300mm	G4 (acelerado)	3,8
	G4 (normal)	6,3
	iMac DV SE	3,48
	G3/266 bege	6,4
	PC Compaq PIII/500	6,9
Save TIFF Mac, LZW	G4 (acelerado)	4,2
	G4 (normal)	5,2
	iMac DV SE	3,18
	G3/266 bege	6,4
	PC Compaq PIII/500	6,5
Save JPEG 10, Standard	G4 (acelerado)	1,8
	G4 (normal)	1,9
	iMac DV SE	3,2
	G3/300 azul	3,7
	PC Compaq PIII/500	4,0

1x 2x 3x 4x

Mais rápido = barra mais **curta**
Acelerado = Plug-in AltiVec ativado
Tempos em segundos

Norton System Info

HD "queimado"

O drive interno do G4 é outro problema. Ele é bem rápido e tem 27 GB ou 25 GB – o número exato depende de você ser um técnico em computação ou um marketeiro *(veja o box "Mas o HD é de 27 ou 25 GB?")*. Lindo. Beleza. Só que é da marca Western Digital – a mesma que quase faliu no ano passado, logo depois de um desastroso *recall* de HDs defeituosos.

Para os usuários de G3 que já viram ir para o vinagre os famigerados HDs Caviar, da Western (em alguns casos, exatamente uma semana depois do fim da garantia), não é nada reconfortante. É, no mínimo, uma temeridade a Apple insistir com um fornecedor tão "queimado". Um drive Quantum seria bem melhor.

Velocity Engine, só amanhã

O G4, em uso normal com o Velocity Engine em ação, é duas a quatro vezes mais rápido que um G3 topo de linha. Mas essa é uma medida relativa, pois ainda se contam nos dedos de uma mão os softwares que já foram otimizados para tirar proveito do Velocity Engine. Acredita-se que, em aplicativos totalmente otimizados, essa diferença possa chegar a dez vezes.

Aliás, pelo fato de o Velocity Engine não acelerar toda e qualquer operação do processador, o mote do "supercomputador" perde a maior parte do seu apelo. É mais ou menos o que aconteceu com o MMX dos Pentium. Desde que inventou o MMX, a Intel fala nos anúncios de TV que "o Pentium acelera a Internet"; em resposta, a Apple diz que "o Velocity Engine faz do G4 um supercomputador". Ambas levam a extremos a capacidade da propaganda em distorcer a realidade a seu favor.

As duas tecnologias são instruções adicionais para o processador. Se o software "comum" não sabe que elas existem, fica tudo na mesma. Quando um plug-in que usa as instruções novas é instalado, apenas aquela função específica é acelerada. Ou seja: quem compra hoje um G4, ro-dando Mac OS 9, e usa os softwares normais, vai sentir apenas uma leve melhoria sobre um G3 de mesmo clock. Sim, otimizaram algumas coisas, mas os gargalos ainda são os mesmos. Para sentir os reais efeitos do Velocity Engine, o Mac OS tem que ser todo recodificado para usar as novas instruções, especialmente o QuickDraw, o que não aconteceu no Mac OS 9 – só vai rolar mesmo no Mac OS X, com o Quartz *(ver Macmania 68)*. Não basta recompilar ligando uma opção do compilador: é preciso usar as novas instruções e aprender em que ordem de execução elas realmente aceleram ao máximo, coisa que nenhum programador faz de uma hora para outra.

Vai ser necessária uma nova geração de aplicativos para tirar vantagem do Velocity Engine

Outro fator que está retardando isso é a necessidade de se recodificar parte dos aplicativos também. Por exemplo, o Photoshop teria que ter boa parte reescrita especialmente para o Velocity Engine, ou então usar o recurso de versão dupla – uma normal e uma G4 – ou uma versão *"fat"*, que aumentaria o seu tamanho em 50%.

É bem provável que em 2001 finalmente teremos o Mac OS X e os aplicativos mais importantes otimizados (e, mais para frente, aplicativos *G4-only* que nem sequer rodarão nessas "carroças" G3). Enquanto isso, as promessas vão sendo cumpridas, mas bem devagarzinho. Podemos falar mal da imprecisão do pessoal de marketing, mas não podemos esquecer que, no amor e na guerra de plataformas, vale tudo. A Apple não estaria onde está se lançasse o G4 dizendo algo do tipo "É uma nova geração de CPUs, mas ainda não acelera nada; esperemos dois anos e vamos ver no que dá".

Está escrito em todo lugar. A Apple indica claramente o G4 para aplicações extremamente exigentes; qualquer coisa que exija processamento intensivo. Em fevereiro, a Apple fez o update do Mac OS X Server para a versão 1.2, que agora suporta o G4. Assim, o G4 Server com o Mac OS X Server se tornou a plataforma ideal para *video streaming* profissional. Esse é um bom exemplo do tipo de uso que a Apple sugere para o G4.

Venda um rim

Mesmo que muita gente se sinta tentada a ter em casa um Mac monstro desses, não é o mais indicado para se confrontar com um iMac na hora da compra. O G4/450 custa caro: R$ 10.650,00 pela tabela da Apple Brasil, não incluso o monitor. É quase o preço de *quatro* iMacs Revisão D (ou dois iMacs DV SE).

Achou caro demais? Bom, depende do que se compara a ele. Para a pessoa física em geral, que executa tarefas rotineiras como fazer textos, planilhas e acessar a Internet, vai ser muito difícil botar as mãos nele. Vai ter que vender a mãe... e mesmo assim, supondo que ela esteja em bom estado! Seria melhor e mais barato investir num iMac.

Apesar de não carregar a denominação, o Power Mac G4 é uma *workstation* com todas as letras. Você pode até utilizá-lo para games, mas deve ser alguém que leva games muito a sério! Seus concorrentes no mercado – se é que os Macs *high-end* têm concorrentes – são os PCs topo-de-linha, todos aqueles que trazem o nome "workstation" escrito em algum lugar, como os da IBM, Intergraph e SGI. Por exemplo, a workstation IBM Intellistation, baseada no Pentium III Xeon de 500 MHz, custa mais de 26 mil reais (também sem monitor). Por outro lado, um PC topo-de-linha da Dell – Pentium III de 700 MHz com configuração mais modesta, mas com monitor de 17" incluso – custa R$ 6 mil no Brasil.

A conclusão é que, se levarmos em conta os preços altos dos PCs de grife no Brasil, o G4 não custa um absurdo, mas também não é barato nem acessível. Nos EUA, ele custa apenas US$ 3.500. E, se tem uma hora em que a gente sente uma certa inveja dos gringos, é quando visita a Apple Store deles: um G4 topo de linha completo, com todos os opcionais que é possível embutir pela Apple Store – aí inclu-

Meu HD é de 25 ou 27 GB?

Afinal, o G4 vem com um disco de 27 gigabytes, como diz a propaganda da Apple, ou 25,6, como está na janela de Get Info?

A resposta é: ambas estão corretas. Tudo depende se você é uma pessoa mais voltada para o lado do marketing ou mais para a engenharia. Ou, em língua de geek, mais para o decimal ou mais para o binário.

Pessoas marqueto-decimais acham que um kilobyte é igual a mil bites, um mega equivale a mil kilobytes, um giga a mil megas e assim por diante.

Já os engenheiro-binários sabem que um kbyte são 1024 bytes; para elas, o HD do G4 mede:

25,53 x 1024 x 1024 x 1024 = 27.412.628.767

Esse é o tamanho efetivo da partição de dados, fora uns 375 KB utilizados para mapa de partição, drivers etc., que não afetam os cálculos.

Ou seja, todo o problema reside na definição do que é um gigabyte. Um leigo o define como 1 bilhão de bytes e o técnico como 1.073.741.824 bytes; essa diferença de 7,4% é a raiz do problema.

A diferença entre MB e milhões de bits é menor (4,8%) do que a diferença entre GB e bilhão de bytes (7,4%).

Não há como processar a Apple ou o fabricante do drive por propaganda enganosa, porque não há definição oficial de gigabyte (o "Aurélio" dá ambos os valores) e não existe um só vendedor ou folheto, de qualquer marca, que use o valor "técnico"...

Essa controvérsia existe desde que a Humanidade começou a comprar e vender discos rígidos. Na época anterior ao drive de 1 GB, pouca gente ligava.

sos 1,5 GB de RAM, 100 GB de HD e o Apple Cinema Display – custa apenas US$ 19.100... imagine só o quanto custaria esse mesmo sistema no Brasil!
Demorou, mas os G4 de clock mais baixo começaram a chegar ao Brasil. Em fevereiro, os de 400 MHz já estavam à venda, por R$ 7.690 (com modem!) e os de 350 MHz previstos para o final do mês, ainda sem preço definido. Só que na última hora a Apple decidiu aumentar a velocidade dos G4, fazendo eles voltarem à configuração original (400, 450 e 500 MHz), o que tornou a situação um pouco confusa.
Após duas semanas de testes, nossa única decepção foi precisar devolver o G4. A polícia teve que insistir muito... :-) M

CARLOS EDUARDO WITTE cewitte@mac.com
Não venderia ninguém da família para comprar um G4. Vai esperar a versão multiprocessada primeiro.

MARIO AV marioav@mac.com
Não venderia um rim para comprar um G4, mas, quem sabe, dois iBooks ou três iMacs DV...

*Colaboraram **Heinar Maracy** e **Rainer Brockerhoff**

Monitor é lindo, mas não é para todos

Junto com a máquina de teste, a Apple nos enviou um monitor Apple Studio Display (R$ 1.760) com tubo de 17" e tela semiplana (Diamondtron da Mitsubishi, um clone idêntico do Sony Trinitron), na cor grafite (combinando com o G4). A qualidade da imagem é espetacular, como é usual nos monitores vendidos pela Apple (também, pelo que custa...).
O grande barato desse modelo em particular é que ele tem uma infinidade de ajustes de geometria – mais do que em qualquer outro monitor que já testamos – que conseguem eliminar completamente certos tipos de distorções na imagem com os quais teríamos que nos conformar em outros monitores.

Milhões de cores e de resoluções

Com a placa de vídeo ATI do G4, é possível escolher entre uma enorme variedade de resoluções, de 640 x 480 até 1600 x 1200 pixels. A resolução 1600x1200, que poderia ser útil para quem trabalha com CAD, é horrível e inusável. Tudo fica tão pequeno que você mal enxerga o texto dos menus do Mac OS, e o lento *refresh rate* de 60 Hz é capaz de causar ataques epilépticos.
A segunda maior resolução, 1280x1024, é a melhor para quem mexe com DTP, mas, por ter uma proporção mais quadrada, deixa duas áreas inúteis nas laterais da imagem.

Se você usar a imaginação e fitar a imagem inferior direita durante algum tempo, verá porque o nome de código desse monitor na Apple era "Moby"

Para você que trabalha para a Web, a resolução 1024x768 é ideal para não perder a noção do tamanho das coisas na tela.

Bonito, mesmo quando desligado

O gabinete do monitor é muito bonito e antecipa o visual das janelinhas do Aqua, pois tem o contorno arredondado em cima e reto embaixo. Mas a separação das três pernas, quase simétrica, atrapalha se a sua mesa tiver pouca profundidade. Em vez de ficarem duas pernas para os lados na frente e uma para trás, fica uma para frente; caso contrário, o monitor fica perto demais do rosto.
Por outro lado, a altura da tela é perfeita. Um problema sério de grande parte dos monitores a partir de 17" é que eles são baixos demais. Como, devido ao peso, eles não podem ser colocados em cima de CPUs, precisam ser inclinados para cima – isso quando a articulação na base permite. Algum gênio na Apple percebeu o problema e fez o Studio Display mais alto.

Ambição desmedida

Quem trabalha com CAD e modelagem 3D certamente precisa de um monitor maior (o Studio Display de 21" também está disponível na cor grafite). A Apple lançou nos EUA, como a companhia ideal para o G4, o monitor *flat panel* mais *cool* do mundo: o Apple Cinema Display. Com tela de 22", resolução monstro, proporção de tela de cinema e sinal de vídeo digital, é um sonho de monitor. Mas custa US$ 3.999 nos EUA e tem edição limitada, sendo vendido somente em companhia do G4 na loja da Apple na Internet. Difícil dizer se chegará ao Brasil. Se chegar, não sonhe muito alto, pois deverá custar estarrecedoramente caro.

Compartilhando seu Macintosh

Você usa o Netscape, ela o Explorer. Você gosta de ver suas janelas por lista, ela gosta de botões. As crianças vivem jogando seus arquivos importantes no lixo. Sua mãe ganhou um mês de Internet grátis no bingo e quer experimentar na sua máquina. O que fazer? Multiple Users (Múltiplos Usuários), é a solução.

Dentre as novidades do Mac OS 9, uma das melhores, sem dúvida, é o painel de controle Multiple Users, que serve justamente para preparar seu Mac para trabalhar com vários usuários. Assim, o dono da máquina pode criar uma "conta" para cada um deles, com opções personalizadas para doutrinar o uso do Mac. Você pode, por exemplo, controlar quais aplicativos e arquivos cada pessoa poderá acessar, prevenindo o uso indevido da máquina. O Multiple Users aceita até 40 contas de usuários e uma conta de usuário convidado *(guest)*. Vejamos como isso acontece na prática.

Passos básicos

Quando você abre o Multiple Users, surge a janela onde você irá adicionar, editar ou deletar usuários.

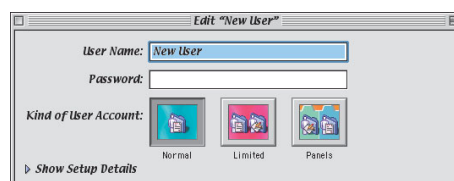
Você verá vários botões: **New User** (cria um usuário); **Open** (modificada as preferências de um usuário); **Duplicate** (duplica um usuário existente); **Delete** (deleta o usuário selecionado); e **Options** (abre a janela de configurações gerais).

Em baixo na janela existem as opções On e Off. Selecione On para habilitar o recurso Multiple Users.

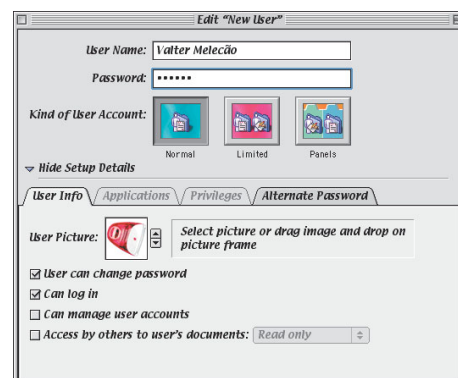
Usuários e modos

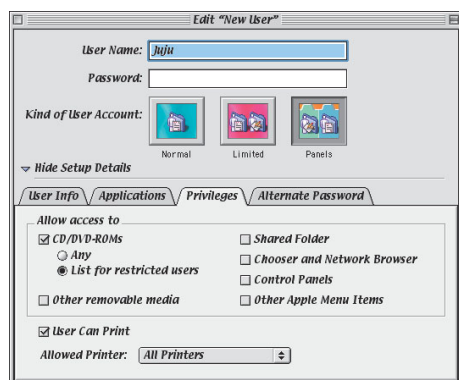
Ao criar um novo usuário, o Multiple Users oferece três diferentes modos de uso – os botões Normal, Panels e Limited –, além do modo de acesso total ao Mac, acessível somente para o dono *(owner)* do computador. Para exemplificar melhor a utilidade de cada modo, vamos imaginar a família Marcolino, que conta com quatro pessoas felizes por terem um iMac em casa: Seu Jurandir, o pai; Dona Ester, a mãe; Valter, o filho macmaníaco; e a irmãzinha caçula, Juju.

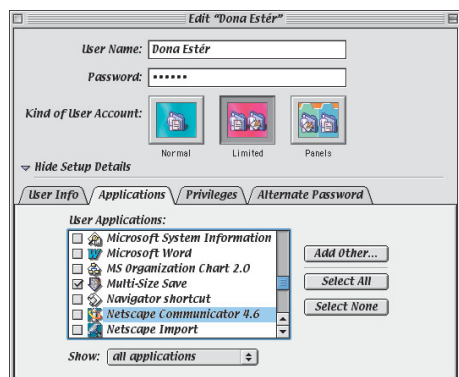
Owner

O *owner* é o dono, o administrador, o "rei da cocada preta" do Mac. No caso, vai ser Seu Jurandir, porque foi ele quem pagou pelo iMac (é justo). É ele quem manda no Multiple Users, não discuta. Por isso, se você quer usar a máquina dele, peça com educação e não esqueça de chamá-lo de "senhor". Neste modo, ele será o administrador e só ele poderá instalar aplicativos, configurar impressoras, ligar e desligar o painel de controle Multiple Users e acessar os documentos de todo mundo; pois, como ele costuma dizer, "não deve haver segredos em família".

Normal

Vamos estabelecer que o usuário Normal seja o filho de 16 anos, o Valter (conhecido como Melecão), apesar do piercing no nariz e do cabelo verde. Na verdade, ele entende mais de Mac que Jurandir, e no final das contas é ele quem ajuda o pai a usar o Mac. Por isso, ganhou o título de Normal. Um usuário Normal (afinal, não são todos normais?) pode acessar o Finder e todos os aplicativos no disco; mas, geralmen-

te, não pode ver o conteúdo das pastas de outros usuários, a menos que o administrador confie plenamente na índole da pessoa. O ideal é incluir nesse modo apenas os usuários mais experientes.

Panels

O modo Panels é simples, fácil de usar e ideal para crianças, como é o caso da Juju, de nove anos. Como ela ainda não sabe mexer no computador, Seu Jurandir optou pelo modo Panels. Assim, ela só terá acesso a disco, documentos e itens pré-definidos que aparecem em painéis. Cada painel têm botões grandes, que abrem com apenas um clique e que podem ser personalizados escolhendo entre ícones grandes ou pequenos, podendo mostrar os painéis abertos lado a lado ou um em cima do outro, com abas no topo ou em baixo.

Limited

E a dona Ester, coitada, que ainda não dominou totalmente o rádio-relógio de seu quarto, mas está louca para navegar (de graça!) na tal de "internéti"? Seu Jurandir, que pegou dona Ester lambendo o iMac verdinho para ver se tinha sabor de limão mesmo, logo viu que a mulher poderia ser um perigo em potencial para seu iMac.

Assim, sob protestos da mulher ("Sou machista sim! E daí?"), ela está no modo Limited. O modo permite acesso somente a algumas áreas do Finder, e só pode salvar itens em sua própria pasta e abrir somente aplicativos definidos pelo Seu Jurandir.

Criando uma conta nova

Para criar uma conta para cada usuário, Seu Jurandir clica no botão New no painel de controle Multiple Users. Nos dois primeiros campos, ele coloca o nome do usuário e a senha. Só Juju não ganha uma senha, para não complicar a cabeça da menina. Para facilitar ainda mais, Seu Jurandir colocou uma foto dela no *login* e ela logo entendeu que precisa clicar na sua carinha para entrar no iMac. Valter e Ester querem senhas, é claro.

Clicando no pequeno triângulo ao lado em Show Setup Details, Jurandir vê outras opções:

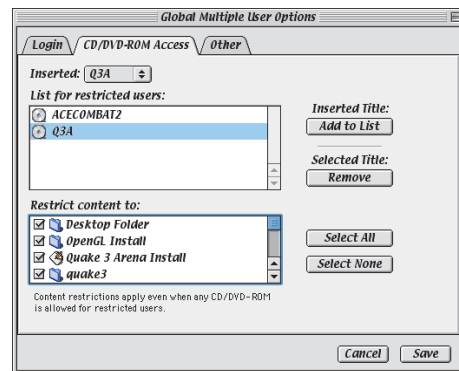
- **User Picture –** Define a figura simpática que aparecerá ao lado do nome do usuário no login. As setinhas permitem selecionar uma imagem, mas também é possível arrastar uma imagem (como a foto da Juju) do Finder para cima desse item.
- **User can change password –** Permite que o usuário modifique sua senha (caso tenha sido definido uma).
- **Can log in –** Sem essa opção habilitada, o usuário não conseguirá acessar o computador. Bom para punir quem não faz a lição de casa.
- **Can manage user account –** Permite que o usuário crie, delete ou modifique outras contas (exceto a do dono do computador). "É melhor não", pensa Jurandir.

Ao fechar a caixa de diálogo, as alterações são salvas. Seu Jurandir repete o procedimento para cada usuário.

Logando e desligando...

Após fazer essas configurações básicas, cada um da família verá uma caixa de diálogo que aparecerá depois que o computador reiniciar. Para se conectar, será preciso selecionar o nome na lista, ou digitá-lo. Depois é só clicar em "Log in" e digitar (ou falar) a senha *(ver box para saber mais sobre senha de voz)*. Já para se desconectar, o usuário abre o menu Special e escolhe a opção Logout (ou então digita ⌘Q).

Bloqueio de CDs

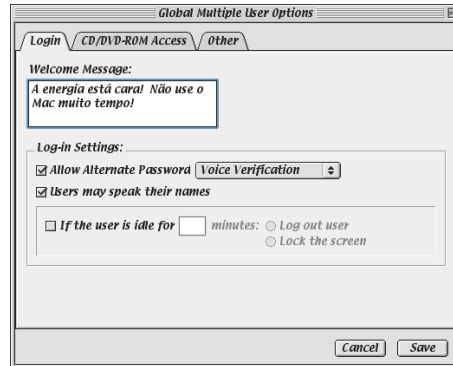
Durante alguns dias, a paz reina entre a família e o iMac. Mas Jurandir e Ester vêem que Juju está jogando muito um tal de Quake que Valter instalou... e com um estranho brilho no olhos. Por isso, eles decidem vetar o jogo para a menina. Como não adianta pedir para que a filha pare de jogar, Seu Jurandir usufrui de seus poderes de administrador para bloquear o CD para Juju – que chora, mas não faz com que o pai mude de idéia.

Assim, Seu Jurandir abre o painel de controle Multiple Users, seleciona o ícone da Juju e clica no botão Edit User. Por fim, ele seleciona a abinha Privileges e vê a opção CD/DVD-ROMs. Essa opção é que permite o acesso a CDs e DVDs. Já estava habilitada. Para restringir o acesso de Juju aos discos, seleciona a opção "List for Restricted Users". Ele fecha a janela e clica no botão Options. Abre-se a janela Global Multiple Users Options, onde ele seleciona a abinha CD/DVD-ROM Access. Pega a pilha de CDs educacionais que ele comprou por 10 reais em uma liquidação e os insere um a um. No menu Inserted aparece o título do CD que está no drive. Seu Jurandir clica no botão Add to List para adicionar o CD à lista dos permitidos aos usuários com restrições de uso (List for restricted users). Se ele quiser remover o item da lista, é só clicar no botão Remove. Em um CD de sharewares, ele dá permissão apenas para utilizar a pasta de programas educativos, selecionando-a no campo "Restrict content to".

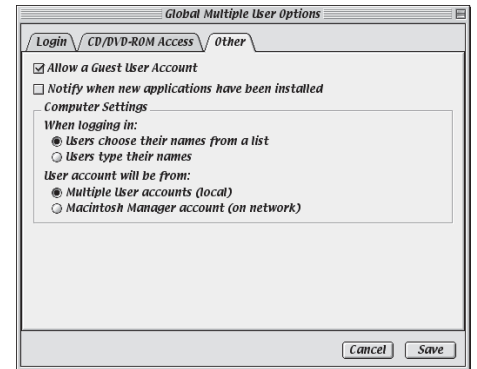
Restrição de programas

Jurandir também percebe que Ester ficou viciada em surfar na Internet, passando horas em salas de chat e baixando fotos do Raí e do Thiago Lacerda. Ciumento, ele resolve suspender os direitos de usar o Netscape Communicator. Isso é possível, pois o Multiple Users permite selecionar os aplicativos que cada usuário pode acessar. Clicando na abinha Applications na janela Edit, aparece a lista dos programas existentes no Mac que podem ser habilitados quando se marca o quadradinho ao lado. Seu Jurandir desmarca o Communicator, para acabar com a festa de dona Ester, que agora tem que se contentar em participar apenas da lista de discussão da novela das oito no programa de email.

Se Jurandir quiser adicionar à lista um arquivo que não seja um aplicativo, como um modelo para um documento ou um painel de controle, basta clicar no botão Add Other ao lado da lista de aplicações.
Aliás, é bom ter cuidado na hora de instalar programas, pois alguns deles, como os do pacote MS Office, só funcionam se o usuário tiver acesso a todos os seus componentes. Cheque sempre se os outros usuários estão conseguindo abrir um programa recém-instalado.

Mensagem de boas-vindas

Seu Jurandir também decide colocar uma mensagem de boas vindas que vai aparecer na hora do login. Para isso, ele clica na abinha Login.
No campo Welcome Message, poderá escrever o que bem entender. Depois de pensar bastante, ele escreve: "A conta de luz está alta. Não use o Mac muito tempo." Não é preciso dizer que houve protestos da família, principalmente do Valter, que sabia que a mensagem era para ele.

Guest

Mas deixemos essa família com seus problemas e vamos falar de mais uma opção importante do Multiple Users, que interessa mais a quem trabalha com o Mac em um ambiente profissional. O Multiple Users permite que você configure o sistema para receber um *guest* (convidado), ou seja, alguém que não precisa de uma senha para entrar. É a opção ideal para quando você precisa deixar que outras pessoas usem eventualmente sua máquina, mas não quer que alguém mexa nos seus arquivos pessoais ou zoem com seu desktop.

Clicando no botão Options e selecionando a abinha Other você encontrará as seguintes opções:
•**Allow a Guest User Account –** Permite ou não o acesso de convidados ao seu Mac.
•**Notify when new applications have been installed –** Permite que você seja avisado (através de uma mensagem de alerta) quando um novo aplicativo for instalado.

Conclusão

O Multiple Users oferece outros tipos de configurações possíveis. O que mostramos aqui são apenas algumas noções básicas dos benefícios que ele pode oferecer para quem tem que dividir o Mac com outras pessoas e quer manter sua privacidade e ainda ter a segurança de que ninguém vai fazer grandes bobagens.
É sempre bom lembrar que ele não é uma função de segurança, existem várias maneiras de se burlar o Multiple Users (provavelmente o Valter sabe todas elas).
Só mais uma coisa: os nomes e fatos citados são puramente fictícios e qualquer semelhança com a realidade é mera semelhança.
Quem sabe daqui a pouco não sai o filme "As Aventuras da família Marcolino".
Aguardem sentados. **M**

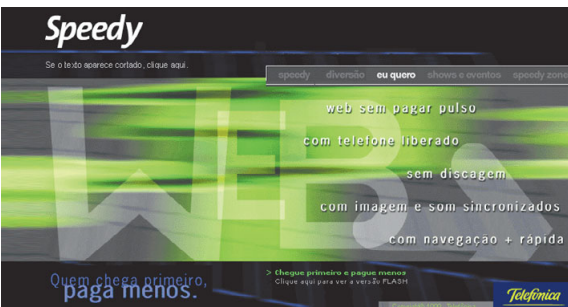
**FLÁVIA SILVEIRA
E MÁRCIO NIGRO**
Estão procurando patrocinadores para o filme sobre a família Marcolino

Sua voz pode não ser sua

Senha de voz é muito legal, mas nem sempre funciona

Um recurso muito legal do Multiple Users, na teoria, é o Voice Print, uma senha alternativa que permite o usuário utilizar a voz para se logar no Mac. A idéia é ótima, mas infelizmente não funciona sempre. Grave sua senha no meio do dia e depois tente se logar logo depois de acordar... É grande a chance de não dar certo. Felizmente, se depois de três tentativas sua voz não for reconhecida como sua, é possível digitar sua senha, antes que você comece achar que é outra pessoa.
Se você quiser tentar para comprovar, veja como criar sua senha de voz:
1 No painel de controle Multiple Users, selecione o usuário que vai usar a senha de voz e clique no botão Edit. Abras as opções de setup da na parte inferior da janela e selecione a abinha Alternate Password.
2 Marque o quadradinho This user will use the alternate password e clique no botão Create Voiceprint.
3 Você irá agora definir a frase que será usada como login. A frase padrão é "My voice is my password" (minha voz é minha senha), mas você pode definir outra clicando no botão Change Phrase. Feito isso clique em Continue.
4 Na janela seguinte você vai gravar sua senha de voz. Lembre-se que se seu Mac não tiver um microfone embutido (como o iMac) será preciso conectar um à entrada de microfone externa. Também certifique-se que a sala esteja no maior silêncio possível, para melhorar a qualidade da gravação.
5 Você terá que gravar a frase quatro vezes. Clique no botão Record First e outra janela vai aparecer. No menu abaixo, selecione a fonte do microfone (Built-in Mic para os Macs com microfone embutido; External Mic para microfones externos). Respire fundo, aperte o botão Record, diga a sua frase com sua voz normal e aperte Stop para de gravar. Aperte Play para escutar a gravação. Se você achar que está bom, clique em Done. Se não, grave de novo.
6 Repita o processo para as três gravações restantes (botões Record Second, Record Third etc.), utilizando o mesmo tom de voz.
7 Uma mensagem deverá aparecer dizendo que sua impressão de voz foi reconhecida e que já é possível utilizar sua voz para se logar no computador. Boa Sorte.

A Internet que "não roda em Mac"

Queiram ou não, faça funcionar no seu Mac ADSL, cable modem e provedores gratuitos

A experiência é frustrante. Um novo serviço promete acesso muito mais rápido à Internet. Outro dá acesso gratuito. Você liga para o provedor e recebe as respostas mais disparatadas: "o sistema não funciona com o programa Macintosh", "não serve para micros da Êipol" ou "Mac o quê?"

É triste que isso aconteça justo com o acesso à Internet, a grande niveladora e democratizadora das plataformas. E é triste principalmente quando o tema é banda larga (*broadband*): a tal da Internet rápida, a cabo ou ADSL *(ver Macmania 64)*.

O macmaníaco é um consumidor que fez a opção pela Apple porque quer ter um computador que esteja tecnologicamente à frente dos outros. Logicamente, ele é o primeiro a se aventurar em novas tecnologias como vídeo digital, comunicação *wireless* e, é claro, Internet em banda larga.

Só que no Brasil a coisa não é bem assim. Funcionários do atendimento ao público de provedores e operadoras de telefonia desconhecem totalmente o que é Macintosh e, invarialmente, acabam optando por dizer que o serviço não funciona no Mac em vez de tentar entender o que o usuário está querendo.

A Apple Brasil tem tentado resolver o problema ponto a ponto, conversando e oferecendo suporte diretamente aos provedores. "A coisa segue sempre o mesmo padrão", diz Thiago Marques, gerente de produto da Apple. "Primeiro eles dizem que o serviço é incompatível com Mac. Aí, nós cedemos equipamento e um técnico para configurá-lo. Como esses serviços seguem protocolos padrões como DHCP e usam a porta Ethernet, embutida em todos os Macs, não há porque não funcionar".

Só que a coisa não é tão simples. Entre mostrar aos técnicos que o serviço funciona e explicar ao pessoal do atendimento o que deve ser dito aos macmaníacos que o solicitam, há um grande caminho a ser percorrido. E muitas vezes são os próprios macmaníacos, conhecidos por sua insistência em exigir seus direitos, que fazem a empresa se tocar de que é preciso fazer algo.

Speedy

Veja, por exemplo, o caso do Speedy, o primeiro serviço de Internet rápida por ADSL, fornecido pela Telefônica e operado pelos provedores UOL e Terra (ex-ZAZ). Atualmente, está disponível apenas em alguns bairros de São Paulo. Até pouco tempo atrás, dizer que você queria instalar o Speedy no Mac era o mesmo que pedir para não instalarem. Felizmente, isso mudou, após muita reclamação dos macmaníacos e de uma visitinha do pessoal da Apple Brasil. Quando fechamos esta edição, o Speedy já tinha até feito um bannerzinho especial para os macmaníacos.

É claro que os macmaníacos com fome de banda, que pediram o serviço logo que ele abriu suas portas, serviram de "boi de piranha" e sofreram para convencer os atendentes do Speedy que era possível instalá-lo no Mac. O motivo para essa confusão é o total desconhecimento da plataforma. Como mandar um técnico que não sabe nem o que é System Folder até a casa de um usuário para instalar um serviço de acesso à Internet?

Até mesmo a assessoria de imprensa da Telefônica se revelou mal informada, dizendo que o problema era o modem ADSL, que "não era compatível com Mac". Bobagem. O modem, fabricado pela Alcatel, é um modelo externo ▶

Quanto custa a Internet rápida

Serviço	Preço da instalação	Preço da mensalidade	URL	Vantagens	Desvantagens
Speedy	R$ 200	R$ 65	www.speedy.com.br	não paga impulsos	atendimento restrito a alguns bairros em São Paulo
Vírtua	R$ 250 + R$ 599 (modem)*	R$ 68 + R$ 35	www.virtua.com.br	sistema bidirecional	caro; ainda em testes; restrição de 1 GB para download e upload
@Jato	R$60 + R$ 465**	R$ 65	www.ajato.com.br (0800-166505)	relativamente barato para quem possui TVA	unidirecional; você ainda gasta com impulsos

*O valor do modem pode ser parcelado. **Assinantes da TVA estão isentos da taxa de instalação. O cable modem pode ser alugado por R$ 15 mensais

que é ligado pela porta Ethernet. O técnico da Telefônica instala um *splitter* que divide sua linha telefônica em dois canais, um para voz e outro para dados. A ponta de dados é encaixada no modem ADSL, o qual é ligado à porta Ethernet do Mac. Instalado o modem, basta ligar para seu provedor (Terra ou UOL; se você não é cadastrado em nenhum dos dois, nem adianta tentar), pedir os dados a serem colocados no painel de controle TCP/IP (IP, Subnet Mask, Router e DNS) e pronto. Mais fácil, impossível.
O Speedy funciona com número IP fixo, o que facilita bastante alguns serviços, como montar um servidor de Web pessoal, videoconferência ou servir jogos online.
Com preços a partir de R$ 65 (para uma conexão de 256 kbps) mais R$ 200 pela instalação, a relação custo/benefício do Speedy é imbatível. QuickTime Streaming a 150 KB/s e downloads a 10 KB/s se tornam coisas cotidianas.

Cable modem

Os serviços de Internet a cabo estão um pouco atrás do pessoal do ADSL quanto à questão do atendimento aos usuários de Mac. Ambos os serviços disponíveis (@Jato da TVA e Virtua da GloboCabo) também funcionam perfeitamente no Mac; a configuração é feita via browser e a instalação é simples. O único problema de compatibilidade que surgiu estava relacionado ao uso do Virtua com versões do Open Transport anteriores à 2.6, devido a um bug com alguns servidores da Microsoft que usam DHCP.
O cable modem utilizado pela @Jato é da 3com, modelo VSP. O problema é que eles só estão trazendo o modelo interno para PC e ainda não começaram a importar o modelo externo, compatível com Mac.
O maior problema, no entanto, é que ambos os serviços de cabo ainda são incipientes e pouco difundidos. O @Jato, apesar de ser o primeiro serviço de Internet a cabo do Brasil, está restrito pela própria infraestrutura de cabeamento da TVA, que não cobre áreas importantes nem mesmo em São Paulo, sede da empresa. Outra desvantagem a ser considerada é o fato do serviço ser unidirecional, ou seja, o download é rápido, feito pelo cabo a 256 kbps, mas o upload é feito via modem normal conectado à linha telefônica, a 56k e pagando impulso.
Embora totalmente compatível com Mac, o Virtua é mais restrito ainda, sendo oferecido apenas em uns poucos bairros de São Paulo e Sorocaba. O serviço é bidirecional, mas em contrapartida tem um limite de 1 GB mensal para uploads e downloads. Pode parecer muita coisa, mas quando você começa a levar pouco mais de dois minutos para baixar filminhos QuickTime de 25 MB, acaba percebendo que um giga de download é uma merreca.

De graça, até provedor

Lembra daquele tempo em que você pagava uma fortuna para navegar apenas algumas horinhas na Internet? Após meses de guerra de marketing, descontos e promoções, a onda dos provedores de graça chegou para ficar.
Essa mania começou no final do ano passado, quando o Bradesco anunciou que iria disponibilizar o acesso gratuito aos seus clientes. A partir daí, a coisa não parou mais. Surgiram o iG, Super11, BRFree, Tutopia, Terra Livre, NetGratuita e em janeiro já haviam várias opções para quem queria navegar de graça.
O UOL, líder de mercado, reagiu com uma campanha publicitária lembrando que, além do acesso, seus assinantes pagam também por uma série de conteúdos exclusivos, fechados aos demais internautas. Mas, mesmo assim, duas empresas do grupo, a AcessoNet e o BOL, arregaçaram as mangas e foram à luta, lançando a NetGratuita para concorrer com os demais. O Terra/ZAZ, vice-líder, reagiu com o Terra Livre, que oferece um bom pacote de serviços que começou a funcionar no início de fevereiro, nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro.

Barrado no portal

Só que alguns dos tais provedores de Internet grátis têm uma pegadinha. Eles usam uns tais “programas discadores” e “mini-portais”, que nada mais são do que maneiras de garantir um certo controle sobre o usuário que está acessando gratuitamente a rede. Eles automatizam o processo de configuração e discagem, escondendo do usuário dados importantes como o número de acesso e o DNS (Domain Name Server). A idéia é usar os mini-portais para mostrar banners enquanto o usuário está conectado. Alguns provedores, como o BR Free, já utilizam esse sistema. Outros ainda estão esperando ver para ver que bicho dá, mas por via das dúvidas obrigam ao uso do tal discador que, naturalmente, só existe em versão Windows. As exceções ao esquema são o iG, o Católico, o Tutopia e o Super11.

Internet Grátis

O iG foi quem começou com essa história de acesso gratuito. O site é bem explicadinho, possui uma página de perguntas e respostas frequentes, um bê-a-bá com screenshots para você aprender a configurar seu Mac para se conectar, e o melhor de tudo: não precisa de nenhum software para conexão. E ainda oferece email POP e suporte técnico via email. Quanto à velocidade de acesso, nenhuma diferença em relação aos provedores pagos, pelo menos no início de funcionamento do serviço. Rápida durante a madrugada, lenta nos horários de pico. Resta saber como ela vai ficar com o crescimento do número de usuários.

Super11.net

O Super11 começou bem, com a Internet mais grátis ainda, pois oferecia acesso por linha 0800 (menos para São Paulo, estranhamente), de forma que nem impulso você pagava. E ainda tinha pontos de acesso em 50 cidades e suporte para Mac!
Infelizmente, a alegria durou pouco. Alegando que a resposta do público foi quinze vezes maior que a esperada, eles pararam de receber inscrições. Depois de várias tentativas, conseguimos nos inscrever, só que ao tentar a conexão, a autenticação falhava.

NetGratuita

O NetGratuita diz que, em breve, estará disponibilizando seu miniportal para Macintosh. Só resta esperar quanto tempo vai durar esse “em breve”. Em sua propaganda, o serviço diz ter 830 mil assinantes, número derivado do total de pessoas que utilizam o serviço de email gratuito do BOL e foram automaticamente conver-

Escolha seu provedor gratuito

Provedor	URL	Acesso	DNS*
BRfree	www.brfree.com.br	discador só para Windows	–
NetGratuita	www.netgratuita.com.br	discador só para Windows	–
Gratis1	www.gratis1.com.br	discador só para Windows	–
Terra Livre	www.terralivre.com.br	discador só para Windows	–
iG	www.ig.com.br	configuração manual	para o tel. 3355-3000: 200.245.232.1/200.245.232.2 para o tel. 3058-4010: 200.212.48.194/200.211.23.251
Católico	www.catolico.com.br	configuração manual	200.248.206.1
Super11.net	www.super11.net	configuração manual	200.246.179.107
Tutopia	www.tutopia.com.br	configuração manual	200.194.249.11

*Os números de DNS podem mudar. Procure sempre obter essa informação com o provedor.

errado

tidas em assinantes do NetGratuita, mesmo que não possam utilizá-lo por serem usuários de Mac. Coisas da propaganda e do marketing...

Católico

O Católico é (obviamente) o portal oficial da Igreja Católica e, embora gratuito, espera que seus usuários contribuam com as obras assistenciais da instituição. Fornece kit de acesso, mas permite que a configuração seja feita manualmente, uma atitude bastante "ecumênica".

BRfree

O BRfree também utiliza um software discador e não fala nada sobre Mac. Até o fechamento desta edição, não havia mandado resposta ao nosso email perguntando sobre o acesso no Mac.

Tutopia

Já o Tutopia permite que os usuários de Mac façam sua configuração manualmente. Mas, até meados de fevereiro, o serviço só estava disponível em Salvador e Florianópolis.

Terra Livre

Terra Livre, o serviço de acesso gratuito da Terra Networks, mostra após o cadastro toda a configuração necessária para configurar o TCP/IP e o Remote Access, faltando apenas um detalhe: o número do telefone de acesso. A Terra não fornece o número de acesso para configuração manual do sistema. Mas diz que está desenvolvendo um discador para Mac.

Livre Acesso e Gratis1

O Livre Acesso e o Gratis1 (serviço de acesso grátis da StarMedia) ainda não haviam entrado em pleno funcionamento até o fechamento desta edição.

Bancos

Em relação ao acesso gratuito fornecido pelos bancos, aparentemente não há nenhum problema no acesso do Unibanco, que permite até que não-correntistas naveguem por seu site para experimentar o sistema (um esquema engenhoso para convencê-los a abrir uma conta no banco). O acesso do Bradesco é mais complicado, exigindo que você se "logue" em uma rede IP do banco para poder acessar a Internet e dando horas de acesso gratuito de acordo com a sua utilização do serviço de *home banking*.

De resto, não conseguimos testar o acesso do Banco do Brasil.

Estes funcionam com Mac...

...estes outros não

Libera esse DNS aí!

Mesmo nos serviços que permitem a configuração manual, o acesso pelos usuários de Mac é prejudicado por uma característica comum aos serviços de Internet gratuita. Nenhum deles fornece os números do DNS (Domain Name Server). Isso ocorre porque a maioria desses serviços está operando em caráter improvisado, alguns com linhas alugadas de outros provedores. Ou seja, o DNS deles pode mudar a qualquer momento.

Para usuários de Windows isso não é problema, pois a implementação do protocolo PPP aceita que o DNS seja fornecido pelo provedor. No Mac OS, onde o DNS fica em outro painel de controle (o TCP/IP) e precisa ser informado pelo usuário, isso pode atrapalhar a conexão.

Ou seja, o jeito é ligar para o provedor e pedir delicadamente que eles lhe forneçam os números de DNS do serviço. Ou então, usar o shareware FreePPP que, ao contrário do PPP do Mac OS, aceita o DNS dinâmico. Para ajudar, listamos ao lado alguns números de DNS de provedores gratuitos que conseguimos descobrir.

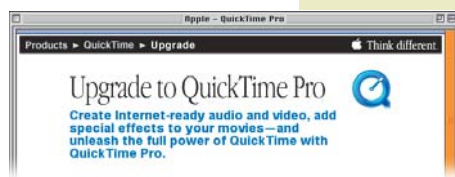
A qualidade dos serviços de Internet gratuita varia muito, até porque vários deles foram lançados às pressas. Em nossos testes, o iG se mostrou o mais confiável. Mas enfim, como eles são gratuitos, vale a pena se inscrever em todos e tirar suas próprias conclusões.

Simpatips

O que fazer quando some o QuickTime Pro

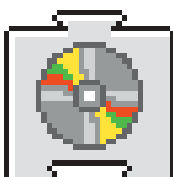
É possível que, depois de ter feito o upgrade para o Mac OS 9, seu registro do QuickTime 4.0 suma. Assim, a caixa de diálogo pentelha convidando-o para realizar o upgrade para o

QuickTime Pro voltará a aparecer quando rodar o QuickTime Player pela primeira vez. Se você fez uma instalação limpa (*clean install*) do sistema, você pode se juntar facilmente ao grupo dos usuários registrados apenas copiando o arquivo QuickTime Preferences, encontrado no Previous System Folder, para o novo System Folder. Para isso, abra a pasta Preferences no System Folder e delete o arquivo QuickTime Preferences. Abra a pasta Preferences do Previous System Folder e copie o arquivo de mesmo nome para a pasta Preferences do novo System Folder. Reinicie o Mac e você será um usuário de QuickTime Pro novamente. Se você não fez uma instalação limpa e aparentemente perdeu o arquivo de preferências antigo, o jeito é digitar novamente sua senha na área Registration nas configurações do painel de controle do QuickTime.

Evite ter que voltar para esta página à toa

Erros de CD-R?

Se você tem um gravador de CD USB conectado ao seu Mac, é possível que esteja tendo erros freqüentes ao queimar CDs em velocidade de 4x ou superior. Para contornar o problema, tente aumentar a largura de banda para o gravador de CD,

conectando-o diretamente na porta USB do Mac em vez de plugá-lo em um hub ou na porta do teclado. Se isso não resolver, tente desconectar outros dispositivos USB, com exceção do teclado e do mouse, é claro.

Os códigos de cheats não funcionam no jogo multiplayer. E aí? Se vira, negão

Trapaças no Quake III

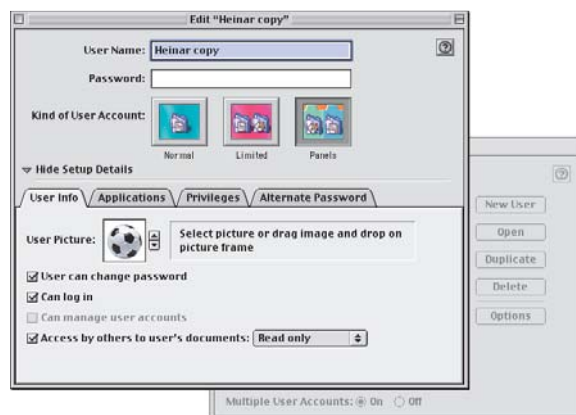
Quake III é o máximo, mas nem todo mundo consegue se dar bem no jogo de primeira. Se a coisa está difícil, tente esses truques.

- Para conseguir jogar todas as arenas com Skill 1, abaixe o console (pressionando a tecla ~), digite iamacheater e tecle Return.
- Para jogar todas as arenas com Skill 100, digite iamamonkey.

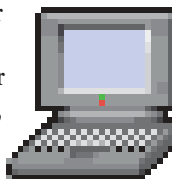
Mas lembre-se: trapacear é muito, muito feio.

Para configurar Macs com muitos usuários

Para facilitar a criação de conjuntos (*sets*) para usuários múltiplos no

painel Multiple Users do Mac OS 9, use o botão Duplicate em vez de criar os sets um a um. Crie um set de aplicações às quais todos usuários terão acesso (exemplo: email, browser, processador de texto etc.). Nomeie esse set como "Usuário Básico" ou algo do gênero. Com esse set selecionado no painel, clique no botão Duplicate. Agora adicione os outros softwares que cada usuário vai usar.

Não se dê ao trabalho de configurar tudo de novo para cada usuário

Faça o PowerBook funcionar com monitor externo

Às vezes acontece de se tentar conectar um monitor externo a um PowerBook ligado e o monitor se recusar a mostrar qualquer coisa em sua tela. Nesse caso, feche a tampa do PowerBook até que ele durma. Abra a tampa novamente e

pressione qualquer tecla para acordá-lo. Quando isso acontecer, o PowerBook estabelecerá contato com todos os periféricos a ele conectados, inclusive aqueles ligados à porta de vídeo. Pronto: seu monitor funcionou.

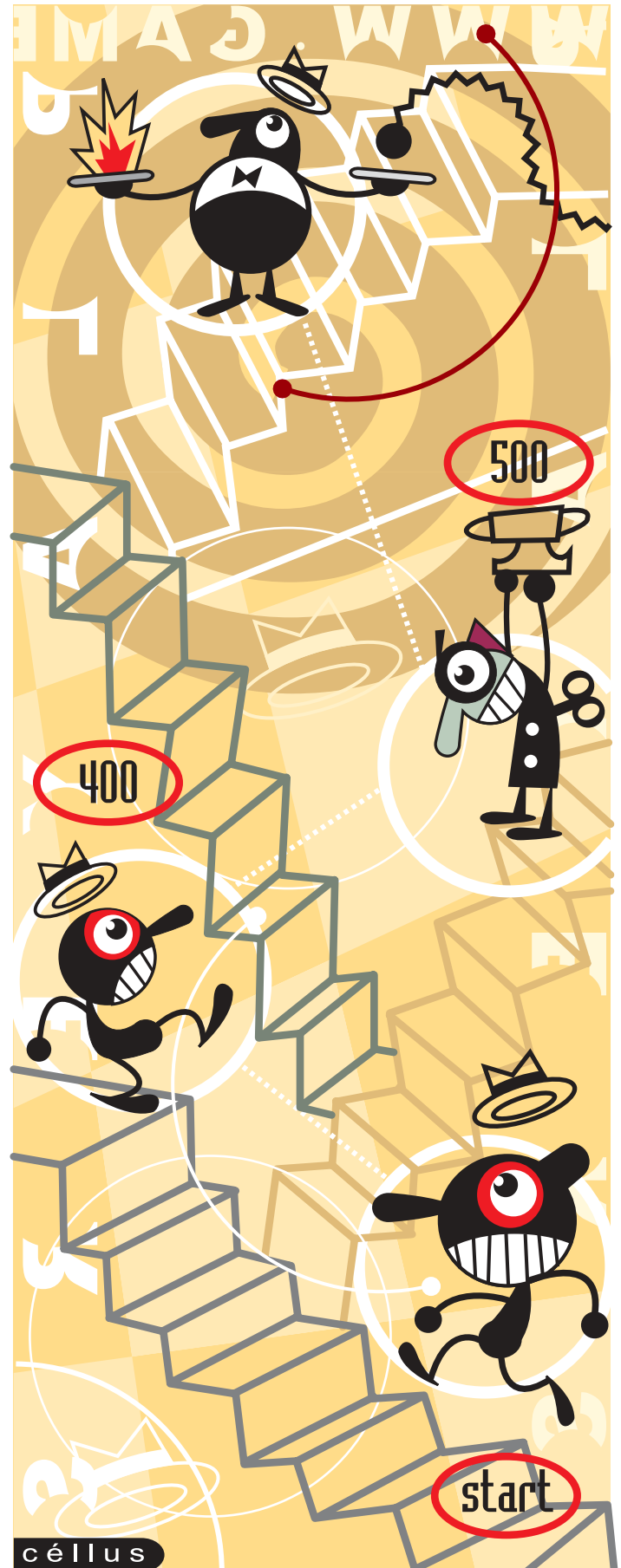
Mande sua dica para a seção **Simpatips.** Se ela for aprovada e publicada, você receberá uma exclusiva camiseta da **Macmania.**

Jogue pela Net

Você já navega na Internet, manda e recebe emails, fala com gente do outro lado do mundo ou com o seu vizinho via ICQ ou IRC, entra e sai de chats. Por que, então, não jogar com alguém via Internet? No momento em que a Rede se popularizou e as pessoas começaram a descobrir que ela era um grande meio para conhecer e falar com pessoas, tudo ficou óbvio para quem desenvolve jogos: a nova onda seria jogar à distância. Jogar contra um ser humano é muito mais legal do que jogar contra a mente fria do computador. Várias empresas que já faziam jogos que podiam ser jogados via rede local adaptaram seus produtos para rolarem via Internet. A aceitação foi ótima, sendo que hoje você pode encontrar legiões de jogadores de Quake, Myth e muitos outros. Vamos aos sharewares que se podem jogar através da Grande Teia.

ChessWorks

Ótimo jogo de xadrez online. O tabuleiro e o jogo em si são bem simples, sem nenhuma animação elaborada ou efeitos em 3D. O máximo que você pode fazer para deixar o jogo mais legalzinho é trocar o estilo e as cores das peças e do tabuleiro. Mas tanta simplicidade é compensada com a extrema facilidade que é conectar-se e jogar contra alguém: basta escolher um servidor e convidar alguém que está online para jogar, ou apenas assistir a um jogo que está rolando entre duas pessoas. Você também pode se conectar a um amigo que tenha o mesmo programa e dar o seu número IP para ele achar você e começar o jogo. Também dá para bater papo via chat com a pessoa que está jogando. Essencial para os amantes de xadrez e uma ótima diversão, até para quem não é muito chegado a esse jogo.

Uma ótima maneira de gastar horas online sem perceber

Greebles

Jogo de labirinto, descendente de jogos como Pac-Man e DigDug, para jogar solo, em rede ou via Internet. Não é aquela maravilha: é o velho esquema de fugir de bichos, pegar bônus e empurrar blocos para esmagar os inimigos. Na versão multiplayer, todos jogam contra os inimigos; mas, para começar um jogo, é necessário ir até o site, procurar um que já tenha iniciado ou anunciar que você está começando uma partida. Não muito intuitivo.

Mais um jogo de foge-e-empurrra para quem ainda não cumpriu a sua quota

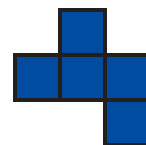
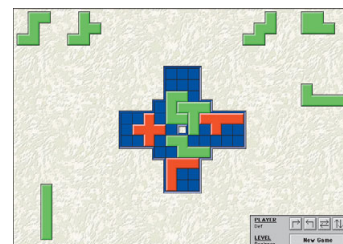
Dawn of Aces e WarBirds

Simuladores de vôo para guerrear com outros aviões, pilotados por jogadores de todas as partes do mundo. Para jogar na Internet, você precisa se cadastrar no site do jogo e pagar uma mensalidade. É bem legal, simulando os mais famosos aviões da Primeira Guerra Mundial (Dawn of Aces) ou da Segunda Guerra (WarBirds). Em termos gráficos, não espere muito; afinal, ele foi feito para ser rápido e ágil, a fim de suportar vários jogadores. Você escolhe o tipo de missão, a nacionalidade, o avião e a munição. Apesar de pago, o jogo tem uma legião de seguidores pelo mundo, que garantem a diversão.

Classic Cribbage

Jogo de cartas para rede local ou via Internet, baseado em um velho jogo inglês. É bem feitinho, com trilha sonora à sua escolha (até com arquivos MP3). É todo enfeitado, mas não se acham muitos jogadores online para jogar. Mas você sempre pode jogar sozinho ou em uma rede local com um amigo. Ou pode jogar com um amigo via Internet. As regras são encontradas no próprio site.

Tão bonito que dá vontade de olhar em vez de jogar

Polyominoes

Jogo parecido com o Tetris (na verdade, o Tetris se baseou nesse antigo tipo de jogo): situa-se num tabuleiro onde você deve colocar o máximo de peças que conseguir antes que o seu oponente o faça. Ganha quem conseguir encaixar a última peça possível. O jogo via Internet é feito através de conexão via TCP/IP. E você precisa saber o IP do seu parceiro. Dá para jogar solo ou em rede local. Interessante e desafiador.

Alguns dos games mais satisfatórios são clones de jogos de tabuleiro

Onde encontrar

ChessWorks	745 K	www.nearside.com/ekimsw/chessworks/index.html
You Doe	740 KB	www.macnews.com.br/overcaster
Dawn of Aces	8,1 M	www.ientertainmentnetwork.com/downloads_part2.shtml
WarBirds	8,7 M	www.ientertainmentnetwork.com/downloads_part2.shtml
You Don't Know Jack - The Netshow	749 K	www.won.net/channels/bezerk/jack/jack-download.html
Classic Cribbage	2,1 MB	www.freeverse.com/cribbage/index.html
Greebles	1.275 KB	ftp://ftp.stairways.com/stairways/unsupported/
Setback	10,3 MB	www.freeverse.com/freeverse/setback/
Polyominoes	895 KB	http://members.aol.com/kevingong3/poly/polyfuture.html
Overcaster TicTacToe	5.1M	www.aha.com.ua/ahadownloads/ahadwnld.html

Setback

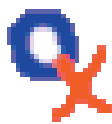
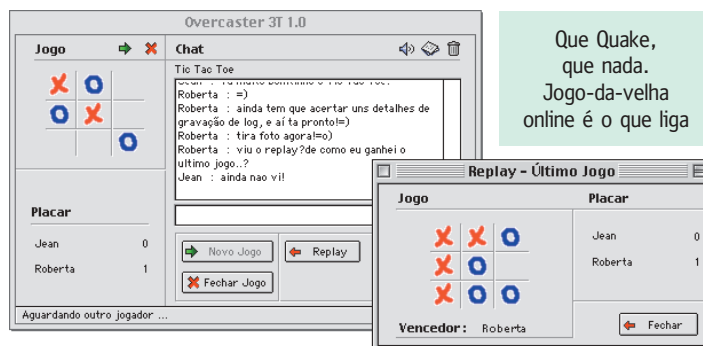
Mais um jogo de cartas dos criadores do Cribbage, desta vez com um jogo parecido com o Bridge.
Ele mostra uma mesa no Central Park de Nova York, com os competidores jogando e interagindo com você (ao pagar o shareware, você tem acesso a outras localidades e outros tipos de jogadores). Entre outras coisas, você pode ler os seus pensamentos. O esquema de jogar via Internet é o mesmo do Cribbage, mas nesta versão ainda está sendo testado, e você deve ler atentamente os textos que acompanham o jogo. Pode ser divertido para quem gosta de cartas.

Nunca conversei com um alien, mas ele já jogou cartas comigo

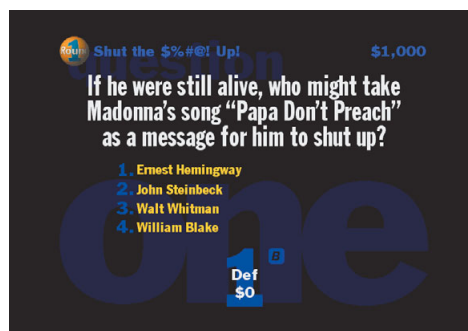
Aha!

Aha! (não confundir com a banda pop norueguesa) é um jogo baseado no clássico Macigame, em que o objetivo era eliminar objetos iguais em pares até não restar nenhum. A parte "online" do jogo é que você pode mandar o seu placar para o site para que ele seja publicado e você concorra com todos os jogadores do planeta. O jogo é até simpático, mas a música é horrorosa.

Outro jogo que não ganha nota dez em originalidade, mas se dá bem no quesito visual

Overcaster TicTacToe

Freeware brasileiro feito pela Overcaster. É um simplíssimo jogo-da-velha para jogar via Internet. Ótima diversão, sem essa de ficar riscando folha de caderno antigo. Tudo o que você tem a fazer é conectar-se ao número IP de outro computador que esteja com o programa aberto, ou hospedar um jogo dando o seu número IP para um amigo encontrar você. Durante o jogo, dá para rolar um bate-papo via chat.

Que Quake, que nada. Jogo-da-velha online é o que liga

You Don't Know Jack - The Netshow

Versão online da série de jogos "You Don't Know Jack". Trata-se de um jogo de trívia (achar a resposta certa para uma pergunta entre várias alternativas) – mania entre os americanos, que jogam esse tipo de jogo até mesmo em bares interligados com outros bares (o que é conhecido como National Trivia), em grandes torneios que valem muito dinheiro. Tudo é bem feitinho e tem a aparência de uma competição no estilo de programas dominicais de TV com auditório (tem até propagandas). Você joga só ou contra outros jogadores do mundo e o seu placar é medido em dinheiro ganho ou perdido (parei de jogar quando o placar estava no saldo devedor). Novas perguntas são acrescentadas a cada semana.

Interessante, principalmente se você quer se tornar um expert em conhecimentos totalmente inúteis sobre a cultura norte-americana

Além desses, existem vários outros jogos comerciais com capacidade para serem jogados via Internet. Mas é sempre bom lembrar que, antes de você pagar por um desses sharewares ou comprar um jogo, é bom dar uma testada antes; ver se a sua conexão proporciona agilidade ao jogo ou se é possível ter acesso aos jogadores do resto do mundo, caso você esteja acessando a Internet através de uma rede local. Certas conexões feitas por *gateway* não permitem essas conexões. Mas você não joga no trabalho, joga? M

DOUGLAS FERNANDES douglasf@mac.com
Não usa a Internet do trabalho para jogar. Só usa para trabalhar. Sério.

Como colocar mais memória no seu iMac

Material necessário

- iMac (desde o original até Revisão D)
- Chave de fenda Philips
- Caneta Bic com tampa
- Pia para lavar as mãos ou pulseira anti-estática
- Toalha de banho (seca) ou cobertor
- Mesa desimpedida
- Recipiente temporário para os parafusos
- Pente de memória RAM apropriado
- Esta revista

1 Antes de qualquer coisa, você deve colocar uma daquelas pulseiras anti-estáticas descartáveis, ou simplesmente lavar bem as mãos e segurar firmemente a torneira (se o seu encanamento for metálico). Não se trata de bruxaria: é que é preciso descarregar a eletricidade estática da pele – especialmente se o clima for seco – senão, os delicados chips do computador poderão ser queimados por uma descarga invisível. Lavar as mãos também evita que você contamine os componentes eletrônicos com suor ou gordura.

Fotos Ricardo Teles

2 A mesa de "cirurgia" deve estar bem iluminada. Estenda a toalha sobre a mesa e pouse sobre ela a CPU, com (é claro) todo o cuidado e com a frente para baixo.

3 Solte o parafuso que fica por trás da alça plástica arredondada, na parte traseira. Coloque-o no recipiente, que evitará que ele e os demais parafusos se percam ou (aargh!) entrem para baixo da tela e risquem tudo.

4 Puxe o painel de plástico pela alça, da maneira indicada na foto. É necessário dar um tranco. A peça se desprende fazendo um ruído característico: *"tcrunc!"*

5 Agora é preciso desconectar todos os cabos que saem do volume metálico no centro do conjunto mecânico. Comece desparafusando manualmente e tirando o cabo bege.

Para soltar o segundo conector, é preciso empurrar a lingueta que ele tem no meio.

O conector menor vai simplesmente encaixado, mas em alguns iMacs o cabo tem um pequeno parafuso de suporte.

Pegadinha: se o seu iMac é da série original (Bondi Blue), existe ainda o cabo do sensor infravermelho. Solte-o antes dos outros cabos.

6 Tome fôlego e solte os dois parafusos que ficam dentro da aba plástica no extremo traseiro do chassi metálico.

Se você é mais uma das milhares de pessoas que compraram um iMac da safra 98/99, não é necessário dar muitas explicações sobre a importância de conhecer a intrincada arte de destrinchar a sua máquina.
Ninguém – exceto, talvez, quem só usa SimpleText e Calculator – consegue viver em paz com os parcos 32 MB de RAM que a Apple colocou dentro das maquininhas coloridas. Elas vêm com uma documentação que ensina e até estimula a abri-lo (isso não anula a garantia), a fim de instalar mais memória por conta própria, mas cremos que um passo-a-passo fotográfico é bem mais elucidativo. Então, vamos lá.

7 Essa aba é, na verdade, uma alça para deslizar para fora todo o conjunto mecânico. Faça-o da forma indicada na foto, isto é, puxando verticalmente para cima e segurando com a outra mão a parte que contém os drives.

8 Pare um pouco e contemple a elegante, avançada e desnecessariamente complexa engenharia de hardware do iMac (e a coragem da sua façanha de desmontá-la).

De cara, você pode notar que o HD pode ser facilmente trocado; para ter acesso a ele, basta tirar o CD-ROM de cima (conhecimento útil para o futuro). O CD-ROM não é aparafusado, e sim precariamente encaixado em um esquema de arames sob tensão. Além de poder dar um belo susto ao soltar-se repentinamente do conjunto, o sistema de encaixe do CD-ROM é o motivo de ele (provavelmente) não ficar bem centralizado no painel do seu iMac.
O soquete branco na motherboard, que já deve estar preenchido no seu iMac, é onde fica a memória de vídeo (VRAM). A bateria (na foto, o cilindro roxo bem no meio da motherboard) é responsável pelo relógio do iMac e vários ajustes feitos em painéis de controle. Essa pilha costuma expirar e precisar ser trocada a cada três anos. A “gaiola” cromada contém o processador e aquilo que mais nos interessa no momento: o slot de memória RAM.

9 A tampa da gaiola é encaixada. Remova-a com cuidado, soltando-a pelas laterais com a tampa da caneta Bic, conforme a necessidade.

10 Desembrulhe a nova plaquinha de memória e encaixe-a diagonalmente no slot. Observe que ela tem um uma orientação correta, indicada pela reentrância fora de centro.

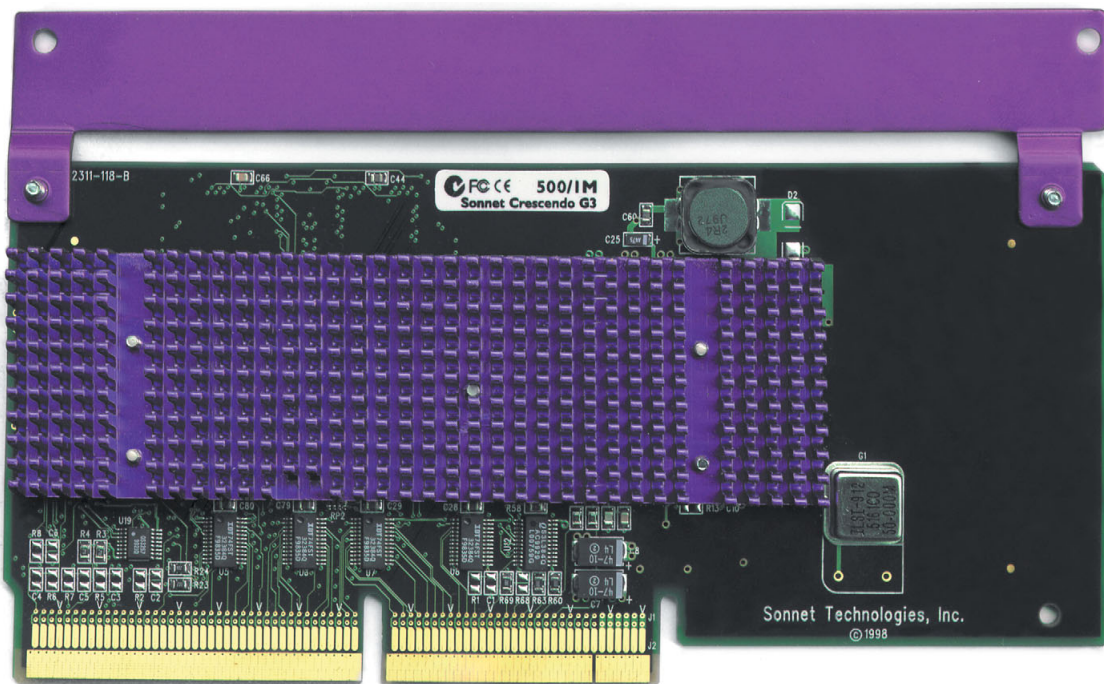
11 Empurre para baixo, com os dedos, a plaquinha já encaixada. Ela fará um “clic” quando estiver na posição certa.

12 Daqui em diante, é só fazer o processo inverso para transformar o seu iMac de volta em algo utilizável:
•Encaixe a tampa da gaiolinha.
•Deslize o conjunto motherboard/drives para dentro do gabinete. Preste extrema atenção para que a parte frontal da carcaça metálica com o drive de CD-ROM entre corretamente no trilho plástico. Se você já deslizou o conjunto mecânico e não está sendo possível alinhar os dois parafusos da aba traseira, é porque a carcaça metálica está fora de centro. Forçar o encaixe pode deformá-la.
•Atarraxe de volta os dois parafusos da aba plástica.
•Reconecte os cabos, na ordem inversa àquela em que foram soltos. A curva do cabo bege deve passar por baixo da pequena lingueta plástica que fica à direita.
•Encaixe o painel plástico externo.
•Ponha de volta o parafuso que fica sob a alça arredondada.
•Leve o computador para o seu lugar habitual e reinstale os periféricos.
•Ligue o iMac e rode tranquilamente Photoshop, Quake II e III, Virtual PC e todos aqueles programas que pediam desesperadamente por um upgrade de memória. M

MARIO AV mav@macmania.com.br
Reviveu os bons tempos de antes de começar a mexer com computador, quando fazia consertos e projetos eletrônicos.

Sonnet Crescendo 500 MHz

Seu Mac bege com desempenho de Mac azul

Não seria ótimo poder ver, de uma hora para outra, seu velho Power Mac com o desempenho de máquina nova? Basta instalar uma placa de upgrade G3, como a Crescendo 500 MHz da Sonnet. Com 1 MB de cache L2 e bus de 250 MHz, essa pequena maravilha é compatível com os Power Macs 7300, 7500, 7600, 8500, 8600, 9500 e 9600. Ou seja, o que havia de melhor antes da chegada dos primeiros G3 há cerca de dois anos. Porém, nesse tempo muita coisa mudou, incluindo a potência e a aparência dos Macs. Os pobres Macs beges ficaram comendo poeira. Mas não há porque sentir vergonha deles. Afinal, eles trazem entradas e saídas de vídeo e áudio estéreo e slots PCI a rodo. Mas estávamos falando da placa da Sonnet…

Com essa belezinha aqui, você dá uma merecida aposentadoria ao seu cansado chip 604

Solução honrosa para os Performas

Além da Crescendo G3/500, recebemos mais uma placa de upgrade da Sonnet, também de 500 MHz. Só que esse modelo é para os Power Macs 5400, 5500, 6400 e 6500 e os Performas 54XX, 6360 e 64XX. Diferente da outra placa, a **Crescendo G3/L2** é conectada ao slot de cache das máquinas citadas. O resto é basicamente igual. Tem que instalar antes a extensão da placa, mas não é preciso apertar o botão CUDA na placa-mãe.

As duas placas são equivalentes em desempenho, mas a L2 chegou em cima da hora e não tivemos tempo de testá-la em profundidade para checar se há alguma diferença. Mas chegamos a instalá-la em um 5500/250 e o resultado foi satisfatório, dando um novo sopro de vida a esse surrado Mac. O único problema é o mesmo da outra placa: o preço – que, aliás, é exatamente igual. Por que o dinheiro tem sempre que atrapalhar?

Instalação

Instalar a placa é bem simples. A caixa inclui um disquete que instala uma extensão de sistema e o Metronome, um aplicativo que serve para ver as características e a temperatura da placa, que deve ficar entre 47º e 51ºC. Depois de instalar o software, desligue o computador, abra o gabinete e troque a placa de processador original pela nova, seguindo as instruções do manual (convenientemente traduzido para o português pela Passport, que distribui as placas da Sonnet no Brasil). Tudo o que se tem a fazer é remover com cuidado a placa original, instalar a da Sonnet e apertar um interruptor chamado *CUDA switch*, o que permitirá que o novo processador seja reconhecido pela máquina. O único inconveniente disso é que, quando você ligar o Mac novamente, a data do computador irá para 27 de agosto de 1956 e será preciso reajustá-la, além dos painéis de controle de mouse, memória, HD de partida e preferências gerais.

Funciona mesmo

Testamos a Crescendo em um 8600/300 com 136 MB de RAM. Sucesso total! Funcionou até com o Mac OS 9, sem nenhum problema. A

Para ver um movie desse tamanho em um 7600, e ainda a partir do HD de outro Mac via rede, só mesmo trocando o processador original por um G3

nova "esperteza" do Finder para abrir discos e pastas é chocante. Só notamos, no início, um probleminha relativo ao *refresh* de vídeo em algumas situações, que eventualmente fazia com que pequenas porções da tela ficassem com os pixels temporariamente embaralhados. O caso foi facilmente corrigido quando, por recomendação do pessoal da Sonnet, desabilitamos a extensão Built-in Graphics Accelerator. O primeiro teste foi rodar o benchmark do Norton, que avaliou a nova máquina (pelo menos parecia nova) em 822 pontos, contra 466 concedidos à configuração antiga. Em outras palavras, o sistema ficou cerca de 80% mais rápido. Nada mau. Realizando tarefas mais cotidianas, comprovamos a veracidade do resultado apontado pelo doutor Norton. Convertemos uma faixa de 60 minutos (isso mesmo!) do CD Amarok, de Mike Oldfield, em pouco mais de 18 minutos. No velho 8600, a conversão levou 33 minutos. Já na bateria de testes do Photoshop, determinadas tarefas, como alguns filtros, foram além e ficaram até 300% mais rápidos.

No entanto, na média o ganho de performance foi de cerca de 80%. É claro que em uma máquina menos potente, como no 7500/100, os ganhos deverão ser bem mais impressionantes; segundo a Sonnet, até 772% (não duvidamos, mas também não confirmamos).

Tudo é caro...

Não resta muito mais o que dizer sobre a placa. Ah, só faltou o que todo mundo quer mesmo saber: o preço. Aí, o bicho pega. Para ter todo esse prazer é preciso desembolsar R$ 3.718, graças à equação "importação + dólar". Por esse preço (ainda mais barato que um G3 colorido, é verdade), é melhor partir para a placa Crescendo G4 de 400 MHz, que está saindo por R$ 3.744. Com o G4 custando pouco mais de R$ 10 mil no Brasil, a placa com certeza deve valer a pena. **M**

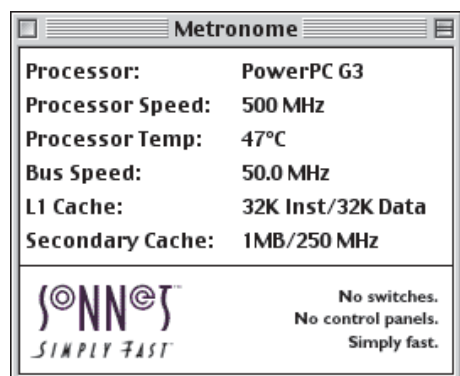
SONNET CRESCENDO 500 MHZ

Quem faz: www.sonnettech.com
Passport: 61-344-0880
Preço: R$ 3.718

Pró: Acelera espantosamente o seu Power Mac velho
Contra: Cara, muito cara

Metronome

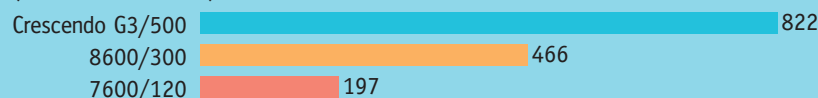
Processor:	PowerPC G3
Processor Speed:	500 MHz
Processor Temp:	47°C
Bus Speed:	50.0 MHz
L1 Cache:	32K Inst/32K Data
Secondary Cache:	1MB/250 MHz

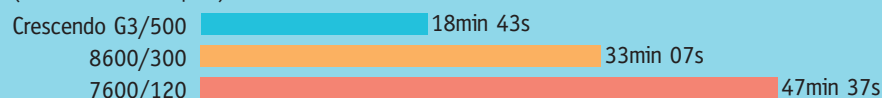
SONNET SIMPLY FAST
No switches.
No control panels.
Simply fast.

A temperatura de 47°C indicada pelo Metronome significa que a placa não está com "febre"

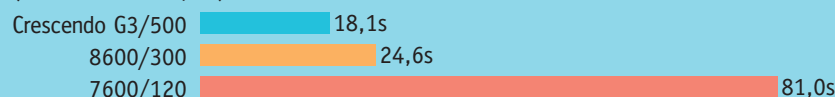
Mais rápido, sim, mas quanto?

Se o seu Mac for de 120 MHz, a diferença é quase inacreditável. Se for um de 300, nem tanto

Benchmark: Norton System Info 4.0
(mais curto=mais lento)

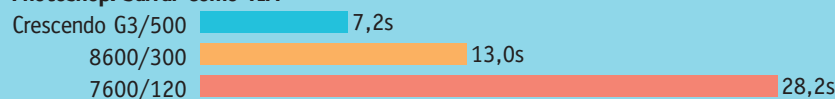
Crescendo G3/500	822
8600/300	466
7600/120	197

AudioCatalyst: Converter 60 minutos de CD para MP3 a 128 kbps
(mais curto=mais rápido)

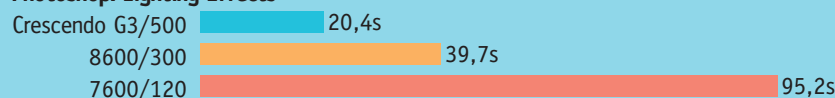
Crescendo G3/500	18min 43s
8600/300	33min 07s
7600/120	47min 37s

Photoshop: Rotate 45° CW
(mais curto=mais rápido)

Crescendo G3/500	18,1s
8600/300	24,6s
7600/120	81,0s

Photoshop: Render: Lens Flare

Crescendo G3/500	6,6s
8600/300	10,9s
7600/120	69,2s

Photoshop: Salvar como TIFF

Crescendo G3/500	7,2s
8600/300	13,0s
7600/120	28,2s

Photoshop: Lighting Effects

Crescendo G3/500	20,4s
8600/300	39,7s
7600/120	95,2s

IntelliMouse com IntelliEye

O fim da bolinha e da sujeira

Sempre defendi que o mouse deveria ter apenas um botão. Achava que os usuários do Windows precisavam de um segundo botão para fazer tarefas mal implementadas no sistema operacional da Microsoft. Durante anos me orgulhei de ter um PowerBook *Microsoft free*, sem Word, sem Explorer, sem Excel, sem Libraries esquisitas, sem qualquer coisa que começasse com MS. Além de provar para mim mesmo que dava para viver sem as quinquilharias de Bill Gates, isso combinava com meu cargo de editor de arte xiita da Macmania. Eu achava que tudo que vinha com a grife MS era uma porcaria, mas tive que mudar de idéia. Hoje, quem visita a redação se espanta ao ver o mouse da Microsoft plugado no meu iBook. Como sabemos, os portáteis da Apple vêm com o trackpad, aquela plaquinha aonde você passa o dedo para controlar a seta. É confortável e prático, mas não dá para trabalhar doze horas seguidas; desenhar com ele, então, é uma tarefa hercúlea. Por isso, passei a usar um mouse quando estou na minha mesa.

A precisão e o fato de não ter peças móveis para engasgar já justificariam a compra do IntelliMouse. Mas, com o tempo, descobri que antes do mouse quase não usava os menus contextuais, por preguiça de levar a outra mão ao teclado (tem que apertar Control, lembra?). A preguiça levava ao esquecimento. O botão direito, ao contrário, instiga a clicar em tudo que é canto para ver quais atalhos vão aparecer. A rodinha que fica entre os dois botões é um show à parte. Basta um tapinha com o indicador e a barra de scroll vertical de quase todos os programas passeia diante de seus olhos. Claro que no Quark, que usa uma gambiarra própria para desenhar as janelas, o recurso não funciona direito; deprê. Mas para surfar na Web e ler email é o que há; devo estar ganhando umas duas horas por dia em produtividade.

De cara, o mouse chama a atenção pelo seu LED fodão, que pulsa 1.500 vezes por segundo para perceber mudanças de posição em superfícies aparentemente lisas. Diferente dos antigos modelos ópticos, ele não precisa de um mousepad específico (aquele com minúsculos quadradinhos metalizados); aliás, não precisa de mousepad algum. Não tendo partes móveis para quebrar ou sujar, ficamos livres da limpeza da maldita bolinha e dos roletes. Ele anda bem sobre fórmica, papel, vidro e madeira, e até sobre a perna em caso de emergência. Mas, contrariando a propaganda e algumas resenhas, ele não anda sobre todo tipo de terreno. Nossa pesquisa descobriu que ele não funciona sobre superfícies espelhadas. Seu desenho, torto e anatômico, é o mesmo de quase todos os outros mouses da Microsoft. Feioso (com sua cor branco-geladeira), porém confortável.

Marcos Bianchi

Para instalar o Help, as extensões e um painel de controle chamado IntelliPoint, o macmaníaco tem que dar uns tantos cliques a partir da URL fornecida pelo CD-ROM e baixar um instalador do site americano da Microsoft. Se você não acessa a Internet (demorou!!!), telefone para o suporte da empresa que eles mandam os drivers (é assim que eles falam) pelo correio. Depois de baixar e instalar o bicho, a brincadeira começa. O IntelliPoint permite configurar algumas funções para todo o Mac ou restringi-las a alguns programas. A primeira, "Opções do ponteiro", controla a velocidade da seta em relação à superfície e pode fazer o cursor pular direto para o botão de OK nas caixas de diálogo. A segunda, "Botões", permite atribuir ações como copiar, duplo-clicar, voltar, acionar o Sherlock ou uma combinação de teclas à sua escolha, entre outras. A terceira, "Roda", controla quantas linhas a rodinha vai rolar o texto e acrescenta funções (as mesmas do Botões) ao "clica e rola".

Como nada é perfeito, o preço é salgado, mas vale o sacrifício. Só falta eles entrarem na onda dos periféricos coloridos e lançar "aquele" modelo laranja translúcido. M

Pró: Preciso, permite programar os botões e não possui peças móveis

Contra: Monocromático e muito caro

TONY DE MARCO
Já foi bom, mas começa a apresentar sinais evidentes de senilidade.

INTELLIMOUSE USB

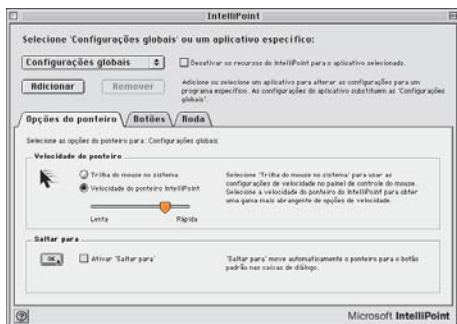
Microsoft: www.microsoft.com/brasil/hardware/mouse/intellieye.stm

Sistema Operacional: 8.5.1 ou posterior

Preço: R$ 159

Ano 2 - Nº17
Parte integrante da revista **Macmania**
Não pode ser vendido separadamente

MacPRO

o suplemento dos power users

ProNotas

VectorWorks ajudou a projetar o iBook

Programa CAD 3D permitiu que o tempo de integração dos componentes do portátil fosse 25% menor

Você talvez pense que um programa CAD só serve para projetar casas, motores e chips. Pois bem: os engenheiros da Apple parecem não pensar do mesmo modo. Eles conseguiram integrar todos os componentes internos do iBook em tempo recorde, utilizando o **VectorWorks** da Diehl Graphsoft (conhecido anteriormente como MiniCAD e comercializado no Brasil pela CAD Technology).

O ambiente híbrido do VectorWorks possibilitou que o processo (que antes era feito apenas em 2D) pudesse ser realizado em um tempo 25% menor.

A utilização do programa de CAD foi fundamental para a concretização do portátil da Apple, uma vez que a integração dos componentes de um laptop é sempre difícil, e o iBook apresentava um desafio ainda maior porque sua carcaça curvada reduzia o espaço disponível e aumentava a complexidade dos cálculos de interferência entre os componentes.

A equipe de projeto responsável pela integração do iBook superou esse problema trocando o software de desenho 2D, geralmente usado nessa tarefa, pelo VectorWorks.

Operando em 3D, o programa ofereceu um modo rápido e fácil para determinar como os componentes se adaptavam em cada posição, a fim de estabelecer as relações básicas de design e homogeneizar as comunicações entre os engenheiros elétricos e mecânicos com os engenheiros industriais. Assim, o trabalho que levaria pelo menos dez semanas foi reduzido para oito.

CAD Technology: www.cadtec.com

Sherlock pode expor o seu email

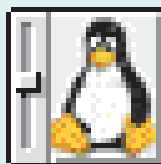
Problema está relacionado com recurso de auto-atualização que envia senha a servidores FTP

Uma falha de segurança que expõe o email dos usuários foi encontrada no **Sherlock**, ferramenta de busca dos Mac OS 8.5 a 9. O Sherlock tem um recurso de auto-atualização que checa por novas versões dos módulos que possibilitam a procura em sites específicos. Se um update de plug-in for transferido via FTP, o Sherlock vai se logar no servidor anonimamente, mas usará o email do usuário como a senha.

No passado, seria considerado uma cortesia oferecer seu email dessa maneira na hora de baixar ▶

Como instalar Linux no seu Mac

LinuxPPC passo-a-passo

por Roberto Conti

O Linux já é o segundo sistema operacional mais usado em servidores no mundo e cresceu mais de 50% em 1999. Seu uso como OS em máquinas desktop também tem crescido, mesmo com suas deficiências nesse campo. Apesar de a grande maioria dos usuários usar o Linux para máquinas com chip Intel, existem algumas distribuições do Linux que rodam em PowerPC, que não ficam nada a dever às versões para Intel: o **MkLinux**, o **LinuxPPC** e o **Yellow Dog** *(leia mais a respeito na Macmania 63)*.

Todas as distribuições são basicamente iguais; o que muda são os programas extras que vêm com elas. O MkLinux é o único que funciona em Macs sem slots PCI, como os Power Macs da primeira geração (6100, 7100 ou 8100). As outras distribuições funcionam em todos os Power Macs, inclusive iMacs, PowerBooks G3 e Power Macs G3 e G4.

Os pacotes

Nas três distribuições, os programas básicos são:

- **Kernel 2.2** – O coração do Linux
- **gcc 2.7** – Compilador C e C++
- **wu-ftp** – Programa servidor de FTP
- **Apache 1.3.6** – Servidor de páginas de Web
- **Netscape Navigator 4.6** – O bom, velho e famoso browser de Web
- **X-Window 3.3** – Servidor de ambiente gráfico
- **KDE** – Gerenciador de janelas (interface gráfica) *(fig.1)*
- **Gnome** – Outro gerenciador de janelas (interface gráfica)
- **docs** – Documentação completa sobre todos os programas
- **libs** – Todas as bibliotecas necessárias para o funcionamento do Linux e seus aplicativos.
- **E mais** uma "porrada" (1,2 GB) de softwares para as mais variadas necessidades.

Os aplicativos existentes na Internet para Linux vão desde um programa de receitas culinárias, passando por várias linguagens de programação (Pascal, C, C++, Perl, Python, Java etc.) até softwares para *clusters*, agrupamento de computadores trabalhando em conjunto, utilizados pela NASA *(veja mais em* www.beowulf.org*)*.

Em todas as distribuições, o programa de empacotamento dos softwares é o ▶

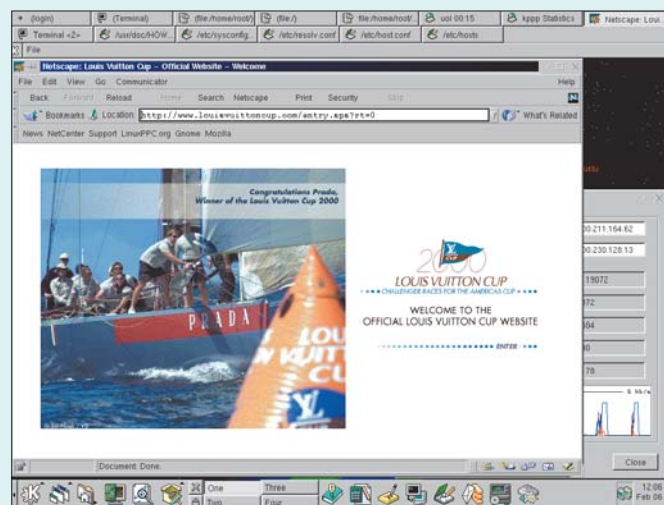



Fig. 1 – É feio, mas não é Windows... É o LinuxPPC com o KDE, rodando em um legítimo Power Mac

Como instalar Linux no seu Mac

continuação

RPM, da Red Hat (http://www.redhat.com). Embora as outras distribuições nada deixem a desejar, não temos como explicar os detalhes de todas elas nesta matéria. Escolhemos o **LinuxPPC**, por ser o mais completo e melhor organizado. A máquina que utilizamos foi um Power Mac 7200/75 com 2 GB de HD e 64 MB de memória RAM.

Onde encontrar Linux para Mac

Livraria Tempo Real: 11-3266-2988 www.temporeal.com.br
MkLinux: www.apple.mklinux.com
LinuxPPC: www.linuxppc.org
Yellow Dog: www.yellowdog.com
Red Hat: www.redhat.com

Preparando o terreno

Instalar o LinuxPPC não é coisa simples e, apesar do esforço de empresas como Corel e Red Hat em simplificar esse processo, ele ainda requer paciência e está longe do Easy Install do Mac OS. Primeiro é preciso preparar o hard disk para recebê-lo.
Atenção: se você estiver instalando o Linux em um disco vazio, não precisa de nenhum cuidado extra, mas se for o HD interno do seu querido Mac, onde estão todos os seus programas e documentos, **faça um backup completo primeiro!**

Particionamento

No Linux, o HD SCSI com endereço 0 (zero) é conhecido como /dev/sda, com endereço 1 é conhecido como /dev/sdb, e assim sucessivamente. As partições que existirem no seu disco serão numeradas a partir do 0 após o "nome" do HD. Ou seja: a quinta partição do HD com endereço SCSI 1 é reconhecida pelo Linux como /dev/sdb4.
Para os discos IDE dos Macs mais novos, a nomenclatura é /dev/hda, /dev/hdb e assim por diante. Qualquer dúvida, procure dentro do CD o arquivo LinuxPPC-Guide.pdf. Esse é o manual de instalação (em inglês), que explica em detalhes as partições.

Fig. 2 – No CD do LinuxPPC fica o pdisk, o formatador de HD

Onde instalar

Para uma instalação básica, você irá precisar de uns 500 MB de espaço livre no seu disco. Embora seja possível instalar o Linux junto com o Mac OS em um mesmo disco, não é recomendável que isso seja feito por usuários iniciantes. O problema é que isso implica em reformatar o HD e criar duas partições básicas – uma para o Mac OS, outra para o Linux – e reinstalar todo o software do Mac. Cá entre nós, não é coisa muito agradável de fazer. Mas, se você está com essa vontade toda, vá em frente.

> *Instalar o LinuxPPC ainda não é coisa para principiantes*

O mais fácil mesmo é instalá-lo em um segundo HD. Para isso, formate-o criando somente uma pequena partição (uns 10 MB) com o Drive Setup da Apple. Nela, você não vai instalar nada: o que interessa é o espaço livre que restou. Fizemos dessa maneira para evitar que você tenha que comprar um programa formatador de terceiros.

Formatando

Na pasta Mac OS Utilities, dentro do CD-ROM do LinuxPPC, existe um programa chamado **pdisk**, o formatador que irá criar as partições para Linux *(fig.2)*.
Macmaníacos acostumados a interfaces gráficas podem achar o bichinho meio estranho, uma vez que ele não tem interface nenhuma, apenas uma janela de texto *(fig.3)*. Bem-vindo ao mundo Unix!
Teclando "?" na janela do pdisk, ele vai exibir os comandos permitidos pelo programa *(fig.4)*. Nesse nível, os comandos que nos interessam são o "l" *(fig.5)*, que gera uma lista das partições do "Name of device:" especificado (que no nosso caso é o /dev/sda), e o comando "e" *(fig.6)*, que nos permite editar as partições. Quando digitamos "e", ele entra no modo de edição. A partir daqui é só criarmos as tais partições. Siga as bolinhas:
•Tecle "p" para ver quais partições existem *(fig.7)*.
•Tecle "c" para criar uma nova partição. No nosso caso, já temos as partições de /dev/sda1 a /dev/sda5, que são do Mac OS. Precisamos criar agora a /dev/sda6, que tem como base (início) o *block* 1.024.704 e vai até 3.974.704, ou seja, tem 2.950.000 blocks de 512 bytes cada, o que dá uma partição de aproximadamente 1,5 GB. Essa vai ser chamada de "root".
•Em seguida, tecle "p" para ver se a partição "root" foi criada e saber onde vai começar a segunda partição. A próxima partição começa

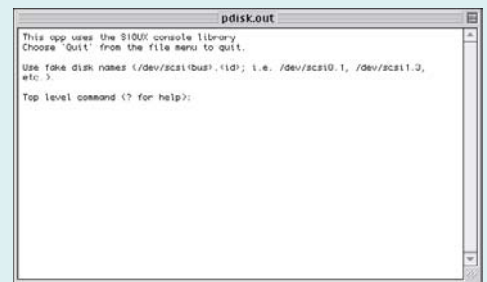
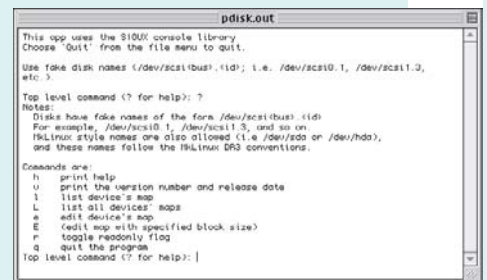



Fig. 3

Fig. 4

```
pdisk.out
This app uses the SIOUX console library
Choose 'Quit' from the file menu to quit.

Use fake disk names (/dev/scsi(bus).(id); i.e. /dev/scsi0.1, /dev/scsi1.3,
etc.).

Top level command (? for help): ?
Notes:
  Disks have fake names of the form /dev/scsi(bus).(id)
  For example, /dev/scsi0.1, /dev/scsi1.3, and so on.
  MkLinux style names are also allowed (i.e /dev/sda or /dev/hda),
  and these names follow the MkLinux DR3 conventions.

Commands are:
  h    print help
  v    print the version number and release date
  l    list device's map
  L    list all devices' maps
  e    edit device's map
  E    (edit map with specified block size)
  r    toggle readonly flag
  q    quit the program
Top level command (? for help): |
```

Fig. 5

Fig. 6

```
pdisk.out
  p    print the partition table
  P    (print ordered by base address)
  i    initialize partition map
  s    change size of partition map
  c    create new partition (standard MkLinux type)
  C    (create with type also specified)
  n    (re)name a partition
  d    delete a partition
  r    reorder partition entry in map
  w    write the partition table
  q    quit editing (don't save changes)
Command (? for help): p

Partition map (with 512 byte blocks) on '/dev/sda'
 #:                type name               length   base    ( size )
 1: Apple_partition_map Apple                  63 @ 1
 2:      Apple_Driver43*Macintosh              54 @ 64
 3:      Apple_Driver43*Macintosh              74 @ 118
 4:       Apple_Patches Patch Partition       512 @ 192
 5:           Apple_HFS untitled          1024000 @ 704      (500.0M)
 6:     Apple_UNIX_SVR2 root              2950000 @ 1024704 (  1.4G)
 7:     Apple_UNIX_SVR2 swap               150032 @ 3974704 ( 73.3M)

Device block size=512, Number of Blocks=4124735 (2.0G)
DeviceType=0x0, DeviceId=0x0
Drivers-
1: @ 64 for 22, type=0x1
2: @ 118 for 36, type=0xffff

Command (? for help): |
```

Fig. 7

Fig. 8

```
pdisk.out
This app uses the SIOUX console library
Choose 'Quit' from the file menu to quit.

Use fake disk names (/dev/scsi<bus>.<id>; i.e. /dev/scsi0.1, /dev/scsi1.3,
etc.).

Top level command (? for help): l
Name of device: /dev/sda
finding devices .......

Partition map (with 512 byte blocks) on '/dev/sda'
 #:                type name               length   base    ( size )
 1: Apple_partition_map Apple                  63 @ 1
 2:      Apple_Driver43*Macintosh              54 @ 64
 3:      Apple_Driver43*Macintosh              74 @ 118
 4:       Apple_Patches Patch Partition       512 @ 192
 5:           Apple_HFS untitled          1024000 @ 704      (500.0M)
 6:     Apple_UNIX_SVR2 root              2950000 @ 1024704 (  1.4G)
 7:     Apple_UNIX_SVR2 swap               150032 @ 3974704 ( 73.3M)

Device block size=512, Number of Blocks=4124735 (2.0G)
DeviceType=0x0, DeviceId=0x0
Drivers-
1: @ 64 for 22, type=0x1
2: @ 118 for 36, type=0xffff

Top level command (? for help):
```

em 3974704 e vai até o final do HD, ou seja, tem um tamanho de 150.032 blocks (cerca de 75 MB). Para criá-la, tecle "c" novamente e informe o início em 3.974.704 e o tamanho de 150.032 blocks. Essa partição vai ser batizada de "swap" *(fig.8)*.

Aqui vale uma explicação. A partição que chamamos de *root* é o lugar onde será instalado todo o Linux. Já o *swap* é uma área do disco que fica reservada para que o kernel e os programas possam trabalhar quando há falta de memória RAM real, em um esquema semelhante à memória virtual do Mac. O limite de swap do Linux é de 128 MB por partição. Em máquinas grandes, geralmente são criadas várias partições de swap que são ativadas no boot da máquina. Nós escolhemos uma única partição de root por questões de facilidade. Quando você estiver mais familiarizado com o Linux, poderá optar por outras configurações de partições.

•Bem, agora só falta gravar a partição. Tecle "w" (*write partition table*). Se você não fizer isso, todo o seu trabalho até aqui será perdido e o mapa de partições do seu HD não será alterado.

Instalando

Tudo isso serviu apenas para preparar o seu Mac para receber o Linux. Agora é que começa a instalação de verdade.

Rode o **LinuxPPC 1999 Installer**, que vem no CD-ROM. Ele irá instalar os programas necessários para você poder dar "boot" no seu Mac já com o Linux como sistema operacional. Esses programas são:

•**Boot LinuxPPC** – Aplicativo que permite escolher o "boot" entre o MacOS e o Linux.

•**BootX Extension** – Extensão de sistema que permite carregar o kernel do Linux em um RAM disk.

•**Linux Kernels** – Pasta que fica dentro do System Folder do Mac. Nela estão os Kernels do Linux.

Após terminar de instalar os programas, dê um restart no seu Mac. Quando ele começar a "restartar", você vai ver a tela mostrada na figura 9. Calma, não vá clicando afoito no botão do Linux. Escolha primeiro o botão Mac OS, para podermos dar uma olhada nos parâmetros de configuração. Ele irá terminar de carregar o Mac OS. Após a entrada do sistema, dê dois cliques no ícone Boot Linux PPC que está no seu desktop. Agora podemos ajustar os parâmetros da sua máquina:

•**Kernel** – Aqui você diz qual daqueles kernels que estão na pasta Linux Kernels você quer carregar. Observe que ele deve ser compatível com o seu hardware. No nosso caso, optamos pelo "LinuxPPC Standard", que funciona com a maioria dos Power Macs. Caso nenhum deles consiga dar boot na sua máquina, dê uma olhada nas páginas do site do LinuxPPC (www.linuxppc.org). Certamente, você encontrara um kernel para o seu hardware específico.

•**Root device** – Por enquanto, mantenha essa opção em branco. É aqui que, depois da instalação, informaremos em qual partição do disco está o Linux.

•**Use RAM Disk** – matenha-o selecionado. Isso vai permitir que o kernel que você escolheu seja carregado em memória RAM.

•**No video driver** – esta opção serve para evitar problemas com a identificação da sua placa de vídeo. Como a nossa era a original do 7200, desselecionamos este item. Caso o Linux não entre em modo gráfico, restarte o Mac e selecione este botão para não usar o driver de vídeo.

•**More kernel arguments** – Aqui é onde os parâmetros especificos da placa de vídeo, do mouse e outros itens são especificados após a instalacão para que o kernel possa dar "boot" corretamente. No arquivo PDF LinuxPPC-Guide há explicações detalhadas sobre isso. Clique no botão "Save to prefs" para gravar seus ajustes; depois, clique no botão Linux.

Fig. 9

ProNotas

continuação

arquivos. No entanto, hoje em dia, há uma preocupação maior com a privacidade, e muitos programas que suportam FTP, como o Netscape Navigator, permitem que os usuários escolham se querem "logar" em servidores fornecendo o seu email ou anonimamente.

FileMaker sem limites

FileMaker Pro 5 Unlimited acaba com as restrições de licença e de número de usuários de Internet

A FileMaker, uma empresa totalmente controlada pela Apple, também ouve seus clientes. A empresa lançou o **FileMaker Pro 5.0 Unlimited**, sumindo com as restrições de licença e de número de usuários de Internet que haviam sido lançadas como "features" do novo upgrade e descontentaram bastante os usuários do programa. De brinde vem o **FileMaker Web Server Connector**, um *servlet* Java para permitir que bases de dados publicadas via FileMaker possam ser servidas a partir de servidores Web como WebSTAR, AppleShare IP, Apache e IIS. O FileMaker Pro 5 Unlimited está saindo nos Estados Unidos por US$ 1.000.

FileMaker: www.filemaker.com

WWDC 2000 é X

Conferência para desenvolvedores terá foco sobre as tecnologias incluídas no Mac OS X

Entre os dias 15 e 19 de maio será realizada a **Worldwide Developers Conference 2000**, conferência anual dos desenvolvedores envolvidos com o mundo Apple.

A WWDC desse ano trará um visão aprofundada de todas as novas tecnologias relacionadas com o Mac OS X, incluindo o Carbon, Cocoa, Aqua e Quartz. Outras atrações ficam por conta da tradicional apresentação de Steve Jobs e outras palestras do time da Apple. Outro destaque importante é o 5th Annual Apple Design Awards, prêmio que reconhece os melhores produtos desenvolvidos para Mac OS.

O evento acontecerá no San Jose Convention Center, em San Jose, na Califórnia. O preço da inscrição é US$ 1.395, mas para as inscrições antecipadas (antes de 15 de abril) o preço cai para US$ 1.195. O DRC, centro de apoio ao desenvolvedor da Apple Brasil, está reunindo programadores brasileiros interessados em participar do evento.

Para se inscrever ou obter outras informações, visite o site da WWDC 2000.

WWDC 2000:
www.apple.com/developer/wwdc2000

Adobe libera plug-in SVG

Arquivos podem ser baixados livremente do site da companhia

A Adobe tornou públicos seus plug-ins do **Scalable Vector Graphics** (SVG), seu formato para visualização de imagens vetoriais na Web, que agora podem ser baixados livremente.

Exitem dois plug-ins SVG. O primeiro é o de visualização, que permite ver os arquivos SVG nas janelas do Netscape Communicator ou Internet Explorer, versões 4.0 ou superiores. A única restrição ►

Pergunte aos Pros

Qual é a diferença entre FireWire, IEEE 1394 e i.Link? Não deveriam ser a mesma coisa?

Daniel Martinelli
Curitiba/PR

Na verdade, não há muita diferença.
FireWire, IEEE 1394 e i.Link são todos a mesma tecnologia. Porém, há algumas diferenças entre o i.Link e os outros dois. Mas vamos começar com o FireWire e 1394.
A tecnologia FireWire foi desenvolvida pela Apple como forma de oferecer um meio de alta velocidade para conectar periféricos aos computadores. A Apple foi pioneira ao embutir o SCSI na *motherboard* de todos os Macs, mas essa interface sempre apresentou alguns problemas bem chatos, como conflitos de endereço, suporte a poucos equipamentos em cadeia e exigir que tanto o periférico quanto o computador estivessem desligados para serem conectados (ligação a frio).
A Apple inventou a tecnologia FireWire e a apresentou ao IEEE (Institute of Electric and Electronic Engineers), entidade mundial de certificação, que designou-a como padrão IEEE 1394. A Apple, então, implementou a tecnologia sob o nome comercial FireWire. Já no mundo PC, as companhias que adotaram o padrão preferiram ficar na denominação IEEE 1394, pois é preciso pagar uma taxa de licença à Apple para se ter o direito de chamá-la de FireWire.
Em resumo, não há nenhuma diferença real entre FireWire e 1394. A maioria dos produtos FireWire/1394 é *cross-platform*, pelo menos até agora. O i.Link é a implementação da Sony dessa tecnologia e pode ser encontrado em muitas de suas câmeras digitais, como também em sua linha de computadores VAIO. A única diferença do i.Link para o FireWire/1394 é ausência de transmissão de energia através do barramento. Os produtos FireWire/1394 podem puxar força diretamente da conexão (embora alguns tenham uma fonte externa, separada). Já os equipamentos i.Link sempre têm que possuir uma fonte própria.
Isso significa que o proprietário de um Sony VAIO pode usar um produto designado como FireWire/1394 (desde que exista um driver apropriado), mas este deverá possuir uma fonte própria. Inversamente, muitos dispositivos i.Link podem ser usados em máquinas com porta FireWire, mas não poderão aproveitar a energia transmitida por ela.
Aparelhos que usam a energia transmitida pelo FireWire, como os minúsculos discos rígidos da VST, usam cabos com conectores de seis pinos nas duas pontas. Esses são diferentes dos cabos usados apenas para transmissão de dados, que trazem um conector de seis pinos (retangular) em uma ponta e um de quatro (quadrado) na outra.

Como instalar Linux no seu Mac

continuação

Rebootando

Não se assuste. Seu Mac não ficou louco: o boot é feito todo em modo texto, mesmo. Se tudo estiver certo, após um minuto (ele está lendo do CD, o que faz o processo ficar lento, mesmo) você deve ver a tela de instalação do PPCLinux. Infelizmente, não é possível fazer um screenshot dessa tela.
Em todo caso, a primeira coisa a fazer é dizer aonde você quer montar a partição de root que criamos ateriormente. Digite somente "/" e selecione na mesma linha o botão "format". Isso fará com que o instalador formate e cheque se não há problemas (os famosos *bad blocks*) no seu HD. Anote em qual partição está o "/" (root); você vai precisar dessa informação daqui a pouco.
Quando a formatação terminar, você verá uma tela na qual é possível selecionar os programas que você deseja instalar. Os básicos já vêm selecionados. Adicionamos o X-Windows e a interface gráfica KDE, clicando sobre eles (você pode optar pelo Gnome, se por algum motivo preferir esse gerenciador gráfico). Note que os menus só se abrem quando você dá um duplo clique. Não se preocupe: se estiver faltando algum programa ou houver algum conflito, você será avisado, graças ao RPM. Clique em Install e relaxe.

Configurando

Agora, você deverá estar vendo a tela para colocar sua senha de "root". Se você quiser deixar em branco, pode. Só que aí a segurança da sua máquina irá ter ido para o espaço, uma atitude não muito racional. Coloque uma senha e *não* a esqueça, pois sem ela você nem sequer vai conseguir entrar (fazer o *login*) no Linux. Para quem não sabe, o usuário root é o todo-poderoso em qualquer sistema Unix. Pense nele como um usuário com superpoderes dentro do Linux.
A próxima tela serve para você começar a configurar a rede. Só que esse assunto foge ao propósito desta matéria; por isso, deixe tudo em branco. Feche a janela e dê um restart no Mac. Novamente, você deverá ver o BootX pedindo para você escolher o OS. Escolha Mac OS e deixe o Mac terminar de dar boot. Abra o Boot LinuxPPC e preencha o "Root device" com a informação que você anotou. Desselecione "Use RAM Disk" e coloque os parâmetros da sua placa de vídeo. No nosso caso *(fig.10)*, os dados são:

• videoatyfb – Chip de vídeo da ATI
• :vmode:16 – resolução de tela: 1024 x 768
• ,cmode:16 – profundidade de cor: 16 bits

Clique em "Save to prefs" para gravar seus ajustes. No PDF LinuxPPC-Guide existe uma explicação detalhada sobre os modos de operação e configuração de vídeo nos diversos modelos de Mac.

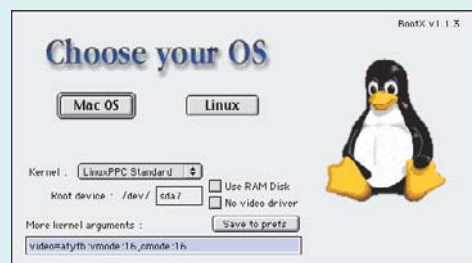



Fig.10

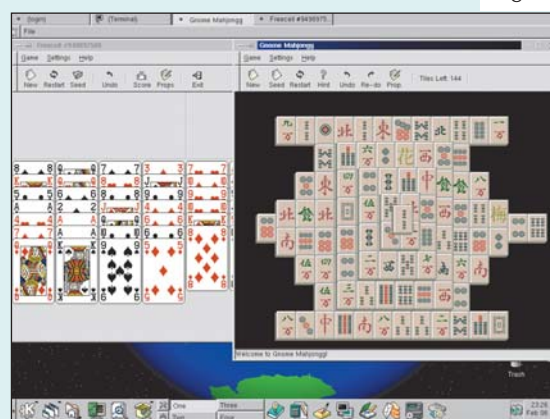
Pronto!

Posto isso, clique em Linux e *voilà*! Você agora tem uma legítima workstation Linux. Ela está programada para o boot em X-Window e vai pedir o seu login. Digite "root" e a senha que você cadastrou.
Uma vez dentro do KDE ou Gnome, conforme a sua escolha anterior, você pode começar a conhecer os recursos do Linux. Um bom ponto de partida é o diretório /usr/doc/HOW-TO. Nele você encontrará informações sobre como instalar, configurar e operar muitos programas e serviços do Linux. Existem vários programas para ler esses documentos. Eu aconselho o Netscape, porque alguns deles estão em HTML e você já deve estar familiarizado com o uso dele.
Outros documentos importantes são:

•**sag** (*system administrator guide*)
•**nag** (*network administrator guide*)
•**lpg** (*Linux programmers guide*)

Todos eles estão dentro de /usr/doc/LPD/.
Tambem é possível se divertir com o Linux. Na nossa instalação, colocamos alguns joguinhos inocentes. É sempre bom lembrar que programas escritos para outras distribuições de Linux precisam ser recompilados antes de rodarem no LinuxPPC. Mas isso é assunto para uma outra matéria. **M**

ROBERTO CONTI lucca@pobox.com
"In God we trust" ;)

Fig.11

Poder! Mais poder!

Curso de AppleScript, parte 10

por Maurício L. Sadicoff

Esse grito de vilão de desenho animado é típico dos usuários de AppleScript, depois que pegam um pouco o jeito da coisa. Você sabe que tem poder adoidado nas suas mãos, mas quer sempre mais e mais.

Não se preocupe, Gafanhoto. A comunidade Macintosh mundial vem sempre ao seu resgate quando a coisa fica feia. Nesse caso, para saciar sua sede de poder com muitas e muitas OSAXen. "OSAXen quem, cara-pálida?", você me inquire. Ora: OSAXen, plural de OSAX! "Ah, claro, plural de OSAX! Mas, cá entre nós, que diabos é OSAX?"

Ué? Eu nunca expliquei o que é OSAX? Ah, então deixa comigo, explico agorinha mesmo!

OSAX é a sigla para *Open Scripting Architecture eXtension*. Open Scripting Architecture é o nome técnico para uma das tecnologias introduzidas pelo AppleScript, que permite a criação de extensões para o AppleScript. Você já conhece algumas dessas extensões pelo nome de Scripting Additions, de quem falamos quando aprendemos a abrir dicionários de AppleScript.

E não é que OSAX é tão somente um nome pomposo para Scripting Addition? Pois é. Daí vem o mais simples, como instalar os OSAXen: é só jogá-los dentro da sua pasta Scripting Additions, dentro do System Folder. Se a esta altura você está morrendo de medo porque viu a palavra "extensão" e pensou nos trezentos mil penduricalhos que só criam conflitos, calma. As OSAXen são extensões ao AppleScript, não ao OS. E, para estragar uma delas, o programador tem que fazer *muita* lambança. Programar uma OSAX não é tarefa tão trivial como escrever um AppleScript. É necessário saber uma das linguagens tradicionais de programação, como C, C++ ou Pascal, além de um bom conhecimento de como funciona o AppleScript nos bastidores, o que nem todo mundo tem.

Mas dá pra fazer caquinha? Claro que dá, só não é frequente. Aliás, é bem raro. Ou seja, pode instalar sem medo.

"Mas aonde encontrarei estes tão poderosos artefatos, ó scriptante guru?"

Você devia se envergonhar de fazer uma pergunta dessas, Gafanhoto! Onde! Ora, na Web, claro! A comunidade mundial Macintosh (falando assim, parece uma dessas seitas secretas, não?) costuma espalhar pra todo lado todos os tipos de OSAXen, fazendo desde coisas triviais, como medir quanto tempo o Mac está sem fazer nada (IdleTime OSAX), até tarefas bem complexas como elaborar expressões regulares (ou *buscas grep*, pra vocês que gostam de Unix), passando por codificação BinHex e compactação StuffIt, e por aí vai.

Todas essas Scripting Additions podem ser encontradas facilmente através de buscas nos *search engines* mais famosos, mas como a Macmania não quer saber de dar trabalho aos leitores, aí vão alguns links para sites mais famosos, que têm toneladas de OSAXen para você se divertir.

Onde tem OSAX na Web

IdleTime OSAX: http://tango.mth.umassd.edu/correia/downloads/IdleTime.hqx

ScriptWeb (contém links para trocentas OSAXen, algumas shareware, outras freeware; inclui a OSAX para *grep* e a outra para codificação BinHex): http://www.scriptweb.com/osaxen/index.html

Mas *cuidado!* Não se empolgue demais em baixar toneladas de OSAXen que você não vai usar. Lembre que, para saber o que cada uma delas faz, você tem de usar o comando Open Dictionary do seu Script Editor e que, se a lista de Scripting Additions for muito grande, pode demorar um século e meio até você encontrar aquela que procura.

Agora, chega de papo e mãos à obra! Mês que vem, vou falar das novidades em scripts introduzidas pelo Mac OS 9, e o que poderemos esperar do Mac OS X em relação a scripts. **M**

MAURÍCIO L. SADICOFF
Adora OSAXen. A única coisa que não sabe é por que o plural de OSAX virou OSAXen e não OSAXs ou simplesmente OSAX. Mistério....

Finalmente revelado o esconderijo das OSAXen em seu computador. Sim, o ícone delas é o mesmo das Additions, e não por acaso

Media 100

Nova versão 6.0 está no caminho certo da integração

por João Velho

No Media 100, chamam a atenção os novos comandos de exportação para o After Effects e o Media Cleaner

O conceito do computador como uma máquina "faz-tudo" vem sendo perseguido pelos cientistas desde os primórdios da informática. Pode-se dizer que nos aproximamos bastante disso a partir da possibilidade de trabalhar com os mesmos dados e arquivos de mídia em programas diferentes com funções distintas. Essa conversa tem muito a ver com um dos motivos do sucesso conquistado pelo sistema de edição não-linear Media 100 na plataforma Mac. Ele foi o primeiro a trabalhar com o formato de vídeo QuickTime nativo, facilitando a interação com o sistema operacional e programas de terceiros.

No entanto, como o Media 100 nomeia seus arquivos de mídia usando um código inteligível apenas para o seu software, muitas vezes ficava difícil identificar quem era quem na hora de abrir um determinado arquivo de vídeo em outro programa, para algum tipo de efeito ou manipulação.

Em vista disso, nos casos de projetos com muito material digitalizado, acabava sendo necessário gerar outros arquivos por um comando de exportação do Media 100, com o ônus inevitável da recompressão de vídeo e a consequente deterioração da imagem.

Pois bem: para felicidade geral dos usuários, esse problema foi minimizado com o lançamento da versão 6.0 do Media 100, no final de 99, que vem integrada com dois programas fundamentais: o After Effects e o Media Cleaner Pro *(ver Macmania 66)*.

Media 100 e After Effects

Na nova versão do Media 100, para compartilhar projetos com o After Effects basta escolher um trecho de um programa de edição e acionar o comando File ▸ Export To ▸ After Effects. O Media 100 "rendera" os efeitos e transições que houverem e cria um novo arquivo, levíssimo (coisa de 65 K), com todas as informações relativas à edição. O passo seguinte é importar esse arquivo, com terminação M1A, pelo After Effects. Para isso, antes é necessária a instalação de um plug-in criado pela Media 100. Uma vez na pasta de plug-ins do After Effects, ele permite que o programa da Adobe reconheça os arquivos .M1A.

Dentro do After Effects, o caminho é igualmente simples. O usuário precisa apenas executar o comando File ▸ Import ▸ Foreign Project Files as Comp para, logo em seguida, abrir a composição iniciada no Media 100. Todos os arquivos originais estarão lá, em layers separados, inclusive as transições, respeitando os mais diversos tempos e ajustes de edição. É bem verdade que o After Effects já fazia isso com arquivos de projeto do Premiere, desde a versão 4.0. Mas agora, pela primeira vez temos o mesmo recurso em um sistema de edição profissional, com um software independente da Adobe.

Multimídia e Internet

Em 1999 a Media 100 incorporou a empresa que fabricava o Media Cleaner Pro. Obviamente, o objetivo foi fazer com que seu sistema de edição se tornasse uma espécie de ferramenta completa para preparar mídia para streaming de vídeo via Web e multimídia.

E aparentemente ele foi alcançado. O Media Cleaner EZ, uma versão reduzida do Media Cleaner Pro, está sendo distribuído junto com a versão 6.0 do Media 100. Com isso, uma simples operação de exportação de mídia é suficiente para usufruir dos recursos dos dois softwares em um mesmo projeto.

Através do novo comando File ▸ Export to ▸ Media Cleaner, após "renderar" efeitos e transições, o Media 100 gera um arquivo de vídeo bem leve, apenas de referência. Imediatamente depois, o Media Cleaner (EZ ou Pro) é carregado na memória e surge a janela Media Cleaner Process com o arquivo exportado. Daí em diante, o usuário fica com o Media Cleaner até terminar o trabalho.

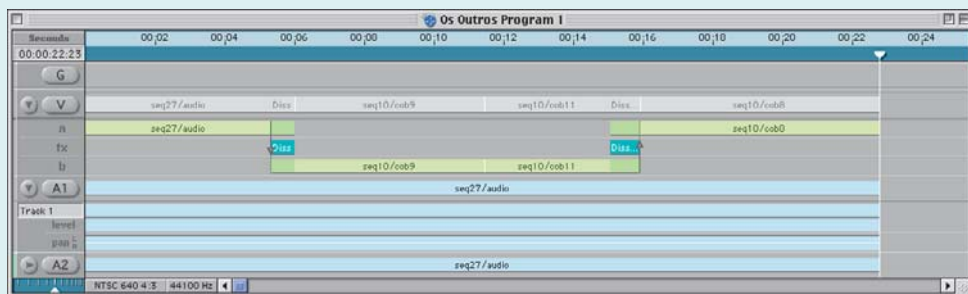
De olho no futuro

Além desses recursos novos, o Media 100 6.0 tambem permite carregar qualquer programa diretamente do novo submenu Launch.

O usuário tem apenas que escolher os progra-

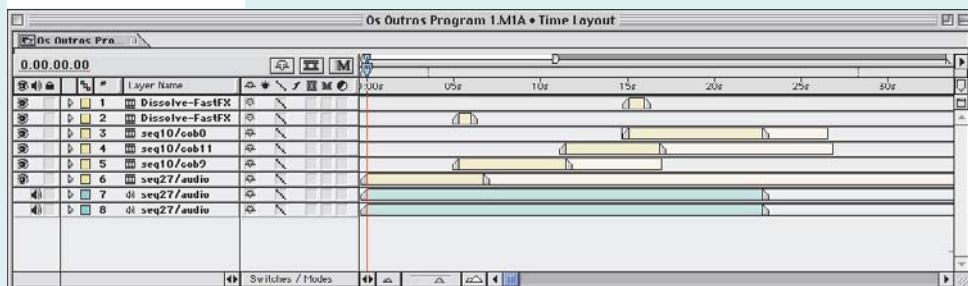
O After Effects agora reconhece e abre os formatos exportados pelo Media 100

Onde encontrar

Media 100: www.media100.com
PROTV: 11-829-2332
VideoMart: 21-493-7611

É só comparar: a edição criada inicialmente na timeline do Media 100 é reproduzida fielmente...

mas, criar uma série de aliases e transferi-los para um novo folder contido na pasta do Media 100, o “Quick Launch Items”.
Se considerarmos que em breve o Mac OS X será uma realidade, com memória protegida, e com todos esses programas para vídeo e manipulação de imagens funcionando simultaneamente sem nenhum risco de “pau”, a conclusão a que se chega é de que a Media 100 está no caminho certo. **M**

JOÃO VELHO jvelho@cyberhome.com.br
É sócio da Digiworks, empresa de animação e pós-produção de vídeo digital.

...através dos layers do After Effects. Tudo igualzinho, inclusive com os efeitos e transições em separado

ProNotas

continuação

é para o Explorer, que permite apenas ver arquivos estáticos, sem animação (mas isso deve ser corrigido em breve).
O segundo é o plug-in de autoria, que está disponível para Illustrator 8.01 (Mac e Windows) e possibilita salvar a sua arte no formato SVG. Mas atenção: ele só funciona com a versão 8.01. Se você possui o Illustrator 8.0, é possível fazer o upgrade gratuito no site da Adobe.
Esses plug-ins foram betas ultra-secretos durante vários meses, e essa é a primeira vez que eles foram oferecidos para download público.
Adobe: www.adobe.com/svg/viewer/install

Sai novo servidor de QuickTime Streaming

Versão 2.0 é compatível com firewalls

O **QuickTime Streaming Server** está chegando à versão 2.0. O update veio com algumas novidades e correções de bugs. A nova versão permite que usuários que estejam atrás de firewalls em redes corporativas recebam o fluxo (*stream*) de áudio e vídeo. Permite também controlar o acesso com ferramentas de autenticação e aumenta o poder de replicar conteúdo para transmissões ao vivo.
QuickTime Streaming Server: http://asu.info.apple.com/swupdates.nsf/artnum/n11552

MP3!

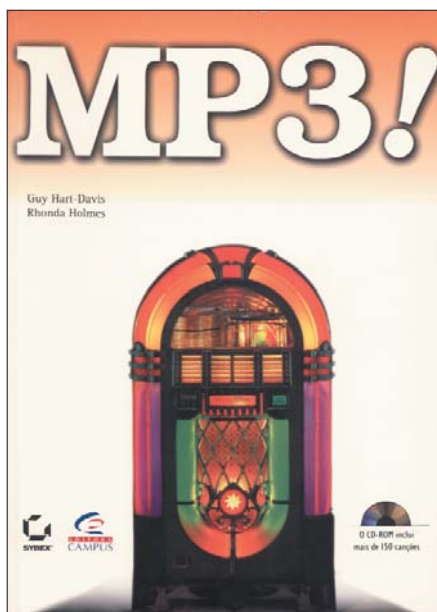
Um guia para quem quer cair na música digital

O livro MP3! é dirigido aos iniciantes e para quem entende um pouco do formato que revolucionou a distribuição musical. O livro explica detalhadamente como fazer para baixar músicas, disponibilizar faixas de CDs e gravá-los pela Internet. Até vai mais longe, mas pouco, muito pouco. Tendo como subtítulo "eu não sabia que você podia fazer isso" (tradução capenga do inglês - I didn't know you could do that), MP3! tenta ser um guia de novidades e de pontos obscuros da tecnologia de compressão de áudio. Bem dividido em seções que vão dos primeiros passos às "manobras avançadas", faz concluir que o público-alvo poderia ser mais amplo do que o indicado. O começo é bem mastigado e serve mesmo para quem nunca pensou em MP3 antes e o final pode servir para DJs ou músicos já versados em música eletrônica.

Os primeiros capítulos tratam de configuração, fones e alto-falantes; enfim, o básico para ouvir música no computador. O capítulo que trata da velocidade de conexão é um tanto inútil: necessitaria ser adaptado à realidade brasileira, pois a quase inexistência do acesso rápido faz com que o download seja quase um milagre.

Quando o assunto é pirataria, Napster e Newsgroups, o livro é bem ponderado sem entrar em discussões inflamadas. Seguindo para os aplicativos específicos para MP3, tanto de ripagem como de decodificação, o texto vai ficando mais complicado. Mesmo assim, o guia é bastante útil, com uma detalhada explicação do MacAMP e do uso do QuickTime e do RealPlayer, embora fale muito mais de programas para Windows . São mais de 80 páginas para programas de PC contra 16 de Mac. Pelo menos ganhamos do Linux, com um capítulo de dez páginas sobre o Grip.

Um acerto importante é a preocupação em explicar como levar o MP3 para além do computador. Apesar do capítulo de players portáteis se resumir ao óbvio, os que ensinam a tocar MP3 no carro, no palmtop ou no aparelho de som são muito interessantes. O final do livro é importante tanto para os músicos como para o público em geral. Um tutorial detalhado de programas e passos para gravar um CD são complementados por explicações sobre como divulgar músicas em sites de MP3. Ainda é possível aprender a montar um servidor SHOUTcast, embora o sonho de manter uma rádio online esteja bem longe das conexões brasileiras.

Já o CD-ROM que acompanha o livro é caidésimo. As 150 músicas (mais de 1000 na edição original) que restaram decepcionam. Enquanto o lado Windows vem com um monte de programas (Music Match, Real Player, SHOUTcast, Sonique, Winamp, AudioCatalyst, WinZip entre outros), o lado Mac traz apenas o MacAmp e o SoundApp. No geral, o livro não traz nada absurdamente novo. É realmente um guia para ajudar o usuário a se organizar no conturbado mundo musical da Internet. Depois, é só se esticar na poltrona e ouvir seus MP3.

MP3!
Editora: Campus
Autores: Guy Hart-Davis e Rhonda Holmes
Páginas: 264
Preço: R$ 34

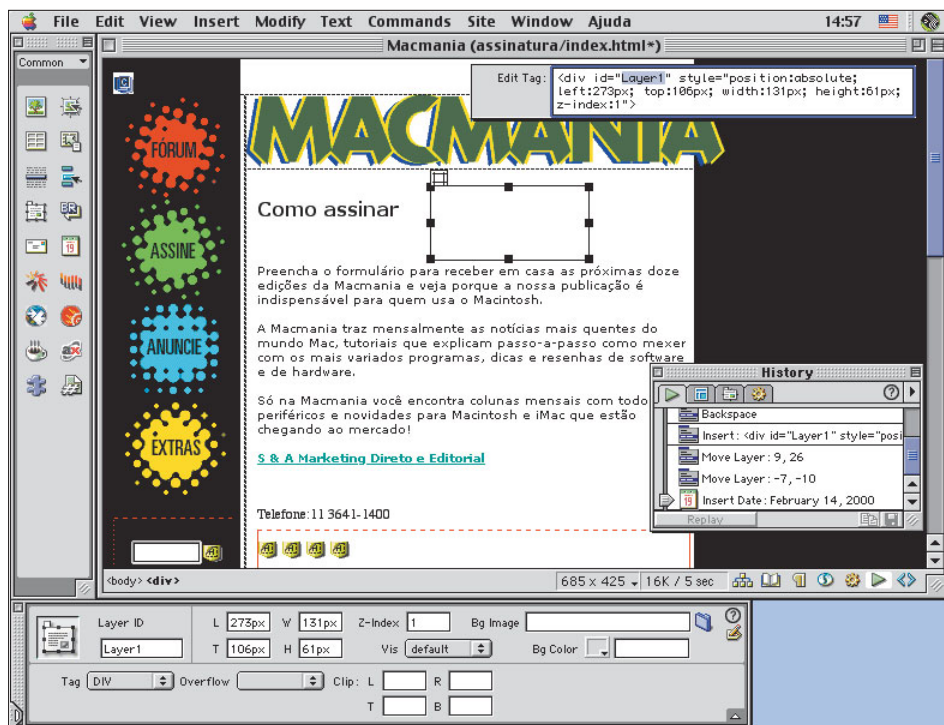
RENATA AQUINO

Dreamweaver 3

Editor de HTML é ferramenta indispensável para web designers iniciantes e proficças

Quando a primeira versão do Dreamweaver foi lançada em 1997, os web designers levantaram as mãos para o céu e deram graças por, finalmente, existir um "PageMaker" para Internet; um editor de HTML que, por sua simplicidade e recursos, facilitava a vida de quem trabalhava com Web. Se a versão 1 foi considerada a salvação dos profissionais, a segunda versão, lançada em 1998 (na qual adicionaram-se um gerenciador de sites e o refinamento das ferramentas de design avançadas), tornou-se ideal para qualquer um, usuários *high-profile* ou não. Agora, já em sua terceira versão, lançada em dezembro do ano passado, o Dreamweaver se qualifica como um dos melhores editores de HTML do mercado.

Histórico

As qualidades que o tornaram popular, como a facilidade de uso e a limpeza do código, continuam. Um recurso que aumentou ainda mais essa qualidade é o histórico, onde todas as suas ações são registradas em um formato gráfico

O Dreamweaver 3 cada vez mais concorre ao prêmio "Photoshop dos editores de HTML"

Para gregos e troianos

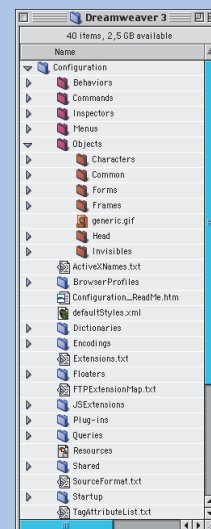
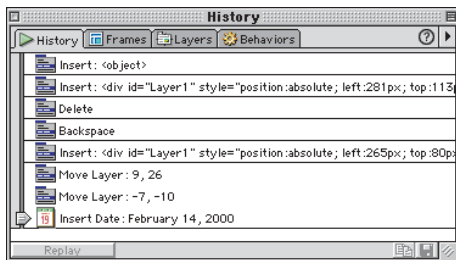
A nova versão do Dreamweaver satisfaz a gregos e troianos. Para "gregos" que sempre foram adeptos da produção de suas páginas utilizando ferramentas visuais, o Dreamweaver 3 trouxe várias novas ferramentas e possibilidades. Já os "troianos", sempre bem mais céticos e adeptos do bom e velho HTML feito na mão, podem se surpreender com as possibilidades apresentadas desta vez.

Tudo isso por causa do que a Macromedia chama de "Extensibility", que trocando em miúdos é a capacidade do usuário de implementar no software as suas próprias ferramentas, trechos de código, menus e comandos, proporcionando ao "troiano" mais tempo para realizar outras tarefas e menos desgaste, uma vez que ele pode se ver livre daquelas infindáveis tarefas repetitivas a que tinha que se sujeitar para fazer o HTML do seu jeito.

– "Poxa, mas quer dizer que eu preciso ser troiano para personalizar o Dreamweaver!?"

– "Não, amigo grego. Fique tranquilo."

Para criar e desenvolver suas próprias ferramentas, você precisa estar familiarizado com DOM (Document Object Model), JavaScript (para utilizar as funções implementadas pelo API JavaScript do Dreamweaver) e HTML, além de algum conhecimento de XML, que pode vir a ajudar um pouco. Mas, se você não tem esse conhecimento, pode encontrar na Web alguns bons sites com extensões criadas por outros usuários e que estão disponíveis para download (os links para esses sites estão no final do artigo).

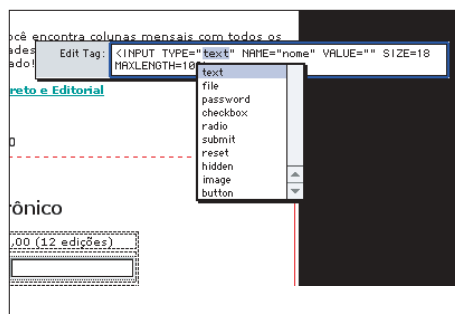
– "Tá. Tudo muito bonito, mas vamos aos

A palete History já devia existir há tempos

(se você recortou, colou ou inseriu um objeto). Com ele, você pode desfazer um comando mesmo após ter salvo o arquivo, além de poder reproduzir ou gravar tarefas que se repetem na forma de uma macro ou um JavaScript, podendo até editar o roteiro da macro. Funciona de maneira semelhante às Actions do Photoshop, ou seja, o típico recurso que você fica se perguntando "por que eles não fizeram isso antes?"

Palete de objetos

Além de reduzir o tempo em frente ao micro com comandos graváveis, os usuários também podem diminuí-lo personalizando estilos de Cascade Style Sheets, HTML e atalhos de menu e teclado, além de poder utilizar o bom e velho recurso de clicar e arrastar com a palete extensível de objetos. Com ela, há como inserir desde coisas complexas, como efeitos rollover para as páginas, objetos do Generator e filmes em Flash e Director, até datas, *mailto* e caracteres especiais (que no Dreamweaver 2 vinham como uma extensão gratuita, obtida no site da Macromedia).

Editor de tags

O editor instantâneo de tags HTML (Quick Tag Editor) também é uma mão na roda. Basta dar ⌘T para abrir uma janelinha pop-up que permite editar o código enquanto a página é visualizada. Chega de ficar indo e vindo entre o modo visual e o modo texto. Você também po-

O editor de tags mais rápido do Oeste

Pró: Novas ferramentas facilitam a edição de código HTML, importação de arquivos e trabalho em grupo

Contra: Versão Mac ainda é mais lenta que a Windows; código de páginas feitas em modo visual não é perfeito

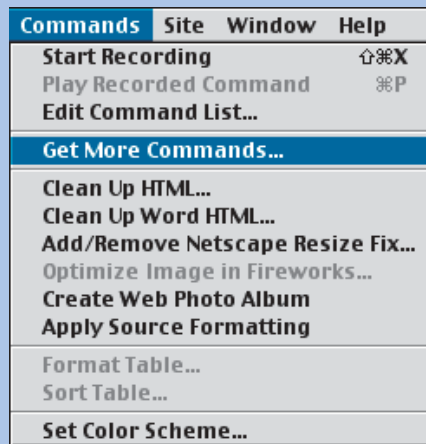
finalmentes... que papo é esse de extensão?" Bom, para começar, você pode ir abrindo a pasta Configuration dentro do diretório do Dreamweaver. É lá que tudo acontece.

Objetos (Objects)

Uma das pastas que você vai encontrar dentro de Configuration é uma chamada Objects, que é a que contém os objetos que você utliza.

Esses objetos não são nada além de arquivos HTML comuns. Você pode também criar um GIF medindo 18 x 18 pixels e colocá-lo na mesma pasta do HTML, com o mesmo nome. Essa figura vai ser a do botão que aparecerá na palete de objetos na próxima vez que você iniciar o Dreamweaver.

Comandos (Commands)

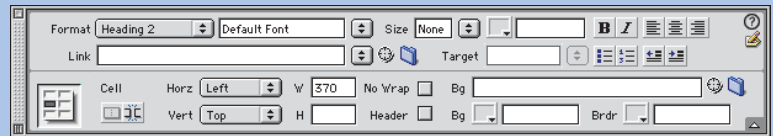
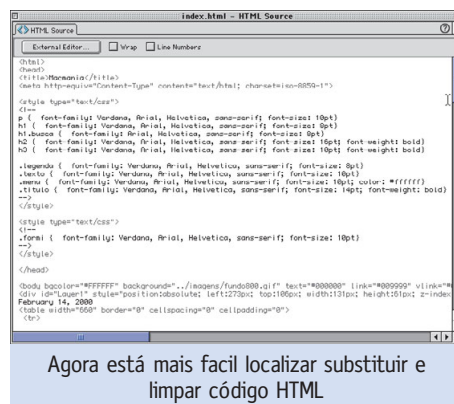
Comandos podem ser utilizados para fazer qualquer tipo de alteração em qualquer documento local aberto ou não pelo Dreamweaver. Da mesma forma que os objetos, os comandos são arquivos HTML, localizados na pasta Commands dentro da mesma pasta Configurations, que chamam um Javascript.
A diferença é que, ao criar objetos, você cria um bloco de código a ser inserido. Comandos são alterações, manipulação do HTML contido num arquivo. E ao falarmos em manipulação, é de JavaScript que estamos falando.

Com eles é possível, por exemplo, converter todas as tags de um documento para letra minúscula, colocar cada tabela de um documento dentro de um DIV diferente, ou até converter o texto de um HTML para a língua do pê!

Menus

É possível alterar o texto ou a instrução associada a qualquer item do menu. Dentro da pasta Menus você encontrará um arquivo XML chamado menus e uma pasta chamada MM. Grego, troiano ou ET, é bom que você faça um becape desse arquivo antes de mexer nele, só por precaução. XML tem dessas coisas... uma barra a menos e já era.
Bem, dentro deste arquivo estão listados todos os menus do programa. E você pode sim, alterar o texto de cada item à sua vontade. Se quiser criar um novo item, também pode, desde que siga rigidamente a sintaxe do XML. Se você não conhece XML, isso quer dizer que você precisa manter a mesma estrutura das outras linhas e, por mais que algo lhe pareça desnecessário, como aquela barra no final das tags, lembre-se que você está fuçando num documento XML e não num HTML.
Ao criar um novo ítem no menu, você precisa associá-lo a alguma instrução, que pode ser uma função do API do Dreamweaver ou alguma que você venha a criar e colocar dentro do diretório MM.

Caixas de Propriedades

(Property Inspectors)

Os Property Inspectors que você criar ou vier a utilizar servem para manipular as propriedades de objetos já existentes num documento aberto pelo Dreamweaver, como a borda de uma tabela, a largura de uma figura ou até para qual site de busca deve ser enviado o formulário que você está criando. Tudo depende do objeto que você está utilizando e da caixa de propriedade que o está alterando.
As caixas de propriedade devem ser colocadas dentro da pasta Inspectors e têm um formulário de HTML onde o usuário passará os parâmetros e um arquivo com Javascript que os

de editar image maps diretamente no documento, sem precisar ir para uma janela nova. Uma palete com estilos de HTML (HTML Styles) permite criar e aplicar facilmente estilos em caracteres ou parágrafos.
Além disso, o programa traz novas ferramentas para manutenção de sites, como uma de sincronia dos arquivos remotos com os locais (Synchronize Files), função que até agora era uma das vantagens de seu principal concorrente, o GoLive da Adobe.
Foi dada uma grande ênfase também nas ferramentas de trabalho em grupo, como observações que podem ser vinculadas a determinado código HTML e não são publicadas no site. O Design Notes acaba finalmente com um dos maiores problemas que aparecem quando várias pessoas trabalham num mesmo site: saber quem foi a última pessoa que mexeu no arquivo ou o que cada arquivo está fazendo em cada lugar.
Dois recursos que já apareceram no Dreamweaver 2 foram aprimorados nesta terceira versão: o comando de localizar e substiuir globalmente e o Clean Up HTML. No replace

Agora está mais facil localizar substituir e limpar código HTML

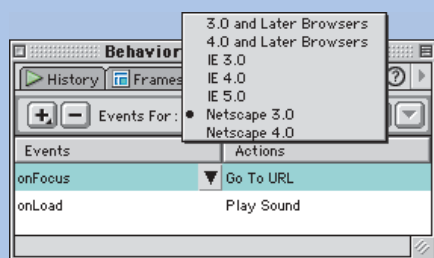
(Control H), não só é possível substituir texto (sensível a HTML e tags), expressões ou seleções arbitrárias no documento, site ou pastas por qualquer outra coisa, mas também ao alterar o local ou arquivo, o Dreamweaver atualiza automaticamente os vínculos existentes. Já o "limpador" de HTML deixa sua página mais leve ao editar redundâncias e combinar tags de fontes, eliminar comentários e tags vazias, sem contar com a possibilidade de limpar automaticamente código HTML produzido no Word.
A integração com objetos de outros softwares ou com outros formatos, como XML e DHTML já vem da segunda versão, mas a integração que mais impressiona é a do Dreamweaver 3 com o pacote Office, que facilita a vida de quem tem que portar para a Web trabalhos produzidos nos onipresentes programas da Microsoft. Os textos do MS-Word são os mais fá-

Fique ligado

DOM (Document Object Model):
Estrutura que define a organização do conteúdo de um documento segundo uma árvore, dividindo-o em módulos que podem ser acessados e manipulados individualmente.
API (Application Program Interface):
Conjunto de informações que permite a comunicação entre o usuário e a estrutura do programa.

recebará e manipulará o HTML de acordo com esses parâmetros.

Comportamentos (Behaviors)

Antes de mais nada: por favor, a tradução para o termo Behaviors é meramente didática. Diferente de um comando que executa uma ação SOBRE um "Objeto", os ...vá lá, comportamentos são a maneira como um objeto irá se comportar se determinada ação (evento) acontecer. Por exemplo, sempre que o usuário passar o mouse sobre uma imagem (evento), se deseja que seja tocado um determinado som (ação).
E é a união de um evento a uma ação aplicados a um objeto que define um Behavior.
Dentro do diretório Events você encontrará um HTML caracterizando os eventos suportados por cada tipo de navegador.

Dentro do diretório Actions você poderá colocar as ações que você quer utilizar para associar determinados comportamentos aos seus objetos.

Todos satisfeitos ?

Ainda não. Para quem exige HTML perfeito e otimizado o Dreamweaver ainda não está cem por cento, embora esteja cada vez mais perto disso.
Já existem plug-ins à venda na Web e diversas empresas produzindo extensões bem interessantes para todo o tipo de uso.
Tudo leva a crer que a Macromedia conseguirá abraçar um número bem maior de profissionais que produzem páginas para a Internet. Reduzindo assim, ainda mais a distância entre Gregos, Troianos e até povos bem mais "distantes"...

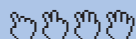
Links para extensões

http://people.netscape.com/andreww/dreamweaver
www.idest.com/cgi-bin/database.cgi
www.macromedia.com/menu_url/dreamweaver/3.0/commands/

MARCELO PEDRONE marcelo@organic.com.br

ceis de se trabalhar. É só salvar o .doc em .HTML e, ao abri-lo no Dreamweaver, dar o comando "limpar HTML do Word", que remove as marcas exclusivas do Word que ocupam um espaço gigantesco dentro do código fonte.
Também é possível importar conteúdo do Access ou Excel, utilizando o Dreamweaver para editar as tabelas, como se estivesse no Word ou no Excel (incluindo aí as facilidades de classificação de tabelas, conversão de texto em tabelas e formatos predefinidos e editáveis).
O Dreamweaver só não leva a nota máxima em nossa avaliação, porque alguns dos problemas das versões anteriores persistem. A versão Mac ainda é mais lenta que a de PC e ainda não é 100% estável, fechando inexplicavelmente o programa a qualquer problema. E não adianta, o mito do programa WYSIWYG para a Web ainda é isso: um mito. Se você faz uma tabela, fixa a largura das TDs e depois faz um resize dela visualmente, o Dreamweaver não corrige a largura das TDs no código. Ou seja, ainda é preciso (pelo jeito vai ser sempre) ficar de olho no seu código para ter resultados consistentes.
Mas, ao que parece, a Macromedia fez sua lição de casa, ouviu seus usuários e conseguiu melhorar bastante seu produto, devendo dar muito trabalho à concorrência. A inclusão do Fireworks (programas de edição de imagens para web) em um pacote junto com o Dreamweaver é um firme contra-ataque a Adobe. A integração entre os dois programas e grandes melhorias no FireWorks fazem dele finalmente uma alternativa séria ao Photoshop (mas isso já é outra resenha). M

RAQUEL HOSHINO
hoshino@journalist.com
Escoteira e jornalista que utiliza um micro mezzo PC mezzo Mac para trabalhar.

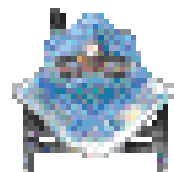
DREAMWEAVER 3.0

Macromedia: 11-5185-2825
www.macromedia.com/br
Preço: R$ 570

Star Wars Episódio I: Racer

Como diria Obi-Wan Kenobi, fé na Força e pé na tábua

Visual alucinante, desafios enormes. Mesmo quem odiou o filme vai se esbaldar com o Racer.

Com a bênção da espada Jedi, os macmaníacos brasileiros ganham mais um jogo para seus queridos computadores coloridos. Tudo bem que já tem mais de seis meses que sairam o filme e as versões para PC, Nintendo 64 e PlayStation, mas tanta espera valeu a pena para termos um jogo com embalagem e manual escritos em português (coisa difícil de ter no nosso mundo Mac no Brasil) e com a distribuição da BraSoft para as lojas, o que significa facilidade para achar e comprar.

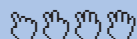
O jogo todo é uma competição entre Pods (pequenas naves, puxadas através de cabos, por dois motores que ficam à frente do piloto) através de desertos, lagos congelados, estações espaciais e todo tipo de terrenos de oito mundos diferentes, distribuídos por 21 pistas. O jogo é baseado em uma seqüencia do filme "Star Wars Episódio I: A Ameaça Fantasma", quando Anakin Skywalker (o futuro Darth Vader) compete em uma corrida alucinante contra os seres mais esquisitos do universo. Você pode pilotar a nave dele ou mais 21 outros Pods, cada um com sua característica.

Os gráficos são maravilhosos, usando toda a potência do OpenGL e o ótimo processamento gráfico que os Macs têm hoje (a esta altura, você já sacou que ele não vai rolar naquele seu Performinha velho de guerra). Os requisitos básicos de sistema segundo a embalagem são: G3/233 MHz, sistema 8.1, 32 MB de RAM e memória de vídeo de 4 MB. Funcionou até que bem em um iMac 233 e em um iBook, mas é óbvio que tudo fica muito melhor em um G3 ou G4 ou em iMacs com velocidade superior a 333 MHz. Em um G3/400, funcionou perfeitamente: gráficos ótimos, com todos os efeitos de brilhos, fumaça e cenários distantes.

O controle do jogo é bem simples: basta correr muito para chegar em primeiro lugar, desviar de tudo e de todos e sempre se manter no caminho certo. A primeira coisa que todo mundo pergunta é se dá para atirar nos outros corredores. A resposta é não (bom, pelo menos esse jogo não vai ser proibido por ser violento). O máximo que você pode fazer é dar um "chega pra lá" nas outras naves para tirá-las da

Pró: Gráficos muito atraentes; dá para jogar em computadores menos velozes; algumas fases são bem desafiadoras
Contra: Ambiente às vezes meio infantil; desafios sempre iguais (chegar na frente); não é recomendado para quem enjoa facilmente

competição e vê-las capotando ou se esborrachando em um pedregulho. Os controles do jogo são poucos para o teclado, mas suficientes: tudo o que você precisa é acelerar, virar, subir e descer e eventualmente frear. O jogo fica muito melhor se jogado com um joystick, mas não é compatéivel com o InputSprocket. Existe a opção do jogo multiplayer também, onde você pode jogar em uma rede local com os seus colegas ou via Internet com algum amigo (mesmo ele tendo um PC). O chato de jogar em uma rede é que ele pede o número IP da máquina que iniciou o jogo, em vez de mostrar automaticamente que existe um jogo em andamento e dar opções de participar do jogo. Felizmente, o número IP fica bem à mostra na máquina que iniciou o jogo em rede, o que facilita quando você tem que dizer a todos o seu endereço. Jogar contra amigos é bem legal (ainda mais se forem muitos) e ainda traz a opção de insultar os companheiros (claro que tudo em inglês, já que nada do jogo foi traduzido).
O jogo todo é bem divertido, com filminhos que dão aquele pique épico-espacial entre uma fase e outra, e é bastante desafiador, com fases gradativamente mais difíceis que a anterior. É possivel que, com o tempo e com todas as fases completadas, você acabe enjoando dele. Na verdade, várias pessoas que jogaram enjoaram de verdade e tiveram que dar uma volta para recomeçar a jogar depois. Portanto, se você é daqueles que mareia em pedalinho, nem tente jogar Racer. Na soma total, é um bom jogo. Vale a pena experimentar, mesmo se você odiou o novo episódio de Guerra nas Estrelas.

DOUGLAS FERNANDES
douglasf@mac.com

STAR WARS: EPISÓDIO I RACER

Quem faz: www.lucasarts.com
BraSoft: 11-285-5344
Preço: R$ 69

ADILSON SECCO

FreeHand 9.0

O mamute está cada vez mais gordo

Devo estar chegando a dez anos de trabalho com o FreeHand. No começo, tudo era festa. Ainda lembro bem o quanto ficava boquiaberto com a velocidade a intuitividade do programa. Uma gracinha de software. Tinha um pequeno problema ao lidar com caixas de texto — mas qual programa de ilustração não tinha?

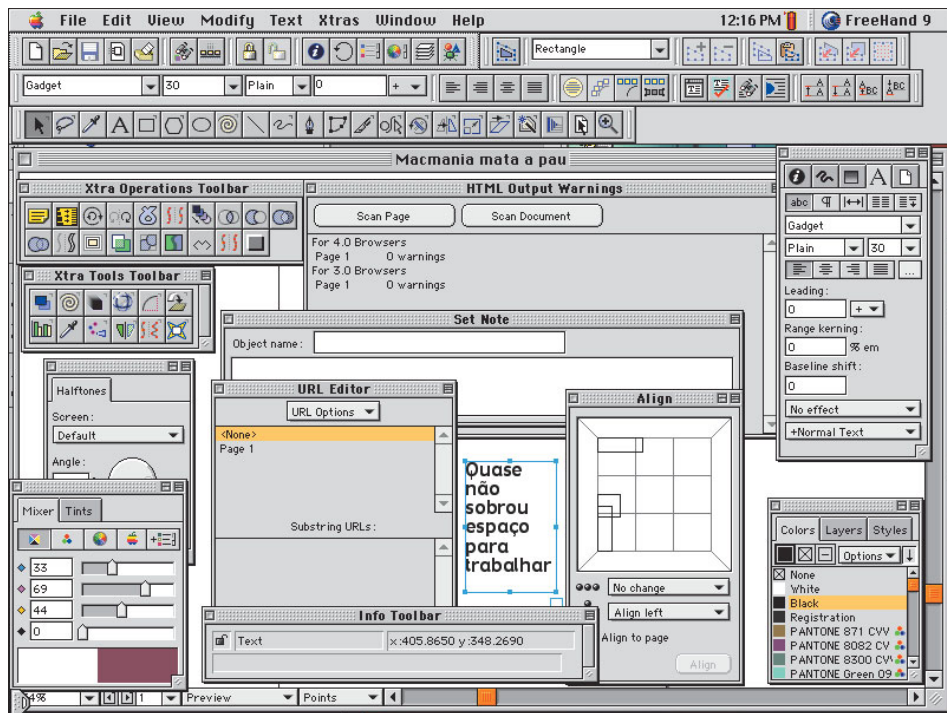
Lembro também do fiasco que foi a versão 4. Cheia de bugs e meio esquisitona. Achei precipitado o lançamento.

Novamente me encantei com o lançamento do 5.1. Isso sim, valia a pena. Nesse momento, comecei a lidar mais de perto com arquivos em Illustrator, até mesmo pela possibilidade de importar seus Xtras e Plug-ins. Ué? Então, o FreeHand não estava tão à frente assim? Dava o braço a torcer com esse gesto magnânimo de assumir sua fragilidade diante do principal oponente. Aí tinha coisa.

Muito bem, esse blablablá foi somente para dizer que, a partir da versão 5, a impressão que tenho é de que a Macromedia está correndo atrás da Adobe no que se refere às inovações. Se você já teve a oportunidade de "brincar" com o Illustrator 8.0, ou mesmo com o FreeHand 8.0, vai sofrer uma certa decepção quando iniciar a versão 9. Confesso que, ao ser convidado para testar essa versão, corri ao site da Macromedia para me antecipar ao recebimento do software e quebrei a cara. Para quem trabalha com mídia impressa, ficam faltando algumas coisas que o oponente lançou e que fazem uma falta danada para a turma do papel.

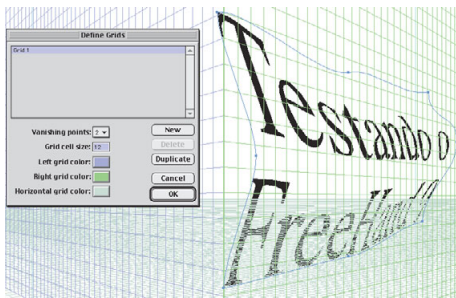
Um exemplo disso é a ferramenta para a produção de gráficos, que no Illustrator 8 é sensacional, podendo você mesmo criar diversos tipos de barras, linhas, pizzas ou queijos com desenhos inusitados, que podem ser totalmente automatizados.

Outro exemplo é a matadora ferramenta de gradientes múltiplos dentro de uma mesma área, que elimina a necessidade daqueles monstrengos cheios de blends.

Não sei qual é a proporção de usuários de FreeHand para saída em papel e Internet, mas é fato que não se pode abrir mão de um em função de outro, ao menos quado se trata de um produto consagrado. Ao que parece, a Macromedia fez a opção pela Web. A maioria das inovações atribuídas ao programa são relacionadas ao Flash, tecnologia que a empresa conseguiu transformar em padrão para ilustração vetorial na Web.

O paletismo, o mal do século das interfaces gráficas, infecta o FreeHand há várias encarnações

Vamos às inovações

Grids em perspectiva

É algo que realmente faltava para os designers e infografistas que não têm habilidade com softwares de 3D. Ajuda um bocado, principalmente com a possibilidade de "atachar" objetos ao grid e movê-lo em perspectivas com um, dois ou três pontos de fuga.

Live enveloping

É o mesmo Xtra já conhecido pelos usuários do programa, só que agora sem precisar de caixa de diálogo. Permite distorcer grupos de objetos na própria página. Isso inclui letras! Coisa que antigamente era impossível sem convertê-las para paths.

Blends especiais

Você certamente se lembra que não era possível realizar um blend de grupos de objetos. Agora pode. Tem também recursos para edição de animações e uso em Flash.

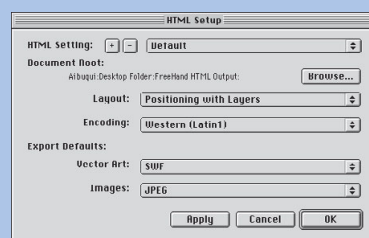
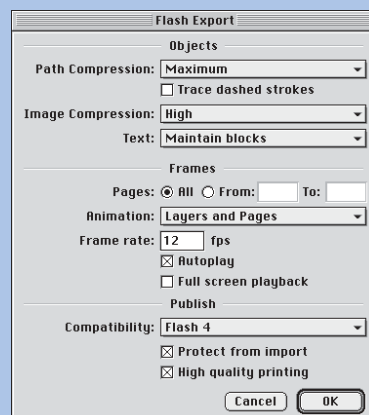
Autotrace mais veloz e preciso

Com possibilidade de conversão de cores em RGB (mais uma vez, a WEB).

Page Tool

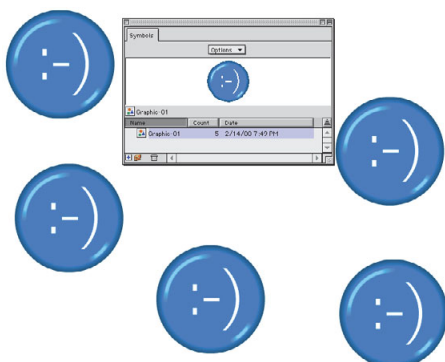
Ferramenta com a qual se pode facilmente duplicar, mover ou rearranjar a ordem das páginas em um documento.

Desintegrando a integração com a Web

A Internet está nas empresas, nos lares, nas páginas dos jornais, nos outdoors, no enredo dos filmes, no enredo das escolas de samba, em todo lugar. Por isso, a cada nova atualização, os programas trombeteiam uma maior integração com a tal da Internet. O FreeHand não é uma exceção: a versão anterior já exportava no formato Flash 2 e possuía um URL Editor. Lendo o material de imprensa da Macromedia, tem-se a impressão que o programa finalmente vai exportar suas páginas direto para a Web, mas não é o que acontece. Numa bela janela chamada HTML Output Assistant, você escolhe que páginas vai exportar, se quer maior ou menor compatibilidade com os diversos browsers, em que formato vai salvar seus bitmaps e desenhos vetoriais (GIF JPEG, PNG e SWF), etc. Mas na “hora do vamos ver” converte textos em figuras, às vezes não consegue transformar um TIFF em um JPEG, deixa algumas imagens muito pesadas, cria tabelas desnecessárias, enfim, não cumpre o prometido. Mas se pensarmos que até hoje os softwares WYSIWYG feitos apenas para criar páginas de Web não conseguem gerar um código HTML decente, veremos que não se podia esperar muito de um programa de ilustração. Mas nem tudo está perdido. Na hora de exportar as animações no formato Flash é que o novo FreeHand mostra a que veio. Basta colocar cada etapa de sua animação em um layer diferente, acertar a velocidade (frames por segundo) e tcharam! Seu banner em Flash está pronto. Para quem vive lutando para deixar seu GIF animado mais leve, é uma mão na roda. Para quem não tem ou não sabe mexer no Flash, o FreeHand 9 é a salvação da lavoura.

Novas unidades de medida

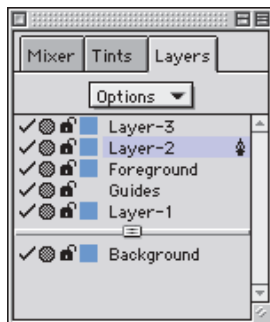
Interessante para quem costuma trabalhar com mapas ou desenhos mais técnicos. Você pode escolher escalar em pés, jardas, milhas, milhas náuticas, metros, quilômetros e ainda didots e cíceros. Estes últimos a turma antiga, que lidou com diagramação em papel, não esquece.

Symbol Library

Simpática para quem vai construir um desenho onde haja repetição de ícones ou de um logotipo, por exemplo. Você copia os elementos gráficos para dentro da Library e eles passam a ser identificados como um elemento “linkado”, deixando o arquivo final mais leve. Também é interessante para quem criar templates que podem ser usadas com diferentes clientes.

 Pró: Maior integração com Flash, nova ferramenta de perspectiva, maior domínio de múltiplas páginas

 Contra: Ainda atrás do Illustrator em alguns quesitos, não exporta HTML direito

Layers

Agora com a opção de “merge all” ou “merge foreground”. Coisa que quem trabalha com Photoshop conhece de cor. Há também um indicador do layer ativo. Parece que não, mas sem essa indicação, às vezes a gente esquece de onde está trabalhando e acaba sobrepondo objetos onde não devia. A grande mudança, no entanto, é a possibilidade de exportar arquivos com layers e abri-los em Photoshop, Fireworks ou ImegeReady com os mesmos layers.

Lasso

Outra ferramenta que, antes de usar, não sabia o que tinha de bom. Aí me dei conta. Quando a área de seleção era quadrada, você sempre acabava pegando coisa a mais do que pretendia. Agora pode contornar objetos sem selecioná-los.

Arquivos de múltiplas páginas em PDF

É uma invasão no território do adversário, já que quase a totalidade das brochuras em PDF que vi até hoje são produzidas em Illustrator. A sensação final é de que houve avanços interessantes, mas que ficaram devendo aos fãs declarados do programa que trabalham para a midia impressa. Ainda não dá para desinstalar o Illustrator.

ADILSON SECCO
É infografista.

FreeHand 9.0

Macromedia: 11-5185-2825
www.macromedia.com/br
Preço: R$ 800

Jornalismo brasileiro não roda em Mac OS

Vamos parar um momento de meter o pau na Apple e falar sobre um outro assunto importante. Tenho uma teoria: o jornalismo tradicional brasileiro não é compatível com Macintosh (tá, não é exatamente uma tese de doutorado).

Fiz PUC (não na frente dos outros) em São Paulo, me formei em Jornalismo e escrevo sobre informática já faz uns seis anos. Acompanhei a Macmania desde o primeiro número (e nem tinha um Mac ainda), pois ela sempre refletiu minha crença de que uma publicação (não só de informática) desse tipo tem que ser humana, falando português de gente, sem seguir todas as regras e normas bobas que aprendemos na faculdade e nas redações "sérias". Não estou puxando o saco, não. Desde o início dava para perceber que quem escrevia na revista eram pessoas apaixonadas e conhecedoras do assunto. O bom humor e a linguagem despojada eram (ou melhor, são) os temperos especiais que conquistavam (e ainda conquistam) o leitor.

Tudo isso é basicamente o oposto do que se vê na área jornalística, principalmente de informática. Na minha visão, as revistas "especializadas" – em sua maioria, pecezistas assumidas – seguem de um modo geral uma cartilha rígida e besta, que gera textos superficiais e permite no máximo o humor infantil e infame.

Mas o buraco é bem mais embaixo. A verdade é que são poucas as revistas sobre tecnologia que oferecem informações confiáveis ou idôneas e que sabem resistir ao marquetchim exacerbado que contamina endemicamente o jornalismo brasileiro. Essa submissão ao mercado frequentemente é inconsciente por parte do jornalista de baixo escalão, que está apenas tentando sobreviver nas redações cada vez mais enxutas.

> Muitos dos jornalistas especializados entendem muito pouco de computador ou de tecnologia

Um fator determinante e óbvio para a escassez de cabeças pensantes é o peso da filosofia neoliberal dentro e fora das empresas. Porém, outro ponto relevante é a ignorância tecnológica por parte de quem escreve. Pode ser surpresa para o leitor, mas muitos dos repórteres, redatores e até mesmo editores de publicações especializadas entendem muito pouco de computador ou de qualquer coisa ligada à tecnologia.

No entanto, o leitor costuma partir do pressuposto de que quem escreve na revista entende do assunto. Pois é, nem sempre. E o resultado disso é o desrespeito ao leitor (que nem sabe que está sendo desrespeitado) e um festival de bobagens. E se é assim em revistas de informática, o que dizer de revistas de variedades como a Veja?

No final das contas, fica aquela falsa imagem de que jornalista é um ser especial, que pode escrever sobre qualquer assunto. É como alguém formado em medicina que decide ser imunologista sem ter feito especialização nenhuma.

Ou seja, é preciso ter credenciais ou, pelo menos, alguém para segurar as pontas.

Para falar sobre Macintosh, não dá para ser assim, pois você não está falando com um público qualquer. Trata-se de uma comunidade unida, que nadou contra a corrente e fez uma opção consciente pelo Mac. Uma decisão, muitas vezes, até ideológica. No meu caso, recebo emails de leitores elogiando minhas matérias. Devem achar que sou um gênio do Mac.

A verdade é que, como qualquer bom jornalista ou similar, geralmente tenho que aprender uma série de coisas antes de escrever qualquer texto mais detalhado. Nos momentos de dificuldades, posso sempre contar com os verdadeiros "gurus" desta revista: nossos colaboradores. Eles não são jornalistas, mas são a pedra fundamental da Macmania. Na realidade, temos o privilégio de ter parte da "elite intelectual" do Macintosh para nos apoiar. É essa comunidade unida e apaixonada por Mac que sustenta e dá credibilidade à revista.

Se esse é o motivo de a Macmania ser, por enquanto, a única revista sobre Mac do país, eu não sei. Mas garanto que é por isso que nossos leitores costumam gostar e confiar na revista.

Em resumo, para escrever sobre Macintosh é preciso manter o espírito Mac vivo. E só quem tem um pode entender o que isso significa. Não é uma paixão pela máquina em si, mas pelo conceito que ela representa.

MÁRCIO NIGRO
Não gosta de ser chamado de jornalista.